



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**LEONARDO LIMA SANTOS**

**ASCENSÃO DE BOLSONARO AO GOVERNO: UM ESTUDO DE CASO DE UMA  
CIDADE DO INTERIOR DA BAHIA**

Salvador

2021

**LEONARDO LIMA SANTOS**

**ASCENSÃO DE BOLSONARO AO GOVERNO: UM ESTUDO DE CASO DE UMA  
CIDADE DO INTERIOR DA BAHIA**

Dissertação para apresentação ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obter título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis Zimmermann

Salvador

2021

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

Santos, Leonardo Lima,  
S237 Ascensão de Bolsonaro ao governo: um estudo de caso de  
uma cidade do interior da Bahia / Leonardo Lima Santos. – 2021.  
133 f. : il.

Orientador: Prof.<sup>o</sup> Dr.<sup>o</sup> Clóvis Roberto Zimmermann  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia.  
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador, 2021.

1. Brasil - Política e governo - 2018. 2. Bolsonaro, Jair Messias,  
1955 – Brasil. 3. Guerra - Aspectos econômicos – Brasil. 4. Movimentos  
sociais – Itaberaba (BA). 5. Ditadura. I. Zimmermann, Clóvis Roberto. II.  
Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências  
humanas. III. Título.

CDD: 320

LEONARDO LIMA SANTOS

**ASCENSÃO DE BOLSONARO AO GOVERNO: UM ESTUDO DE CASO DE UMA  
CIDADE DO INTERIOR DA BAHIA**

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Clóvis Roberto Zimmermann (Orientador) - UFBA

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marcia Rosane Vieira (Doutora em ciências sociais UFBA)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Victoria Espiñeira Gonzalez (Doutorado em Filosofia e Ciência da  
Educação - Universidade de Santiago de Compostela, USC, Espanha).

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer profundamente a minha mãe, Ronildes Lima, que foi meu chão em toda minha vida. Sem ela, entrar na universidade e obter esse título, não seria possível. Agradecer muito a ela, porque foi mãe solo, por acreditar em mim e no meu processo dentro da universidade, por me ajudar com um dinheiro que podia para me sustentar na Casa dos Estudantes de Itaberaba, onde morei por anos. Por me fortalecer sempre com seu exemplo e amor. Te amo mãe! Gostaria de agradecer ao meu filho, Mateus, que me fortaleceu sempre, meu menino; ele me ajudou a ter garra necessária para buscar tudo que estou conquistando. Sem ele não teria como arrancar forças diante das grandes dificuldades. Gostaria de agradecer também a minha namorada, Emile, por me ajudar muito no momento final da dissertação, com apoio, carinho e amor. Agradecer também ao meu orientador Clóvis pelos ensinamentos e paciência durante todo o processo. Gostaria também de agradecer profundamente também ao Movimento Negro, Movimento Indígena e ao governo Lula por terem conquistado, após muita luta, as cotas raciais e cotas para escola pública, um portal a partir do qual, eu e milhares de não brancos, pudéssemos adentrar a universidade pública. Assim, meu profundo agradecimento a todos que me fortaleceram para chegar até aqui, com a força de todos, pois nunca fazemos nada só, nada. Um abraço forte em todos. Obrigado!

## RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo compreender as motivações sociais que influenciaram os bolsonaristas a apoiarem socialmente e politicamente Bolsonaro na chegada ao governo na cidade de Itaberaba-BA. Esta uma cidade localizada no Piemonte do Paraguaçu, no entroncamento da Chapada Diamantina. Procurei analisar a votação dos candidatos à presidência em 2018, principalmente no Nordeste, na Bahia e na cidade de Itaberaba. Posteriormente, pesquisei estas influencias a partir da análise da comunicação de massas do Facebook de um grupo bolsonarista da cidade: Direita Chapada. A análise foi realizada a partir dos eventos, carreatas dos bolsonaristas na cidade realizadas antes da eleição. As entrevistas que realizei deram conta de convergir tais influencias socioculturais da mobilização social bolsonarista na cidade com os eventos; levando a interpretar esse processo como uma Guerra Cultural, no sentido de possibilitar a formação de subjetividades políticas autoritárias: uma subjetividade bolsonarista. As categorias socioculturais e políticas como o *antipetismo*, a *ideia de mudança\outsider*, o *racismo velado*, a *defesa da família nuclear\patriarcal\cristã\branca* e o *militarismo* emergiram dos eventos e das entrevistas. Portanto, a partir desse estudo de caso, compreendi que a mobilização social bolsonarista por uma Guerra Cultural estruturou a base de apoio social bolsonarista na cidade de Itaberaba.

Palavras-Chave: Bolsonaro, Guerra Cultural, Bolsonaristas, Extrema-direita

## **ABSTRACT:**

This work aims to understand the social motivations that influenced Bolsonaristas to socially and politically support Bolsonaro when he took office in the city of Itaberaba-BA. This is a city located in Piemonte do Paraguaçu, at the junction of Chapada Diamantina. I tried to analyze the voting of presidential candidates in 2018, mainly in the Northeast, Bahia and the city of Itaberaba. Subsequently, I researched these influences from the analysis of the Facebook mass communication of a Bolsonarista group in the city: Direita Chapada. The analysis was carried out from the events, the Bolsonaristas' motorcades in the city held before the election. The interviews I conducted showed that such sociocultural influences of the Bolsonarista social mobilization in the city converged with the events; leading to interpret this process as a Cultural War, in the sense of enabling the formation of authoritarian political subjectivities: a Bolsonarist subjectivity. Sociocultural and political categories such as antipetismo, the idea of change\outsider, veiled racism, the defense of the nuclear\patriarchal\Christian\white family and militarism emerged from the events and interviews. Therefore, from this case study, I understood that the Bolsonar social mobilization for a Cultural War structured the Bolsonarist social support base in the city of Itaberaba.

Keywords: Bolsonaro, Cultural War, Bolsonaristas, Far-right

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>OBJETIVO GERAL</b> .....	6
<b>OBJETIVOS ESPECÍFICOS</b> .....	6
<b>METODOLOGIA</b> .....	6
<b>CAPÍTULO I. GUERRA CULTURAL</b> .....	10
Introdução .....	10
1.1. Guerra cultural em discussão.....	12
<b>CAPÍTULO II. EXTREMA DIREITA OU A “NOVA DIREITA” NO MUNDO E NO BRASIL NO PÓS 2010</b> .....	<b>19</b>
2.1. Extrema-direita ou a “nova direita” no mundo contemporâneo.....	22
2.1.1. Mundo multipolar e as crises atuais .....	24
2.1.2. Crescimento da extrema direita na Europa na última década .....	27
2.2. A “nova direita” ou extrema-direita no Brasil no pós 2010.....	37
2.2.1. Aspectos políticos do contexto da polarização política e da mobilização da “nova direita” e da extrema-direita no Brasil pós 2010 .....	39
2.2.2 A nova direita das ruas: mobilizações de rua do novo conservadorismo .....	44
2.2.3. A Lava Jato como expressão da “nova direita” ou da extrema-direita jurídica	49
2.2.4 O fundamentalismo evangélico na política: os evangélicos conservadores como “nova direita” .....	53
<b>CAPÍTULO III. ASCENSÃO DE BOLSONARO AO PODER E O BOLSONARISMO</b> .....	<b>59</b>
3.1. Bolsonaro como expressão da extrema direita .....	60
3.2 O Bolsonarismo: Bolsonaro e sua base social .....	65
3.2.1. Os Bolsonaristas .....	69

<b>CAPÍTULO VI. ASPECTOS DA FORMAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE ITABERABA E A MOBILIZAÇÃO SOCIAL BOLSONARISTA NA CIDADE EM 2018.....</b>	<b>77</b>
Introdução .....	77
4.1 Cidade de Itaberaba-BA: colonização e formação socioracial e econômica .....	79
4.2. Transformações político-institucionais de Itaberaba no contexto de formação da cidade.....	91
4.3. Política de Itaberaba no século XXI: eleições municipais e presidenciais.....	94
<b>CAPÍTULO V. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....</b>	<b>110</b>
Introdução .....	110
5.1. Descrição e aspectos da comunicação de massa dos eventos bolsonaristas .	113
5.2. Análise das entrevistas.....	119
<b>CONCLUSÕES.....</b>	<b>141</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>144</b>
REPORTAGENS DE SITES:.....	148
<b>APÊNCIDE 1: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....</b>	<b>151</b>
<b>APENDICE 2: FACEBOOK DO GRUPO DIREITA CHAPADA.....</b>	<b>ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.</b>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa que realizei foi na cidade de Itaberaba-BA. Realizei um estudo de caso sobre o bolsonarismo na cidade. Um dos desafios em pesquisa nas ciências sociais e humanas, na minha avaliação, é sem dúvida, o crescimento de partidos de extrema direita na Europa e no mundo. Esse processo deve ter impacto profundo na sociedade civil organizada e em acadêmicos, engendrando preocupações sociais políticas e teóricas, de uma conjuntura política extremamente singular e complexa. É também uma questão a ser discutida em relação as relações sociais, a democracia, diante das profundas desigualdades que o país está vivendo. A inimaginável ascensão de Bolsonaro na adesão social e política no Brasil para concorrer às eleições de 2018, me deixou perplexo e decidi com meu orientador estudar esse processo.

No acontecimento das eleições, entre o primeiro e o segundo turno, me coloquei a questão: quais motivações que permitiram os bolsonaristas apoiarem o bolsonarismo em 2018 cidade de Itaberaba-BA? A partir de eventos, fotos e vídeos, e entrevistas surgiram categorias e temas sobre questões morais, costumes, modo de vida, questões sexuais, de gênero e raciais. Na minha compreensão houve uma mobilização social a partir de uma Guerra Cultural, deslocando pautas econômicas, e centralizando os embates da Cultura. Como usada guerra, através das redes sociais. Esse processo mobilizou as motivações dos bolsonaristas da cidade.

A questão da democracia sempre vai ser o horizonte das atuações políticas das forças sociais para a melhora das desigualdades no nosso país. No sul global, a democracia se estruturou permanentemente instável, historicamente, nos países coloniais e dependentes. As análises institucionalistas colocam a democracia como um pacto social e político que estabelece limites institucionais para atuação política. Porém, o que é preciso compreender são as relações das questões econômicas e culturais próprios do nosso tempo: neoliberalismo na Colonialidade, e a Cultura

relacionada a indústria cultural e a Big data<sup>1</sup>. Parto da ideia da Colonialidade do Poder pois “aqui (América Latina) se configuraram e se estabeleceram a colonialidade e a globalidade como fundamentos e modos constitutivos do novo padrão de poder” (QUIJANO, 2005)<sup>2</sup>. Desse modo, talvez estejamos vivendo um momento de pós-democracia como alerta Balestrin. O neoliberalismo no momento atual, como demonstra Laval, atua em uma lógica fora dos parâmetros da democracia representativa, fomentando golpes de estado, bloqueios econômicos e desestabilização de governos não alinhados com suas diretrizes geopolíticas. Sendo assim, Balestrin<sup>3</sup> é coerente sobre a análise da democracia: uma forma autoritária reflexo da Colonialidade e do capitalismo atualmente (BALLESTRIN, 2018).

Analises têm sido realizadas pelos cientistas sociais, historiadores e filósofos sobre a possibilidade de comparação do Nazismo e do Fascismo clássico; e com as novas movimentações contemporâneas dessa concepção ideológica e política. A vitória de Donald Trump deixou o mundo perplexo e preocupado com as questões sociais e teóricas que esse movimento exalou. As questões estão abertas. As respostas dessas questões são extremamente complexas diante da velocidade e da dinâmica que a política se movimenta. As soluções estão ao acaso de serem provisórias por conta movimentação estrutural de interesses do neoliberalismo e dos interesses das nações, sobretudo, das nações-potência como os EUA e suas alianças, e a China e a Rússia e suas alianças.

Para Lowi<sup>4</sup> (2015), a extrema direita é muito diversa e específica diante da história, da cultura política e da relação de forças na política social e institucional de cada lugar. Ela conduz um processo de mobilização social que pode ou não ter efetividade em um país. A teoria da “nova clivagem” por Norris afirma extrema direita atrai votos e apoio de diversas classes e extratos sociais, seja homens e mulheres, mas homens que votam são hegemônicos, e independe da religião ou idade. Dessa forma, a mobilização social para fins políticos é crucial.

---

<sup>1</sup> Referência dada a tecnologia própria das novas formas de comunicação informacional do século XXI.

<sup>2</sup> QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. Dossiê da América Latina. 2005

<sup>3</sup> BALLESTRIN, Luciana. O Debate Pós-democrático no Século XXI. Revista Sul-Americana de Ciência Política, v. 4, n. 2, 149-164. 2018.

<sup>4</sup> LOWI, Michel. Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil. Serv. Soc., São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015

De acordo com Werneck, a mobilização social deve “expressar o sentido e a finalidade da mobilização, tocar a emoção das pessoas. Não deve ser só racional, mas ser capaz de despertar a paixão”. Os sujeitos são mobilizados não somente pelas ideias, racionalmente falando. As emoções e os desejos são estimulados para mobilizar socialmente para um determinado projeto político (WERNECK, 2004). A mobilização social bolsonarista articulou e sensibilizou um apoio social que permitiu a vitória em 2018.

A ascensão de Jair Bolsonaro a Presidência da República se transformou em uma grande incógnita; uma grande questão para o mundo acadêmico e o mundo da sociedade civil organizada. Um deputado de trinta anos e sem expressão social de grandes proporções, conseguiu ganhar as eleições em 2018, mobilizando um apoio de uma maioria social no país. O bolsonarismo se tornou força social e política fundamental de sustentação. O cientista político Armando Boito<sup>5</sup> caracteriza o bolsonarismo como um neofascismo, uma força social de massas de apoio a Bolsonaro e sua política. A guerra cultural associado ao big data são estruturas desse conglomerado bolsonarista. O bolsonarismo não surgiu “do nada”. O país viveu um processo de ebulição política desde 2013 com as jornadas de junho; a polarização de manifestações de rua em 2014, 2015 o que repercutiu no golpe de estado no governo Dilma em 2016; e o impedimento do candidato do PT, Lula, de disputar as eleições de 2018.

A “nova direita”, direta e\ou indiretamente, fizeram parte da ascensão do bolsonarismo no Brasil. Os movimentos de rua com organização via redes sociais como as do MBL, Vem pra Rua e outros da mesma funcionalidade, iniciam um processo de desestabilização do governo Dilma. Estes movimentos de juventude de direita apoiados por grandes institutos empresariais financiados por multinacionais e empresas nacionais para formarem jovens para política. Eles agitavam suas bandeiras com o apoio da grande mídia brasileira, principalmente a Rede Globo. Ali já estava presente as *fake news*, o antipetismo, as questões ligadas a sexualidade e a raça e ao racismo.

---

<sup>5</sup> BOITO, Armando. Reforma e crise política no Brasil. São Paulo. Ed. Fundação Editora UNESP. 2018

A Globo teve um papel fundamental em influenciar a opinião pública e formar subjetividades sobre estes eventos políticos, e sobre o surgimento do juiz transformado por ela em herói: Sérgio Moro. A Operação Lava Jato é a nova direita ou a extrema direita jurídica que foi alçada como heróis da pátria pela voz da Globo. Sergio Moro se edificou com ajuda da Rede Globo a partir de uma ficção maniqueísta de uma, onde a esquerda eram os vilões e Moro o salvador da pátria. O espetáculo estava armado.

O setor fundamentalista das igrejas evangélicas (e católicas também) e as Forças Armadas tiveram papel fundamental para criar o contexto de ódio e autoritarismo, ao qual ajudaram a pavimentar o caminho para o bolsonarismo e Bolsonaro. Desde 1988, no contexto da última constituição, que os evangélicos fundamentalistas crescem e se tornaram hegemônicos. A agenda antifeminista e anti-LGBTQI+ são prioridade no processo de mobilização de seu mercado da fé. A “ideologia de gênero” e a “escola sem partido” tiveram grande incidência política na esfera pública brasileira. Esse setor se acoplou ao bolsonarismo mobilizando socialmente os fiéis a uma interpretação da bíblia que associava Bolsonaro a um messias e a arma ao evangelho.

Podemos dizer que eles fizeram parte dessa “nova direita” ou extrema direita que permitiu Bolsonaro chegar ao poder. Podemos também classificar os militares como “nova direita” ou extrema direita, em que, depois de 2014, como demonstra Eduardo Costa Pinto<sup>6</sup>, começam a incidir cada vez com mais frequência na política nacional. No governo Temer eles ocuparam cargos, mobilizando uma intervenção no Rio de Janeiro. No golpe contra o governo Dilma, e no impedimento judicial para Lula não disputar as eleições em 2018, as forças armadas tiveram papel central de ameaça a rasa democracia que existia. Nesse processo, o movimento de ampliação de desestabilização das instituições e das forças políticas progressistas do Brasil no pós-2010 criaram as condições para o surgimento do bolsonarismo. O bolsonarismo é uma síntese desse processo também, e incorporou uma estratégia de mobilização social por uma Guerra Cultural.

---

<sup>6</sup> PINHO, Eduardo. **Bolsonaro e os Quartéis: a loucura com método**. 2020

A Guerra Cultural <sup>7</sup>é uma expressão desses conflitos políticos pós-modernos (Hunter,1991; Solano, 2017). A Guerra Cultural e a Ideologia (em Gramsci) parecem ter correlações e também especificidades em seu conteúdo conceitual e nas práticas políticas. As culturas tem em si um aspecto ideológico, como a ideologia tem elementos culturais em seu conteúdo. Em 1980 para 1990 a guerra cultural, que está relacionada aos temas morais, costumes e tabus, foi utilizado pelo partido Republicano para mobilizar socialmente segmentos dos EUA e ganhar as eleições. J.W. Bush soube bem fazer isso no seu primeiro governo (DIAS, 2014). Pelos dados, tudo indica que Trump soube bem utilizar a guerra cultural com uma complexa tecnologia de redes sociais e disparos de *fake news*. E esse processo como um grande espetáculo, um teatro ou um reality show. O bolsonarismo é a própria Guerra Cultural na era na tecnologia multimídia, a internet, e pela amplificação da mentira em novos moldes que é denominada *fake news*. A construção de um mundo paralelo para mobilização social de apoio a Bolsonaro segue firme pelas redes sociais.

Na minha pesquisa construí o objetivo geral de questionar o apoio social ao bolsonarismo na cidade de Itaberaba na Bahia. Assim, procurei trabalhar a metodologia de cominação de massas e entrevistas para compreender as motivações desse apoio. Itaberaba é uma cidade complexa de quase 70 mil habitantes, constituída sob a égide dos senhores da terra e do gado, tendo o cristianismo como a fé preponderante e como elemento que deu início a cidade. No início da década 1970 à 1990 teve o Carlismo como força política e social que direcionava a cidade. Com a ascensão do PT em 2002, as relações políticas e as coalizões modificam e os setores das classes dominantes da terra e do gado, e seus representantes, passaram a formar alianças com as forças sociais e políticas petistas. A adesão social ao PT e seus candidatos à governador e presidente passaram a ser hegemônicos na cidade desde então até aos dias atuais.

Os dados da pesquisa indicaram que houve um processo de mobilização social bolsonarista na cidade. Essa mobilização aconteceu pelas redes sociais, principalmente pelo Facebook “Direita Chapada”, para realização de eventos: inaugurações de outdoors e carreatas pela cidade. As entrevistas que realizei apontavam que havia realmente uma mobilização social nacional, e também na

---

<sup>77</sup> HUNTER, J.D. Culture Wars. The Struggle to Define America. New York: BasicBooks, 1991.

cidade. Estas entrevistas e os meios de comunicação de massas trouxeram dados para afirmar que a cidade de Itaberaba mobilizou uma Guerra Cultural de fora e de dentro; produzindo e reproduzindo motivações sociais centrais do bolsonarismo: o antipetismo; a ideia de mudança\outsider; o racismo como moralismo; defesa da família nuclear cristã branca; e o militarismo. As questões econômicas foram deslocadas no discurso bolsonarista e os temas morais, costumes, questões sexuais e de gênero e questão racial tiveram adesão social e política.

## **OBJETIVO GERAL**

A pesquisa que realizei teve como objetivo compreender quais as motivações dos bolsonaristas de Itaberaba BA para apoiarem Bolsonaro na eleição de 2018. A ideia consistiu em buscar identificar a movimentação dos bolsonaristas na cidade e detalhar, a partir dos instrumentos de pesquisa, os significados das ações, falas e discursos na cidade.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- a) Identificar e avaliar os números eleitorais de apoio a Bolsonaro na região Nordeste, na Bahia e em Itaberaba (dados pelo TSE, Pesquisas Datafolha).
- b) Fazer análise de conteúdo de comunicação de massas as movimentações políticas pró-Bolsonaro de rua (carreatas) durante o processo de campanha eleitoral de 2018
- c) Identificar as problemas-chave ou categorias socioculturais colocadas pelos bolsonaristas da cidade, sobre o que ocorre em relação as questões políticas do país.

## **METODOLOGIA**

A metodologia da pesquisa talvez seja o espírito de pesquisa social, que um sujeito possa desenvolver. Com ela podemos perceber, com mais nitidez, o processo pelo qual poderemos estabelecer uma estrada, um caminho que estamos interessados em explicar e compreender em relação aos fenômenos sociais. O método, os instrumentos e técnicas de pesquisa que iremos utilizar, permiti a nós incidirmos na realidade de uma forma mais qualificada, no sentido de buscar uma explicação em relação ao objeto que nos propomos a entender. A pesquisa social, assim exige uma metodologia precisa para compreender o fenômeno que se quer desvendar.

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (MINAYO, 2009. p.14)

Na pesquisa que realizei na cidade, procurei colocar em prática a pesquisa qualitativa. Esse tipo de pesquisa me permitiu compreender, acredito, em grande medida, a dinâmica da mobilização social da guerra cultural bolsonarista na cidade de Itaberaba. A pesquisa qualitativa é utilizada nas ciências sociais, no sentido de compreender e analisar os fenômenos sociais e políticos próprios das relações sociais. Como consenso, me parece, esta metodologia em ciências sociais, esta forma de pesquisar socialmente, contribui significativamente para a pesquisa social no mundo e no Brasil (CRESWELLI, 2010; GROULX, 2009).

Segundo Groulx, havia um estranhamento e desconfiança da pesquisa qualitativa em relação a sua contribuição à pesquisa social, fato cristalizado nas escolas teóricas europeias. Só se pôde estabelecer a pesquisa qualitativa à realização da pesquisa social com o processo de institucionalização destas propostas na universidade (Groulx, 2009). A compreensão da contribuição da pesquisa qualitativa talvez passe pela possibilidade da imersão no campo do discurso e do comportamento das pessoas\entrevistados e da dinâmica dos acontecimentos coletivos. E ao mesmo tempo, poder perceber minuciosamente como, em suas falas, as pessoas trazem elementos, temas, categorias muito relevantes, em relação ao fenômeno social estudado por nós. Dessa forma, a pesquisa qualitativa consiste:

A consideração, pela pesquisa qualitativa, da multiplicidade de perspectivas e dos agentes cada uma compondo uma das categorias, obriga a romper a unidade artificial da categorização estatística e revelar uma diversidade de situações, uma pluralidade de atores que se adaptam de maneiras variadas das situações diferentes, mobilizando um repertório variado de recursos (GROULX, 2009.p.97)

A pesquisa social que realizei sobre “a ascensão do governo Bolsonaro: um estudo sobre uma cidade do interior da Bahia”, que se chama Itaberaba. Assim, meu propósito se mobilizou em compreender porque houve mobilização social para apoio bolsonarista na cidade. Para lidar com o problema colocado, procurei sujeitos que apoiam Bolsonaro e o bolsonarismo para as entrevistas. No “calor da emoção” das eleições, poucas pessoas queriam se deixar ser entrevistadas e gravadas. Meu propósito era ter uma variedade de participantes\entrevistados que tivessem o recorte de renda, raça\cor, escolaridade, gênero e geração para poder compreender a justificativa do apoio ao bolsonarismo.

Entretanto, consegui entrevistar cinco pessoas de baixa renda, homens negros e brancos, que acabou me dando os elementos da mobilização social bolsonarista da cidade. Da mesma forma que, com os outros dados tirados das redes sociais e dos vídeos, consegui superar essa dificuldade, percebendo que as categorias que surgiram estavam presentes em todo lugar. Realizei uma análise de comunicação de massas da mobilização social bolsonarista da cidade. Procurei pesquisar as redes sociais, fotos, vídeos das carreatas; eventos realizados pelos bolsonaristas em apoio a Bolsonaro. Acredito que a partir desses dados, com a saturação e recorrência, consegui tirar o mais relevante: aos elementos e categorias centrais da mobilização bolsonarista. Assim, utilizei a análise de conteúdo de comunicação de massas para extrair os dados necessários.

Isso ilustra bem o aspecto vai e vem da análise de conteúdo, entre a teoria e técnica, hipóteses, interpretações, e métodos de análise. E, no entanto, o exemplo que acabamos de descrever constitui um ponto de vista, uma dimensão de análise, uma abordagem particular e muito restrita sobre um assunto muito limitado (horóscopo). Seria necessário abordar esse texto por todos os lados, numa infinidade de dimensões (direções de análise) com descontos, frequências numerosos obtidos através de técnicas diversificadas (BADIN, 1977.p. 80)

A análise de comunicação de massas me permitiu dissecar dados que estavam presentes nos eventos bolsonaristas na cidade de Itaberaba. A percepção da “análise temática, quer dizer, a contagem de um ou vários temas ou itens de significação” como nos ensina Badin, me permitiu categorizar os temas fundamentais do material. Assim, realizei uma análise de conteúdo de massas dos eventos, carreatas, vídeos e fotos das atividades de mobilização bolsonarista da cidade. Encontrei muitos dados página da rede social Facebook chamado “Direita Chapada”, a qual publicavam postagens de apoio a Bolsonaro, chamada para eventos; e fotos e vídeos tirados nos eventos da cidade. Utilizei vídeos do Youtube (links no final da dissertação) das carreatas e eventos do processo de campanha bolsonarista na cidade. Surgiram, portanto, categorias que estavam presentes concretamente nos eventos bolsonaristas na cidade de Itaberaba-BA. Durante o processo consegui, como disse, entrevistar cinco pessoas que se mobilizaram para apoio Bolsonaro.

As condutas sociais não poderiam ser compreendidas, nem explicadas, fora da perspectiva dos atores sociais. A entrevista seria, assim, indispensável, não somente como método para apreender a experiência dos outros, mas, igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que elas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem as suas ações (POUPART, 2009.p.217).

A entrevista deve também englobar aspectos da dinâmica e aspectos próprios da estrutura social relacionado aos atores (POUPART, 2009). Dessa forma, Poupart reforça que a entrevista de tipo qualitativo nos permite “coletar informações sobre as estruturas e o funcionamento de um grupo ou instituição”. Ter essa perspicácia de articular bem os dados da correlação do discurso dos atores e do sistema mais amplo de incidência sociocultural sobre os indivíduos, foi a tarefa que me coloquei diante do objeto da pesquisa. Portanto, esse instrumento de coleta de dados elucidou traços fundamentais do processo. Houve bastante dificuldade de conseguir as entrevistas, porque as pessoas não queriam se expor ou serem gravadas. Porém, as pessoas que aceitaram, me forneceram dados importantes que me permitiu, juntamente com a análise da comunicação de massas, construir as categorias fundamentais da pesquisa.

A elaboração da entrevista que realizei consistiu em questões relacionados aos principais atores políticos daquele contexto político de 2018. As perguntas tinham que ser direcionadas dessa forma: no centro do conflito, porque os dados só iriam emergir diante de conflitos relacionados ao bolsonarismo. Por isso todas elas foram, na minha avaliação, e com muito trabalho e correção, foram questões que envolveram as polêmicas do período. Então, perguntei sobre questões relacionadas aos candidatos à presidência, sobre a grande mídia, sobre o judiciário, sobre a agenda de Bolsonaro (armas, sexualidade, racismo); sobre a justificativa deles votarem no próprio Bolsonaro. Houve total colaboração dos entrevistados. Os entrevistados foram enumerados para manter seus nomes em sigilo. E me coloquei com neutralidade no conflito social e político (POUPART, 2009). Todos os entrevistados, na minha percepção, se sentiram a vontade de falar, “soou como um desabafo”. Associado a análise de comunicação de massas, as entrevistas, me permitiu compreender quais motivações ao apoio bolsonarista na cidade.

## **CAPÍTULO I. GUERRA CULTURAL**

### **Introdução**

A origem do conceito “Guerra Cultural” se constituiu da intelectualidade das ciências sociais e humanas estadunidense a partir dos anos 1980 (DIAS DE SOUZA, 2014). É atribuído a James Hunter a primeira definição desse fenômeno como parte do conflito político nos EUA desse período. Posteriormente, a partir de sua obra em 1991, houve uma repercussão importante, tendo adesões e críticas a definição e desenvolvimento de sua categoria. A disputa do contexto da obra consistia no velho conflito entre os Democratas contra os Republicanos na década de 1980 e 1990, quando a livro de Hunter teve maior repercussão (DIAS DE SOUZA, 2014; SOLANO, 2017; VINÍCIUS, 2020).

O linguista George Lakoff estadunidense lança sua obra concordando com as teses de Hunter sobre o conteúdo da prioridade de temas e táticas político-eleitorais utilizadas principalmente por parte dos Republicanos. Muitos outros intelectuais

debateram o tema como Wolff (1998), Morris Fiorina (2006) (Festa, 2020). Segundo Hunter, desde a guerra Franco-Prussiana do século XIX a guerra cultural se fez presente. Bismark naquele momento utilizou para combater os católicos. (HUNTER, 1991; DIAS DE SOUZA, 2014). Dessa forma, a Guerra cultural foi priorizada pelos Republicanos na figura de J.W.Bush na década de 1990. Portanto, a obra Hunter coloca o debate da Guerra Cultural no debate público como fenômeno político-cultural nos EUA. E dessa forma, traçando histórica e sociologicamente uma forma ou uma tática social de atuação política dos partidos e segmentos sociais nos EUA (HUNTER, 1991; DIAS DE SOUZA, 2014; SOLANO, 2017; FESTA, 2020).

Na análise de Gonzales, o capitalismo utiliza as guerras culturais como tática ideológica para mobilização das massas. O populismo ou extrema direita, na sua visão, incorporou essa tática atualmente, com a adesão do monopólios capitalistas, como reação aos avanços dos direitos sociais (negros, mulheres, LGBTQIA, imigrantes) dos últimos períodos (GONZALES, 2020). Uma reação a contracultura. Nesse processo, o pensamento da extrema direita emerge nos EUA, partindo da “análise” que o que está em curso tem a ver com o Marxismo Cultural (formação e ocupação de espaços pelo comunismo); e é preciso agir politicamente nos costumes nas questões morais. Então, um inimigo como causa dos problemas sociais do país é fabricado para alimentar mobilização social (PINTO, 2019; GONZALES, 2020). A utilização de uma “teoria da conspiração” criou uma paranoia social para mobilizar socialmente (GONZALES, 2020).

No Brasil, a campanha de Jair Bolsonaro à presidência da República dá indícios da Guerra Cultural. Em uma pesquisa realizada socióloga Esther Solano, ela utiliza a categoria guerra cultural para compreender as manifestações da direita e da esquerda em 2016 e 2017. A pesquisa dá muitos caminhos para entender o momento atual, pois ela conseguiu tipificar dois campos de compreensão da realidade: progressista e conservadores. Ela mostra como a guerra cultural estava sendo construída no Brasil. Os dois campos emitem narrativas sobre a questão de gênero, sexualidade, questão racial, armamento e outras (SOLANO, 2017). O texto do historiador Marcos Festa nos mostra como o projeto Òrvil (projeto militar anticomunista e conservador) pode ter associação com a construção do bolsonarismo e de uma possível guerra cultural.

## 1.1. Guerra cultural em discussão

Com a publicação da obra em 1991, Hunter afirma que a Guerra Cultural que estava em vigor nos EUA desde 1980, tem origem muito anterior a este processo. Para Hunter, temas morais, ligados aos costumes, como a questão do aborto, direito dos homossexuais, questão racial, religiosidade, processo penal e legalização das drogas (HUNTER, 1991; SOLANO; 2019; DIAS DE SOUZA, 2014). Temas sensíveis das culturas nacionais, são também temas estruturais das relações humanas e sociais.

Esse debate em torno da precisão e possibilidade da categoria na intelectualidade estadunidense aconteceu recorrentemente. Porém, teve um consenso, como mostra Marcos Aurélio Diaz de Souza, em torno de um fenômeno distinto do que havia acontecido nas décadas anteriores; e que o conceito de Guerra cultural é possível de explicar os conflitos políticos dessa natureza. Portanto, James Hunter definiu Guerra Cultural:

Eu defino conflito cultural muito simplesmente como hostilidade política e social enraizada em diferentes sistemas de compreensão moral. O fim para cada uma destas hostilidades tende a ser a dominação de um *ethos* moral e cultural sobre todos os outros. (HUNTER, 1991, p.42).

A categoria guerra cultural de Hunter é muito relevante para interpretar os fenômenos sociais para além da ideologia. Traços da cultura que são potencializados, como prioridade de uma tática política, aliado a uma comunicação eficaz produzem subjetividades (SOLANO, 2017). O próprio Hunter afirma que a cultura sempre foi utilizada como uma forma política de combater os adversários e inimigos. Porém, em determinados contextos históricos esse tipo de guerra se foi utilizada como linha principal da tática política de mobilização social (HUNTER, 1991; DIAS DE SOUZA, 2014; FESTA, 2020). A ideologia na teoria marxista está presente na prática política dos atores sociais na busca de defender seu projeto político. Não falo na “falsa consciência da realidade” em Marx.

Em Gramsci, a ideologia conceitua-se, a grosso modo, como uma concepção de mundo que se manifesta em toda sociedade: na Arte, na Política,

Direito, atividades econômicas ou seja em todas as manifestações da vida em sociedade. Ou seja, a ideologia organiza os sujeitos em defender posições sociais diante das classes sociais. O que ocorre das classes populares, em face da hegemonia da burguesia, incorpora o projeto das classes dominantes gerando consenso (PORTELLI, 1983). A ideologia está presente nos processos atuais da política no Brasil, porém a maquinaria da cultura vem sendo utilizada há tempos pela indústria cultural e agora pela Big data. O que Hunter tenta chamar atenção é que para além do aspecto ideológico das disputas das últimas décadas, emergiu um aparato cultural para tática política-eleitoral que está definindo os rumos das eleições nas sociedades que se constata.

No final do século XIX, no contexto da guerra franco-prussiana, que envolvia também católicos e protestantes, se evidenciou a aplicação da Guerra cultural de acordo com Hunter. Bismarck colocou em prática *Kulturkampf* (*Guerra Cultural em alemão*) no conflito político e religioso, atuando para desestabilizar o inimigo. A tática de Bismarck se desenvolveu a mobilização social em torno do tema da educação, que era parte central da identidade nacional.

Segundo Hunter (1991), o ponto central da Kulturkampf de Bismarck construiu-se tendo como pano de fundo uma questão educacional. Isso ocorreu porque a educação era o símbolo da unidade alemã e da identidade nacional e, por esse motivo, a disputa representava uma batalha entre os católicos e protestantes sobre a formação do caráter da nação e como ele seria transmitido como um legado para as gerações futuras (DIAS DE SOUZA, 2014)

Como demonstra Hunter em sua obra, a guerra cultural se constitui como uma espécie de tática política através por uma tecnologia de informação priorizando os temas culturais e morais mais polêmicos que a sociedade detém. Bismarck utilizou na Alemanha de forma eficiente a partir de um tema educacional. Assim, percebe-se que as estruturas de poder do sistema capitalista é diversa nas tática da produção de consenso além da ideologia. Os temas culturais estão presentes nos conflitos políticos, porém a guerra cultural é uma estruturação consciente de atuação política por outras vias, na busca na mobilização social e política da sociedade. Nos EUA a disputa protestantes e católicos é colocado por Hunter como parte dessa guerra:

Para resgatar o conceito de Guerra Cultural na história estadunidense, Hunter (1991) partiu dos conflitos religiosos entre protestantes e os novos imigrantes católicos que ocorreram nos EUA no século XIX, defendendo que eles ilustrariam de uma forma embrionária como as disputas culturais ocorreriam na sociedade estadunidense (DIAS DE SOUZA, 2014).

Na mesma linha, Hunter afirma que a Guerra Cultural a nos EUA apareceu também no conflito religioso e político entre os protestantes e católicos que começa no séc. XIX e se estende até a década de 1960. Os traços culturais eram debatidos e polemizados na sociedade estadunidense por estes grupos religiosos, refletindo em mobilização e formação das subjetividades nos EUA. A partir da década de 1960 o contexto se modifica e em 1980 os Republicanos passam a utilizar a guerra cultural como forma de convencer e ampliar sua base social para as eleições (HUNTER, 1991; DIAS DE SOUZA, 2014).

Para Gonzales, a Guerra Cultural é faz parte do antagonismo de classe sendo muitas vezes sendo a forma como a ideologia liberal ou ultraliberal se coloca como espaços possíveis de luta política. Ou seja, a Guerra Cultural pode ser entendida, para o autor, como um mecanismo ideológico do sistema capitalista (GONZALES, 2020). Acredito que seja para além da ideologia, porque Gonzales não conseguiu identificar a especificidade da cultura como sistemas de representações, significados e símbolos. Para o autor a esquerda e a direita exprimem de alguma forma aspectos culturais da disputa política nos países, tendo se potencializado nos últimos períodos com a entrada da extrema-direita no mundo.

Nos sentimos justificados, ahora sí, para abordar el mecanismo ideológico en el que se externalizan las contradicciones internas en un enemigo común que encarna, en un juego de denegación, lo que está mal de un antagonismo constitutivo. Este es el principio fundante de la guerra cultural que hoy posiciona la ideología liberal como el único espacio posible de lucha. Por esta razón, es que ha resultado tan útil para la renaturalización del capitalismo como plataforma “neutral” de intercambio de bienes, la guerra cultural entre izquierda y derecha (GONZALES, 2020, p.26)

Gonzales afirma que o populismo (lido como extrema direita) é a força que estrutura essa Guerra Cultural no momento atual. Sua política se dá com a tática política do medo. Esse medo é mobilizado socialmente através de um inimigo interno, corrupto, cristalizado em figuras concretas da política local, evocando temas morais

como estratégia de adesão ao seu projeto (GONZALES, 2020). Para ele há um processo de edificação de uma teoria da conspiração, que através da insistência e mobilização, gera paranoia em parte da sociedade em relação aos acontecimentos, ao passado e ao futuro.

El mecanismo de despliegue de este procedimiento es propio de toda teoría conspirativa: el presupuesto paranoico de la existencia de un complot por detrás del aparente fluir cotidiano de la vida social conocida (GONZALES, 2020.p.27)

A forma de mobilização social e política da Guerra Cultural, como mostra Hunter, esteve presente em momentos históricos importantes. A ascensão recente da extrema direita no mundo e a eleição de Donald Trump demonstra, talvez mais um dos momentos históricos em que essa forma de guerra foi implementada. Para Dias de Souza, a Guerra Cultural foi fundamental para hegemonia dos Republicanos em algumas eleições. O governo George W. Bush é uma expressão desse acontecimento. Hunter apontava esse fenômeno já na década de 1980 a *culture was*. Os republicanos passaram a traçar uma tática de abordagem em relação aos seus eleitores, tendo como fonte de disputa política temas que se relacionavam com as clivagens ou estruturas culturais, que são de extrema complexidade e dificuldade de resolução para os países.

Nesse sentido, os republicanos, como uma forma de substituir sua dificuldade de conseguir apoio através de medidas econômicas, passaram a utilizar a ideia de Guerra Cultural para conseguir votos, o que passou a representar o crescimento de campanhas eleitorais profundamente negativas a partir de ataques aos seus oponentes (DIAS DE SOUZA, 2014. p. 75)

A tática dos republicanos passou a ser explicitamente a Guerra Cultural, pois os posicionamentos das medidas econômicas como pauta de mobilização não atraíam segmentos importantes da população (HUNTER, 1991; DIAS DE SOUZA, 2014). No decorrer da década de 1990, a guerra cultural foi bem utilizada por Bush, quando em seus discursos mobilizou a sociedade estadunidense contra Bill Clinton. Bush colocava como defensor da moralidade. Para Dias de Souza, a guerra cultural nos EUA estava estagnada, e não conseguiria ter grande repercussão na mobilização

social. O processo da ascensão de Trump em 2016 e a ascensão social ao seu projeto contradiz afirmação. Portanto, a guerra cultural foi utilizada como processo de mobilização social e política em eleições recentes nos EUA como a de Trump.

Com um discurso xenófobo, nacionalista, protecionista e misógino, Donald Trump levou a cabo uma campanha política eleitoral atordoante. A extensão do muro que deveria separar o México dos Estados Unidos a ser pago pelo próprio país fronteiriço, e cuja aprovação é tentada em base a ameaças da paralisação do governo caso seja negada pelo Congresso, a proibição de entrada de pessoas provenientes de seis países de origem muçulmana [...] (COSTA, 2018).

A análise da ascensão de Trump é muito complexa em termos de análise sociológica. E dessa forma, o que me interessa é a forma como sua ascensão teve direcionamento para uma prioridade na Guerra Cultural. A utilização de temas morais, dos costumes, sexualidade, religiosidade e os imigrantes, associados a uma indústria de *fake news* pelas redes sociais, foram mais centralizados do que as questões econômicas (COSTA, 2018). Isso demonstra a pertinência da guerra cultural, pois o Trumpismo a priorizava no sentido de mobilizar socialmente segmentos cada vez mais amplos de sociedade estadunidense. Essa mobilização tem como concepção do “marxismo cultural” enquanto teoria em relação a atuação da esquerda (comunistas). Para Eduardo Costa Pinto, Trump utilizou a guerra cultural criando paranoia social, dividindo os segmentos sociais e mobilizando uma base social (PINTO, 2019).

Esse novo conservadorismo recauchutado americano (denominado atualmente de *alt-right*) que ressurgiu na década de 1980 – se expandiu nos anos 1990 e 2000 e ganhou expressão com o governo Trump – está assentado no tripé da “velha direita” com particularidades, tal como: ênfase ainda maior na “guerra cultural”, pois a cultura e a moralidade americana estariam sendo destruídas pelo relativismo, pelo politicamente correto, pelo multiculturalismo e até pelo “marxismo cultural” que supostamente seria o instrumento utilizado pelos ativistas de esquerdistas (acadêmicos, militantes, jornalistas, et.) para destruir os valores americanos – uma teoria conspiratória que beira a paranoia (PINTO, 2019)

Para o historiador Marcos Festa, a ideia de Guerra Cultural foi formulada e implantada pelos setores conservadores dos EUA e passou a ser implantada no Brasil recentemente. Essa ideia quase que se fundiu a partir de uma reformulação do projeto Óvil. Esse projeto na visão do autor “foi diante deste cenário que surgiu, lentamente,

a voz penetrante do Orvil, da ameaça comunista infiltrada nas instituições, da cultura aparelhada”. Significou um projeto de formação nos setores militares baseado no anticomunismo, com uma “teoria” e uma linguagem própria.

Segundo o autor, a transplantação da Guerra Cultural para o Brasil se realizou (Festa, 2020). Olavo de Carvalho e setores militares tiveram papel essencial para esse processo mobilização social no Brasil. Dessa forma, o surgimento de uma “nova direita” no Brasil e uma nova forma de atuação política, a qual priorizava os conflitos fundamentais da cultura do país. Para Festa a Guerra Cultural:

Esse conceito, em linhas gerais, buscou descrever a crescente radicalização do debate político estadunidense nos primórdios da década de 1980. Temas ligados aos costumes, aos chamados “tabus sociais” e, em suma, à cultura e aos valores hegemônicos daquela sociedade, viriam a tomar uma relevância cada vez maior no âmbito das disputas políticas e eleitorais daquele país (FESTA, 2020.p.2)

Para Festa, Olavo de Carvalho teve um papel estrutural na constituição de um sistema de crenças, de uma comunicação eficaz na ascensão do bolsonarismo (Festa, 2020). Olavo de Carvalho enquanto um ideólogo do bolsonarismo, ajudou a formular essa doutrina junto com setores da extrema direita estadunidense (Festa, 2020). Para o autor, Olavo de Carvalho veio empreendendo um “trabalho filosófico” desde a década de 1990, com o teor associado as exigências e possibilidades da ascensão de uma extrema direita no Brasil. Com o surgimento da “nova direita” desde as jornadas de 2013, e o vácuo cultural e ideológico da sociedade brasileira e a não ocupação pela esquerda, o projeto olavista encontrou terreno fértil no bolsonarismo (TATAJIBA, 2017; FESTA, 2020)

A análise que permitiu a proposição e a tática de mobilização social no país no pós 2010 se denominou o Marxismo Cultural (PINTO, 2019; FESTA, 2020). Além de Olavo de Carvalho, os militares incorporaram a ideia do marxismo cultural. Setores militares, como o intelectual General Coutinho, conceberam que o Brasil vive numa mobilização através do Marxismo cultural pela esquerda comunista, e que era preciso combatê-los. Para o economista Eduardo Pinto, o marxismo cultural é a teoria principal das forças armadas hoje, o que fez estabelecer o elo com o bolsonarismo.

Nesse sentido, para as forças armadas e para o bolsonarismo era preciso criar uma força política na cultura para obter a hegemonia cultural (PINTO, 2019).

Ou seja, boa parte das Forças Armadas estariam defendendo a questão nacional pela via dos costumes, da tradição, da identidade que estaria sob ataque comunista, mas no plano econômico, a identidade e a nacionalidade seriam realizadas pelo mercado, sobretudo pelos capitais estrangeiros (de preferências norte-americanos) que supostamente trariam a modernidade para o país. Seremos ativos na identidade cultural, mas subalternos no plano econômico (PINTO, 2019. p.16).

A socióloga Esther Solano também elaborou questões e fez pesquisas relacionadas a Guerra Cultural no Brasil. Em 2017, no pós golpe de 2016, ela escreveu “Guerras culturais” e “populismo anti-petista” nas ruas de 2017, uma pesquisa tendo como foco os temas morais, dos costumes, sexualidade e questão racial nas manifestações em São Paulo. Nesse contexto da pesquisa, ocorria no país manifestações contra e a favor de Dilma Rousseff. E, como sabemos, ela sofreu esse golpe em 2016. Acontecia a expansão da guerra cultural no mundo e no Brasil, com o surgimento de uma “nova direita” ou uma extrema direita ganhando adesão social. Os temas econômicos passaram a ficar em segundo plano, e utilizado retoricamente que o Partido dos Trabalhadores “quebrou o país”. Desse modo, Esther Solano segue a linha do conceito de Hunter para definir a guerra cultural.

[...] termo “guerras culturais” para se referir ao processo pelo qual temas como o direito dos homossexuais, a legalização do aborto, o controle de armas e a legalização das drogas passaram a ganhar proeminência no debate político [...] (SOLANO, 2017.p.2)

Para Solano, não há unanimidade onde surgiu as guerras culturais, porém, como Hunter e outros, ela acredita que surgiu no EUA na década de 1970 e 1980 (Solano, 2017). Ela afirma que houve um processo de guerra cultural conservadora, em reação a contracultura da época, a qual questionava as tradições, tabus sociais conservadores. Porém, desde o final do século XIX e início do XX os políticos já utilizavam o discurso moral.

A autora afirma que durante o pós-guerra o discurso dos liberais era moderado, mudando para o discurso de ódio de guerra cultural aberta nos anos 1980. Portanto, “Guerra Cultural” esteve presente em vários momentos da história e da cultura política, no entanto segmentos políticos a utilizam prioritariamente como tática de mobilização social desde 1980 (SOLANO, 2017).

Na pesquisa da socióloga Esther Solano é demonstrada a compreensão a partir das opiniões dos manifestantes conservadores e progressistas, através da categoria Guerra Cultural. Resultados dos conservadores como “O cidadão de bem deve ter o direito de portar arma” e “O lugar da mulher é em casa cuidando da família, A união de pessoas do mesmo sexo não constitui uma família” são elementos da guerra cultural inculcado nos manifestantes. Já nos progressistas apareceu “Fazer aborto deve se um direito da mulher” e também “Os negros ainda sofrem preconceito no Brasil”, e também relataram “são uma boa medida para fazer com que os negros entrem na universidade”.

A literatura sobre o processo e força da Guerra cultural, fenômeno que aparece com força na pós modernidade, traz possibilidade explicativa diante do crescimento da extrema direita no mundo e no Brasil (SOLANO, 2017). As Guerras culturais aconteceram em momentos históricos, entretanto ela pode ser entendida como uma centralidade em uma tática política que prioriza os temas morais, costumes, questões raciais e sexuais como centro de mobilização social. No Brasil, pode ter ocorrido uma guerra cultural, porque a mobilização social do bolsonarismo e seus militante dão indícios por falas, pela campanha presidencial e pelo próprio Bolsonaro em seus discursos. Em minha pesquisa tentarei perceber esse fenômeno da cidade de Itaberaba BA.

## **CAPÍTULO II. EXTREMA DIREITA OU A “NOVA DIREITA” NO MUNDO E NO BRASIL NO PÓS 2010**

A discussão necessária sobre as organizações de direita no mundo e no Brasil é muito antiga, complexa e envolve distinções conceituais quem dizem respeito às categorias fundamentais das Ciências Sociais (BOBBIO, 1994). Estas distinções

conduzem, no trabalho desenvolvido aqui, para relações contraditórias e complementares entre direita e esquerda; liberalismo e neoliberalismo; e direita tradicional e “nova” ou extrema direita. Na esteira dessa discussão Bobbio faz uma análise sobre as diferenças e distinções sobre “direita” e “esquerda”. Segundo o autor, a relação entre as duas formas político-ideológicas é uma dinâmica excludente e antitéticos, ou seja, são duas categorias que se repelem reciprocamente em função de sua própria natureza. Nesse sentido, suas concepções, doutrinas ou movimentos reais de mobilização política podem ser, ao mesmo tempo, de direita e de esquerda. São universos contraditórios em sua concepção sobre as relações sociais e a política (BOBBIO, 1994).

Segundo Bobbio, a distinção entre direita e esquerda não pode, ao mesmo tempo, ser tão rígida em termos de uma sociedade democrática. Apesar dos programas contrapostos e de ação política singular para obtenção dos programas, as articulações políticas que conduzem a adesão ou atrofia de traços de ambas concepções: o “centro” da política ou o “Terceiro Inclusivo” (ou Via) é o lugar onde esse processo acontece. Entretanto, as duas faces político-ideológicas concentram sistemas filosóficos, valores sociais, crenças e concepções opostas entre si, as quais conduzem a um programa político específico.

Desse modo, as pessoas ligadas ao espectro de direita têm como concepção salvar a tradição, ou seja, ser um obstáculo as mudanças religiosas, sexuais, de classe, de raça. As pessoas do espectro de esquerda têm como propósito ideológico a superação destas desigualdades de classe, raça, sexo e manipulação religiosa. Assim, o dualismo entre direita e esquerda, que surge da Revolução Francesa, conduz a uma distinção e harmonia do liberalismo e neoliberais (BOBBIO, 1994).

O liberalismo e o neoliberalismo são concepções de uma mesma matriz que está no centro do debate das organizações de direita no Brasil. A crise do liberalismo e o surgimento do neoliberalismo constituiu uma reanálise e reestruturação das forças e práticas liberais no seio da direita mundial (LAVAL, 2016). Segundo Laval, o direito natural, a liberdade de comércio, a propriedade privada e os processos de equilíbrio do mercado constituem dogmas essenciais da concepção liberal no meado do século XIX. A crise do liberalismo consistiu de 1880 a 1930, dentro de uma emergência dos imperialismos, conduziu a uma revisão pelos próprios liberais sobre

o limite dessa visão. O avanço socialista no mundo, diante do processo de crise, possibilitou um contexto para o surgimento em 1930 do neoliberalismo, o qual não foi adotado imediatamente.

No processo de reformulação das teses do liberalismo surge a disputa interna, revelando tensões, e colocando dois liberalismos para a discussão em torno dos problemas do capitalismo mundial. Nesse sentido, correntes do liberalismo clássico e do neoliberalismo traduzem essa disputa, na condução da governabilidade estatal e da política econômica dos governos. Dessa forma, a teoria econômica de Keynes apresentou um conjunto de meios jurídicos, políticos, econômicos, morais e sociais que levaria um “mundo da liberdade individual”. A política neoliberal implementada no Chile, EUA e Inglaterra no final do século XX, consistia em uma reestruturação do papel do Estado para a implementação de políticas específicas: uma nova regulamentação da concorrência, desmantelamento do estado social, privatizações, desnacionalizações das empresas estatais, pressão aos sindicatos, ampliação da terceirização e outros (LAVAL, 2016).

Há na literatura que tive acesso o evidente crescimento da extrema direita no mundo e no Brasil. Estes processos se passam na pós-modernidade, em que o neoliberalismo atua como agente desmobilizador das supostas “democracias” dos países centrais e dos países periféricos do capitalismo. Ao mesmo tempo, o avanço da extrema direita coloca elementos de uma relação mais ampla em relação ao a Colonialidade do poder, em que o norte do mundo, o norte branco, concentra a expropriação racial das riquezas e recursos naturais dos países neocolonizados. Os imigrantes em busca de vida melhor na Europa e nos EUA, sofrem racismo; e desponta, com isso, a retomada destes nacionalismos extremos, que tem a raça/etnia branca no imaginário nacional e histórico destas manifestações. Dessa forma, esta relação se espalha para países como o Brasil, onde a formação social e racial e a conjuntura política incidem com intensidade nas relações políticas atuais.

O aparecimento da “nova direita” ou da extrema direita no Brasil, penso, está relacionado a um conjunto de variáveis muito complexa que não daria para desenvolver. O que posso dizer é, pela literatura estudada, que desde 2013 começou um processo de restauração da direita no Brasil com novos moldes e novas táticas. Surgiram movimentos de rua de direita como MBL e Vem Pra Rua, trazendo pautas morais como prioridade associado ao antipetismo. Surge a Lava Jato e Serio Moro

como expressão da “justiça da nova direita” com métodos autoritários e seletivos; ao passo, que a Rede Globo os colocou nacionalmente como heróis do país. Como um filme de ficção, os heróis da toga contra o inimigo: esquerda. A força as igrejas evangélicas fundamentalistas e suas pautas morais e sexuais tomam força. As forças armadas se colocam cada vez mais na política do país, através de posicionamentos autoritários e inserção na política-eleitoral. A milícia e as PMs com um papel fundamental de introdução de mobilização e medo na sociedade. Ou seja, um conjunto de forças que podemos classificar que houve uma emergência de uma extrema direita no país, que se aglutinou no bolsonarismo como expressão máxima.

## **2.1. Extrema-direita ou a “nova direita” no mundo contemporâneo**

A ascensão de Bolsonaro ao governo federal brasileiro coloca diversas e complexas questões sobre se há, no contexto geopolítico atual, a influência ou algum tipo de coalizão ideológica e política com a essa onda conservadora de extrema-direita o cenário global. O mundo vive hoje um avanço de forças de extrema direita nos países europeus, nos EUA e na América Latina (ABREU, 2018). Dessa forma, existe uma relação entre a vitória de Bolsonaro no Brasil com esta onda conservadora e fascista que cresce no mundo? A emergência do presidente nas eleições de 2018 tem relação político-ideológica com a recente onda conservadora que avança na Europa e em outros lugares do mundo.

De algum modo, Bolsonaro e sua força política tem uma relação com os processos geopolíticos, pois a informação na campanha eleitoral, a qual Steve Bannon estaria por trás da campanha bolsonarista (ALAXANDER, 2018). A eleição de Trump, da Frente Nacional de Marine Le Pen e o movimento *Brexit* são expressões político-ideológicas importantes dessa onda conservadora no planeta. Os EUA de Trump e a países fortes Europa vêm tomando medidas políticas hiper-conservadoras e exercem, sem dúvida, influência ideológica e político-institucional na formação da força bolsonarista e nas eleições vitoriosas pelo candidato.

A extrema-direita vem ganhando forças em países fortes da Europa e nos EUA, e vem avançando a passos largos desde o início da década de 2010, após a crise mundial de 2008. Os EUA consistiu como a fonte do desastre financeiro e

econômico, e com a crise do Euro em 2009 e 2010. Porém um marco é 2014 quando as forças ultra conservadoras ganham adesão (LISI, 2018). Isso se deve ao neoliberalismo. É uma força social jurídico-econômica que impõe uma agenda de Estado mínimo para salvar as finanças monopolistas do mercado financeiro.

As explicações sobre as causas desse crescimento da força e partidos de extrema direita, talvez se dê por uma multiplicidade de fatores. A crise financeira do capitalismo de 2008 nos EUA e a crise do Euro que desencadeou um processo de desemprego e pobreza na Europa, e a extrema direita ganhou base social explorando esses problemas (LISI, 2018; LOWI, 2015, 2019). O mundo multipolar que se desenvolveu com a ascensão da China, da Rússia e do Irã como potências econômicas, políticas e militares colocando pesos e contrapesos nos avanços dos EUA. Esse processo surge do pacto entre as potências mundiais, na tentativa de desmobilizar disputas militares que envolvam armas de destruição em massa (KORYBRO, 2018).

O processo de homogeneização cultural com a ocupação de povos árabes, asiáticos e americanos, decorrente da globalização capitalista e das guerras no Oriente Médio, produziu formas de pânico social e indenitário na população europeia (sobretudo em função dos árabes), aliado aos discursos emitidos da direita radical são fatores desse crescimento (LOWI, 2019; NORRIS, 2005). Muitos europeus querem os imigrantes fora de seus países. E isso também decorre que a narrativa racial europeia hegemônica que sempre colocaram o problema do “outro”: o outro negro, indígena, asiático e árabe como povos inferiores e destrutivos.

A reorganização da chamada “nova direita” no mundo faz parte desse processo. A guerra cultural como tecnologia política foi implementada por estas forças políticas permitiram mobilizar socialmente classes e segmentos sociais para resultados eleitorais respectivamente. Os temas morais, tabus sociais, sexualidade, questões raciais e imigração fazem e fizeram parte dessa mobilização social. O discurso antissistema e a manipulação das redes sociais temblem foram centrais nesse processo. E outro fator determinante foi a incapacidade, apesar da resiliência histórica, da esquerda mobilizar os mais diversos setores da sociedade para o projeto alternativo ao neoliberalismo. A mecanicidade de parte dos discursos, práticas e plataformas políticas associado às pressões dos setores da direita e do próprio

sistema neoliberal, colocou obstáculos intransponíveis para o avanço da esquerda e da centro-esquerda (NORRIS, 2005; LEWI, 2015, 2019; LISI, 2018).

### **2.1.1. Mundo multipolar e as crises atuais**

Em 2016 a obra do francês Cristian Laval, “A nova razão do mundo, nos mostra que o neoliberalismo e suas múltiplas faces estão incorporando cada vez mais traços mais autoritários, traços fascistas na sua atuação política nos mais diversos países a nível mundial nestes últimos anos. Como diz o autor, o neoliberalismo é um sistema normativo político-econômico que se expande e inunda todas as esferas da sociedade e da subjetividade das pessoas. Na raiz, é uma diretriz jurídico-institucional para a economia a qual conduz uma plataforma de austeridade: solução antipopular para a crise, pois cortam gastos públicos, os serviços, rebaixamento de salários e direitos trabalhistas da população, privatizações e venda a baixíssimo custo de riquezas nacionais. Agora parece emergir, segundo ele numa entrevista recente aqui no Brasil, um neoliberalismo hiper-autoritário (LAVAL, 2015).

O propósito das forças neoliberais é quebrar as diretrizes democráticas mínimas do liberalismo clássico em função da agenda de austeridade inegociável (LAVAL, 2016). Traços autoritários aumentam diversos governos conservadores. Os EUA incorporam essa lógica de intervenção política e militar em outros países, quebrando um direito fundamental de qualquer país: a soberania nacional. A solução passou longe de ser resolvido. Ocultamente, as oligarquias financeiras pressionam duramente os Estados e os políticos a adotarem essa agenda. Portanto, o neoliberalismo parece começar a adotar medidas ainda mais antidemocráticas num contexto de disputas imperialistas dos EUA e da China (LAVAL, 2016; AMIM, 2005).

A disputa na geopolítica em torno das áreas de influência econômica e política que envolve os EUA e a China, disputando territórios aliados, exercendo influência na política brasileira. A china caminha para ser a maior potência econômica nacional em duas décadas. O mundo multipolar se apresentou como condição de disputas político-militar no mundo, diante de uma ascensão da China, Rússia e Irã no cenário mundial, estabelecendo uma nova forma de disputa em torno nos interesses globais (AMIN, 2005; KORYBRO, 2015). Nesse cenário se instaurou, apesar do

acordo anti-armas de destruição de massa, um estado de disputas e crises políticas, econômicas e sociais nos mais diversos países pelo alinhamento com EUA ou China.

Os EUA é o país imperialista que conduziu uma política de intervenção política e militar em países tido como subdesenvolvidos, na tentativa de controlar mercados, riquezas naturais e a política local, com a influência fundamental de instituições econômicas e políticas internacionais no pós-segunda guerra (AMIN, 2005). Tem o maior poder político, militar e vem perdendo sua hegemonia econômica para a China. Após a vitória da Segunda Guerra Mundial, o grande vencedor, os EUA controlaram os principais organismos internacionais de “cooperação” como a ONU, OMC, FMI e Banco Mundial. (AMIN, 2005). A última Guerra mundial teve como consequência no seu término, a transformação de diversos imperialismos para um imperialismo soberano no mundo organizado e hegemonizado pelos EUA, através de parcerias com o Japão, Canadá e a Europa ocidental.

Segundo Amin, a economia estadunidense é parasita e tem o poder de capturar capitais, influência de seus “parceiros” e suas economias no sistema mundial: as formas de recuperar em relação as suas deficiências se dão pelas quebras de acordos unilaterais, venda de armas pelo mundo, superlucro do controle dos preços petrolíferos e atuação política de violação da soberania de países inferiores militarmente. (AMIN, 2005). A crise mundial de 2008, com o seu início nos Estados Unidos, provocou um processo de abalo financeiro no planeta e conduziu o país a uma crise inacabada.

Nos últimos períodos, os EUA conduziram ataques a democracias no mundo em função de seus interesses nacionais, segundo as informações vazadas pelo jornalista Julian Assange e pelo Edgard Snowden. O “Tio San” tem como aliados político-militares principais: a Inglaterra, a Alemanha, Japão e muitos países de influência em outros continentes. Donald Trump é o presidente atual e conduz uma política externa mais dura em relação a China e, de algum modo, vem influenciando um processo mais profundo de desdemocratização no mundo das democracias liberais (LISI, 2018).

A China é um país de dimensões continentais e vem conduzindo uma política de desenvolvimento econômico súbito e eficaz, possibilitando a influência em grandes mercados pelo mundo, potencializando a cada ano e sendo cotada colocada

como a principal potência industrial e financeira do mundo até 2030. As reformas iniciadas no final da década de 1970, por Deng Xiaoping, possibilitou o PIB anual de 10% evoluindo para um país, em pouco tempo, potência mundial. Esta estabilidade e crescimento quase contínuo da China colocam números impressionantes em relação ao PIB em três décadas. De 1978 a 2007 a manutenção do PIB teve continuidade real com 9,7%, enquanto, por exemplo, o Japão crescia 2,4% (BRAGA, 2010).

Um dos principais elementos que explicam o crescimento econômico da China, e até o acirramento da disputa China e EUA, foi o comércio exterior. Segundo Braga, de 1975 a 2008, as exportações potencializaram de 7,7 bilhões para 1.428 bilhões, ao passo, que as importações também cresceram, de 7,9 bilhões para 1.133 bilhões (BRAGA, 2010). Outros diversos fatores contribuíram para isso, e que não teria como discutir aqui dado o foco da pesquisa. Muitos países nos diversos continentes vêm negociando prioritariamente com a China diversos produtos das mais diversas naturezas.

Na América Latina, o Brasil, como muitos outros países, sobretudo nos governos Lula e Dilma, colocaram como prioridade as negociações com a China. Hoje o Brasil está alinhado economicamente com os EUA. Dessa forma, o Brasil exportou commodities para China, ao mesmo tempo, está importando produtos industriais em nosso país. A China irá se tornar, segundo os próprios organismos internacionais, que a China será a principal potência econômica do mundo em talvez duas décadas. Nesse sentido, a guerra comercial e econômica que o EUA e a China estão travando implica em disputas políticas aliança no mundo. A China tem como aliados o Irã e, sobretudo a Rússia, nessa saga que não tem indícios do final.

As crises econômicas são um processo inerente ao capitalismo, como se constatou desde a análise de Marx. Ela decorre de processos de acumulação de superprodução sem possibilidade real de escoamento de mercadorias produzidas no âmbito das fabricas. No entanto, as crises atuais são financeiras ou de especulação financeira do capital fictício e hegemônico pelas oligarquias financeiras (AMIN, 2005). A crise mundial iniciada nos EUA em 2008 e a crise de débitos do Euro em 2009 preconizaram muito as condições devida dos europeus: a Grécia quebrada é um exemplo nítido disso. A União Europeia impõe medidas antipopulares neoliberais como condição de crédito. Ao mesmo tempo, as forças da extrema direita avançaram paulatinamente nas eleições, principalmente na França em que a Frente Nacional,

sob liderança de Maria La Pen, foram ocupando espaços institucionais em função de apoio eleitoral das últimas eleições (CARVALHO, 2016).

Segundo Lisi, desde 2009 a economia europeia crescia e, a partir de 2015, houve uma melhora com crescimento do PIB. A crise social que precarizou a vida dos europeus desde 2009 e os grandes fluxos de imigração vindos de países em conflito de guerra, como a Síria e Afeganistão, intensificou as disputas políticas no debate público dentro dos países, quanto no interior da União Europeia e seus membros, tendo como parte importante dos temas centrais do debate as demandas das direitas extremistas.

A Alemanha e a França não entram em consenso sobre os a onda migratória no período de discussões sobre as medidas. A primeira ministra da Alemanha, Merkel, vem tentando negociar com a França relutante e os países da UE sobre o tema. Muitos países não querem imigrantes em seus territórios. A extrema direita encontrou nos valores de um nacionalismo xenófobo e racista, uma guerra contra os imigrantes, como centro da sua “crítica social”. Fundamentalmente, esse ataque vai contra pessoas de origem e religião mulçumana (LISI, 2018).

No Brasil, os interesses econômicos e políticos liberais e neoliberais dos EUA são fortes desde a segunda Guerra mundial, porém nos governos Lula e Dilma, a China foi o principal parceiro econômico. Agora, o governo Bolsonaro está reconduzindo a política externa brasileira ao alinhamento aos EUA, adotando em sua plataforma a agenda neoliberal no Brasil. Esse processo constitui uma ascensão da extrema direita a nível mundial, sobretudo na Europa, o que coloca questões sobre a envergadura, semelhanças e diferenças, e amplitude em relação ao fascismo clássico dos anos 1930 e suas consequências para a humanidade.

### **2.1.2. Crescimento da extrema direita na Europa na última década**

Na Europa do sec. XXI, a evidente ascensão de forças políticas de extrema direita coloca problemáticas sobre as razões e as consequências desse crescimento rápido e vigoroso. Em vários países europeus se percebe essa difusão em um mundo em crise das mais diversas naturezas. Os resultados eleitorais recentes da extrema direita na Europa são inéditos em relação ao fascismo clássico dos anos

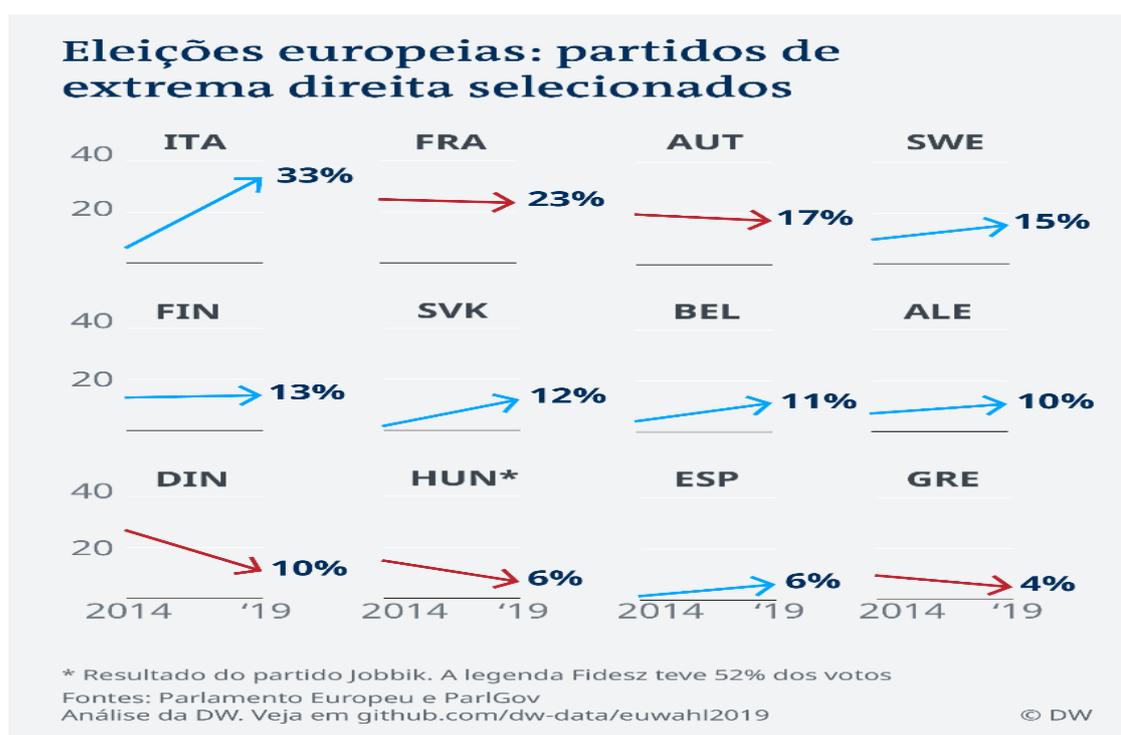
1930. Desde os anos 1990 se estudos, principalmente nos EUA, sobre formas de mobilização social através de temas morais, costumes, questões raciais, sexuais e outros (HUNTER, 1991; FESTA, 2020). A extrema direita ou a “nova direita” na atualidade cresce mobilizando socialmente a partir dessa guerra cultural como tecnologia política. Segundo Lowi, cada fenômeno histórico tem sua especificidade mesmo com semelhanças evidentes. Nessa linha, no atual momento desse crescimento, estamos vivenciando um momento singular do capitalismo: o neoliberalismo. (LOWI, 2015). Diante dos regimes totalitários de grande envergadura nacional e internacional que eram em 1930. O que ocorre hoje não se compara, embora as forças atuais incorporem elementos nazifascistas em suas influências e plataformas políticas (LOWI, 2015).

Segundo Lowi, as forças da extrema direita hoje na Europa são bastante diversa em suas práticas, discursos e plataforma política no interior de cada país. Dessa maneira, o autor constrói uma tipologia que enquadra o padrão da atuação destas forças. A primeira, são partidos de caráter diretamente fascistas, ou seja, forças que incorporam quase totalmente as influências: que se enquadra a Aurora Dourada da Grécia, Partido Nacional Democrata na Alemanha; Setor direito da Ucrânia, Jobbik da Hungria e outros. As táticas das forças de extrema-direita se deu pelo fenômeno político da guerra cultural já discutido, levando temas e debates sensíveis relacionados a questões raciais, sexuais, religiosos como uma nova forma de priorizar e aprofundar clivagens já presentes nas culturas nacionais como discurso e prática política dessas movimentações. A big data e as *fake news* foram sendo utilizadas e foram centrais nos processos de mobilização social e eleitoral que permitiram esse crescimento (SOLANO, 2017; LISI, 2018; AURÉLIO, 2020)

As forças se confirmam também em partidos “Semifascistas”, que designam os partidos que tem raízes fortes com o fascismo, porém não podem ser enquadrados como o padrão clássico, pois suas lideranças tentam camuflar tais influências e moderar nos discursos: são a Frente Nacional da França; FPO da Austrália; *Vlaams Belang*, da Bélgica e outros. E tem os partidos que não tem raízes somente no fascismo clássico, mas incorporam a xenofobia, racismo e islamofobia: o Ukip do Reino Unido (Partido de Independência do Reino Unido); Partido da liberdade da Holanda; Lega Nord na Itália; UDC (União Democrática do Centro); Partido do Povo

Dinamarquês e outros. Donald Trump faz parte desse contexto e talvez se enquadre no ultimo padrão (LOWI, 2015; LOWI, 2019).

Tudo indica que esse processo surge com a eleição dramática de Donald Trump nos EUA, o que potencialmente, possibilitou a emergência e o fortalecimento destas forças políticas de influências neonazistas e neofascistas. Ao mesmo tempo, as crises econômicas recentes, 2008 nos e EUA e na Europa em 2010 criaram as condições de crescimento dessas forças ultraconservadoras. O discurso anti-imigração e anticomunista ou socialista tem sido potencializado pelos extremistas de direita ou da nova direita, a qual coloca como uma das estratégias principais de sua plataforma política e de mobilização social. E tem ganhado força. De 2014 à 2019, como mostra a tabela, a incidência e crescimento é palpável.



Essas forças da direita radical vêm ganhando forçado Reino Unido, Hungria, EUA e forças de extrema direita na Holanda, Áustria, Espanha e outros tem construído com eficiência, um discurso de oposição as soluções políticas que incorporavam os imigrantes vindos de países em conflito de guerra da Ásia. Os dados de 2019 da tabela apresentada com a fonte do Parlamento europeu. Tudo indica que

o pensamento do presidente brasileiro sobre a imigração é negativo e expressa conteúdo da mesma natureza xenófoba, como já expressou por vezes nas mídias e redes sociais brasileiras (lembrando quando ele se referiu aos Venezuelanos). Recentemente, Bolsonaro saiu do Pacto Global para Migração (ver em Notícias Uol - 08|01|19). Há semelhanças entre o forma de mobilização social nos discursos das forças da direita radical da Europa e do Brasil. No entanto, aqui tem suas especificidades, quando se percebe um discurso pró-intervenção militar e uma agenda política de desnacionalização da economia (LOWI, 2019).

A extrema direita europeia conduz uma política do medo como mobilização, pois se utilizam de crise de migratória, da precarização recente da vida cotidiana e a frustração como alavanca para formação de base social e política, para alcançar lugares de poder político. As experiências na França, nos EUA e em outros países demonstram que estas táticas utilizadas, diante de crises econômicas e sociais, têm uma boa adesão da população, a qual se iludem com o discurso retórico que distorce as causas reais dos problemas nacionais de cada país. O avanço destas forças conservadoras nos mais diversos países europeus coloca a disputa geopolítica em uma relação de forças distinta do que vinha acontecendo, mas agora sob a força econômica neoliberal:

Embora a emergência dos partidos populistas não seja um fenômeno recente, nos últimos anos adquiriu uma dimensão inédita tanto ao nível da opinião pública como a nível de produção acadêmica. As eleições europeias de 2014 constituíram um marco importante para a ascensão deste fenômeno, sobretudo com o sucesso de partidos como o Podemos, o *Ukip* e a Frente Nacional. Sucessivamente, foi a eleição de Trump e o referendo sobre o *Brexit* a reforçar o interesse dos especialistas sobre a difusão e sucesso do populismo. (LISI, 2018. p.4)

Em 2014, a força conservadora da direita radical e ascendeu às referências nazifascistas e sua simbologia com maior força, ganhando força nas ruas e no Estado, explorando o medo, insatisfação e a situação precária das classes populares europeias, tendo adesão ideológica da classe média branca; enquanto esquerda social democrata europeia perde força social, não conseguindo impedir essa ascensão demasiadamente rápida (NORRIS, 2005; LOWI, 2015; LISI, 2018). Os valores ligados a um ultranacionalismo, anti-imigrantista, valores do cristianismo e um

discurso antissistema, anti-LGBT caracterizam um o discurso essas forças políticas (LOWI, 2015; LISI, 2018; CARVALHO, 2016). Essa mobilização social apareceu nas urnas.



A maior potência nacional do mundo e a vitória de Donald Trump em 2016 marca um momento histórico, em que chega a presidência um presidente com este discurso anti-imigrantista, com fortes apelos nacionalistas e protecionista, racista e misógino conduziu o mundo a uma inflexão antidemocrática no mundo. Faz parte da expressão do nosso tempo e da conjuntura internacional de crescimento dessa direita neofascista no mundo. A eleição de Trump é analisada por vários intelectuais como um fenômeno que pode ter diversas causas. Para Costa, esse sua vitória faz parte do esgotamento do consenso em torno da globalização neoliberal, tendo uma situação de crise dos partidos tradicionais do sistema político estadunidense, e a própria crise que ainda tem efeitos contundentes desde 2008. Esse processo abriu uma brecha política para que o discurso antissistema, xenófobo e hipernacionalista pegassem na nação mais poderosa do mundo (COSTA, 2018).

Emerge assim como uma espécie de representação de uma nova direita, que apesar de não ser exatamente uma reprodução do fascismo clássico apresenta em relação às vertentes da ultradireita dos anos de 1930 aspectos

similares, sobretudo em relação ao nacionalismo e ao discurso de ódio em relação às minorias sociais. Tampouco se pode descartar que haja um aprofundamento desses aspectos regressivos que Trump representa. (COSTA, 2018)

A política Trumpista nesses anos até hoje é conduzida por uma forma de comunicação distinta, e se enquadra em uma conduta neofascista mais moderada, pois não se manifesta tão escancaradamente como o presidente brasileiro. Trump se comunica controversamente com a sociedade e com sua base social através do *Twitter*, acumulando polêmicas e críticas de vários políticos pelo fato de tratar sua vida política como celebridade (COSTA, 2018).

Para a autora, se evidencia uma espécie “nova direita” ou uma extrema direita forte, que não se assemelha ao fenômeno do fascismo dos anos 1930, ele incorpora elementos do fascismo clássico, quando o seu discurso de ódio aos imigrantes e as minorias com maquiagem de nacionalismo (COSTA, 2018). A narrativa é “o inimigo da economia é o imigrante e o inimigo dos bons costumes da família são os homossexuais e as feministas”. Discurso como guerra cultural que contaminou os EUE e Europa atualmente. A intervenção dos EUA contra soberania de outros países como a Venezuela continua com Trump, porém a coalizão China-Rússia vem pondo freios nesse poderio. Há evidências, através do site *Wikilikes*, que no Brasil houve intervenção estadunidense no golpe de 2016, pelas informações do ex-presidente Temer com atores da política dos EUA.

Em 2017, o resultado das eleições possibilitou evidenciar o avanço da extrema direita em vários países: segundo lugar de Mariene Le Pen nas eleições presidenciais; se tornou a terceira maior força no Parlamento o partido Alternativa na Alemanha, e na Holanda o Partido para Liberdade e foi ganhando força, sendo segundo no pleito; e o avanço de forças de extrema direita na Polônia, na Grécia, na Espanha e Hungria. Em 2018, a eleição de Bolsonaro se coloca, até onde sabemos dentro desse espectro ideológico: através de seus discursos, agendas políticas, alianças e prioridades (LISI, 2018; COSTA, 2018).

Não há incertezas sobre o fluxo dessa onda de extrema-direita no mundo ser um movimento coeso e estruturado. Porém, surgiu uma figura influente no mundo, ligado ao possível retorno de governos e relações nazifascistas: Steve Benon. Banon

organizou a campanha de Trump e no Brasil de Bolsonaro. Isso demonstra uma certa ligação do presidente brasileiro com as forças de extrema direita nos EUA.

É o caso dos partidos de extrema-direita, que se distinguem das restantes famílias partidárias pelas suas posições anti-imigração e a negação do princípio de igualdade. Em detrimento do anti-semitismo evidenciado no passado, os partidos de extrema-direita nos sistemas políticos da Europa Ocidental têm progressivamente redirecionado a sua xenofobia para a religião muçulmana e adotado a islamofobia como um dos seus fundamentos ideológicos. (CARVALHO, 2016, p.58)

A esquerda ou a força social democrata na Europa perderam muitas forças na Europa desde 2010, não tendo uma estratégia eficiente para combater o discurso anti-imigração da extrema direita, e não vem ganhando força em função da crise dos partidos tradicionais. Evidentemente a centro-esquerda e a esquerda europeia é diversa e heterogênea (LISI, 2018). Os partidos que tinham cadeiras no parlamento europeu e expressão eleitoral durante décadas, tanto a social democracia, quanto a ou a centro-direita, perderam grande parte da força que construíram (NORRIS, 2005). Os resultados na França dos socialistas, na Holanda, na Áustria, Inglaterra e em outros países foram desastrosos nas eleições de 2018. Esse fenômeno tem haver também com a crise de representatividade que impera na Europa.

A velha esquerda talvez não tenha respondido a essas preocupações, a desigualdade social pode ter piorado, enquanto esses partidos se tornaram cada vez mais “catch-all” na busca de apoio entre as classes médias em rápida expansão; e as forças da globalização e das pressões do mercado internacional constrangeram a autonomia de governos de centro-esquerda de aprovar medidas protecionistas. (NORRIS, 2005)

A capacidade de atrair classes populares e a classe média pela esquerda e centro esquerda foi ineficiente, diante de problemas sociais criados pelo neoliberalismo na Europa, e diante da rápida globalização a experimentação dos amplos contingentes de imigrantes vindos do Oriente Médio (NORRIS, 2005; LOWI, 2015). Segundo Lewi, a visão mecanicista da esquerda não contribuiu para perceber o fenômeno da extrema direita, que em grande medida cresceu pela via do debate dos costumes e da islamofobia, ou seja, pelo caminho cultural. Ao mesmo tempo, esse

elemento se associa a hegemonia de atuação ao mundo do trabalho, em que o operariado era a grande prioridade de mobilização social. O que deve ser a condução da disputa política, sem dúvida (NORRIS, 2005; LOWI, 2015).

Porém, na Europa, as forças progressistas deixaram de perceber setores da população que sofreram com o desemprego e pobreza e ainda setores de classe média que enfrentaram riscos com as crises econômicas recentes no interior na União Europeia (NORRIS, 2005). Nesse sentido, setores sociais incorporaram a culpabilização de minorias étnicas, os imigrantes, como causa de todos os problemas dos países. Ou seja, a esquerda e centro-esquerda não conseguiram disputar o discurso anti-imigração, do sentimento de segurança e prosperidade e das causas reais das crises e aumento de riscos sociais de precarização da vida.

Segundo a análise de Marco Lisi, houve uma guinada ainda mais à direita, em relação a correlação de forças no continente. A realidade expõe características que expressam uma inflexão para a extrema-direita no planeta, a qual antes não ganhava atenção da população de seus países. Pra ele, é um novo ciclo que se inicia sob o avanço dessa onda conservadora, e que coloca riscos graves a democracia liberal já débil no mundo. Dessa forma, a social democracia perdeu força nas relações de força com a centro-direita e com a extrema direita na Europa, seja na sociedade, seja na política institucional (LISI, 2018).

Na atual conjuntura, os partidos de extrema-direita europeus têm observado um crescimento eleitoral significativo e ressurgido em contextos políticos nos quais estavam relegados ao ostracismo. Na Áustria, o candidato do Partido da Liberdade (fpö) foi o mais votado com 36,4 por cento do total de votos observados na primeira volta das eleições presidenciais em abril de 2016, um resultado inédito desde a Segunda Guerra Mundial. Na Alemanha, o partido Alternativa para a Alemanha (AfD) alcançou resultados históricos nas eleições em três estados germânicos em 2016, principalmente na região da Saxônia onde foi o segundo partido mais votado após ter recolhido 24,2 por cento dos votos. Na Suécia, o partido Democratas Suecos (sd) registou um crescimento substancial nas sondagens eleitorais e atingiu um pico de popularidade em dezembro de 2015 com 18,9 por cento das intenções de voto para as eleições parlamentares. (CARVALHO, 2016, p.50)

Nos países europeus, os discursos Mariene Le Pen, Donald Trump, o partido Alternativa para Alemanha, o Partido para Liberdade da Holanda colocam no centro do debate a questão da imigração, a crítica ao sistema corrupto, e a importância

e a prioridade nacional. A imigração se tornou um problema devido às guerras no oriente médio e as forças conservadoras se aproveitam para relacionar o problema nacional ligado a essa imigração. Estas forças de extrema-direita incorporaram um nacionalismo xenófobo em sua retórica, numa tentativa de reafirmar o sentimento nacional das pessoas (LISI, 2018; CARVALHO, 2016).

Há também uma crítica velada ao neoliberalismo, embora tendo que incorporá-la devido a sua onipresença no mundo social (LAVAL, 2008). Assumem uma posição colocando como solução um protecionismo. Ao mesmo tempo, o discurso antissistema dos candidatos também tem seu impacto diante das populações desses países (LISI, 2018). Diante da frustração e do medo das pessoas, candidatos populistas de extrema-direita têm tido sucesso nos processos eleitorais: com esse discurso de campanha de Trump, de Macron na França, Andrej Babis na República Checa, Sebastian Kurz na Áustria e Bolsonaro no Brasil.

Um artigo escrito por Andrew Korybko fruto de seu livro “Guerras Híbridas”, afirma indícios de interferência estadunidense nas eleições brasileiras na construção de militâncias para desestabilizar governos, através de redes sociais e *Fake News*, que não estariam alinhados aos EUA. Portanto, o que se tem escrito sobre o recente processo de avanço da direita, mais especificamente da extrema direita no mundo, condicionou a construção de uma força extrema-direita bolsonarista no Brasil e que ganhou as eleições em 2018.

O site do *Wikileaks* revelou há pouco tempo que o ex-presidente Michel Temer passou informações estratégicas do Brasil para os EUA. O jornalista Julian Assange revelou que Temer teve reuniões privadas na embaixada dos EUA para tratar questões relacionadas a questões de inteligência relacionadas à política e a economia brasileira. Dessa forma, desde o golpe de Estado de 2016, que há indícios do apoio estadunidense, vêm saindo na mídia independente sobre a intervenção política dos EUA no Brasil, que visa interesses econômicos e geopolíticos. As informações que Michel Temer passou aos estadunidenses significam a quebra da soberania nacional do país, conduzindo para um aprofundamento de dominação estrangeira no Brasil.

Com este contexto de avanço político e eleitoral da extrema-direita na Europa e nos EUA, no Brasil se constituiu uma força de extrema-direita que ganhou as eleições de 2018 e estabelece semelhanças e algumas diferenças com estas

forças. Ao mesmo tempo, se têm indícios que houve interferência estadunidense nas eleições brasileiras. A França, no Reino Unido, Holanda, na Alemanha encontra-se ideias e valores semelhantes na extrema-direita destes países, com a força brasileira expressa na figura de Bolsonaro. Porém, parece haver diferenças na política econômica (SOLANO, 2019).

A campanha de Bolsonaro seguiu o padrão de mobilização eleitoral das campanhas da extrema-direita ocorrido nos EUA e na Europa desde 2016 e em 2017. A campanha bolsonarista expressava em seus discursos: contra a suposta corrupção generalizada do PT (Partido dos Trabalhadores); uma narrativa contra o comunismo: um antiesquerda como solução do caos social. Seu discurso afirmava ele sendo um político antissistema, embora tenha mais de trinta anos de política institucional. Falas contra as minorias: mulheres, negros, homossexuais tiveram grande importância, antes e durante a campanha. Ao mesmo tempo, o as falas de Bolsonaro contra nordestinos e contra imigrantes em sua campanha também tiveram grande impacto.

Tudo indica que a proposta econômica do eleito presidente Bolsonaro se constituiu numa agenda neoliberal e não nacionalista, e é contrária às políticas econômicas defendidas pela extrema-direita na Europa e em Trump. No entanto, a dependência e a interferência histórica da América Latina pelos EUA e Europa se colocam como variáveis de muita relevância. Assim, o que se coloca é que Bolsonaro e sua plataforma de campanha construíram uma agenda neoliberal em detrimento de um suposto nacionalismo de campanha: plataforma conservadora próprio das forças de direita extrema de caráter antinacional.

A ligação do neofascismo bolsonarista com Steve Bannon, expresso na ocasião em que seu filho Eduardo Bolsonaro tira uma foto com Bannon. Isso revela fortes indícios de coordenação externa na campanha bolsonarista ao longo da eleição (ALEXANDER, 2018). Isso só foi possível por um cenário singular que se criou no Brasil, em que houve uma reinvenção das forças de direita no país, num contexto em que se consumou um golpe de Estado em 2016, do governo Dilma Roussef, e a prisão controversa e obscura juridicamente do ex-presidente Lula: o principal candidato a eleição de 2018.

## 2.2. A “nova direita” ou extrema-direita no Brasil no pós 2010

A relação recente da centro-direita com a extrema direita ou “nova direita” constitui uma conexão intrínseca de movimentação política. Isso porque têm o mesmo programa político econômico, porém divergindo nas pautas morais (SOLANO, 2018). No entanto, sem dúvida, foi à centro-direita que alavancou a extrema direita a se eleger nas eleições de 2018 no país, criando um clima de ódio desde e apoiando suas investidas desde as jornadas de 2013, quando grupos neofascistas e neonazistas atuavam nas mobilizações (SOUZA, 2017; SOLANO, 2018). A centro-direita brasileira, semeada no terreno do liberalismo, atravessou o século XX com suas diversas frações e plataformas políticas, tendo divergências com a esquerda e entre si (KYNSEL, 2015). O PMDB, PSDB, DEM e os partidos associados na política nacional de coalizão simbolizam essa força atualmente (GUILHERME, 2015).

A chamada “nova direita” ou extrema-direita surge no processo de mobilizações desde as jornadas de 2013 e, apesar de ser novos setores entrarem na política brasileira, constituem uma reinvenção ou uma reemergência política de suas bases (SOLANO, 2018; MIGUEL, 2018). Essa reinvenção simboliza o surgimento da Lava Jato, do MBL e os demais movimentos de rua de direita, dos militares, o avanço dos evangélicos fundamentalistas e dos Bolsonaro expressam a “saída do armário” da chamada “nova direita”. Esse processo significou um novo rearranjo das forças de direita no país, com a essa “nova direita” assumindo protagonismo institucional, nas ruas e nas redes sociais, mobilizando eleitores insatisfeitos com a centro-direita e com o a centro-esquerda (SOLANO, 2018).

A política brasileira passou por um processo de mudanças no processo de realinhamento de forças políticas, sobretudo da direita, desde 2013, em que emerge uma força política de extrema direita ou “a nova direita”. (SOLANO, 2018; MIGUEL, 2018). O campo progressista viu surgir apático e perplexo a reorganização e fortalecimento da “nova direita”, esta onda conservadora neofascista no país colocando suas pautas no debate nacional e ganhando força política. Segundo Miguel, houve uma reemergência de grupos de extrema direita, no seio da direita tradicional ou da centro-direita, com um discurso que coloca a “agenda moral” como forma de combate; porém com viés neoliberal. Esta força coloca novos discursos e novas práticas conservadores, sem qualquer tipo de preocupação.

A reemergência das “direitas” ou da extrema-direita no Brasil é também decorrente da acomodação sem confronto do PT com a “velha”, possibilitando espaço para a “nova” direita; e da incapacidade, mesmo aguerrida do PSDB, de ter adesão da maioria da população (MIGUEL, 2018). Dessa forma, no bojo dessa nova situação, que foi a crise política do segundo governo Dilma, setores da extrema direita se organizaram em três frentes: o libertarianismo; o fundamentalismo religioso e a reciclagem do antigo anticomunismo (MIGUEL, 2018). A concepção libertariana vem da escola liberal austríaca dos EUA e tem como pauta fundamental um Estado pequeno, uma máquina pública neoliberal, onde o mercado gere o próprio Estado para os condicionamentos do mercado. Esta visão tem a autonomia individual como direcionamento pessoal da vida pública. Para eles, as reformas neoliberais são fundamentais para o trânsito do mercado de capitais no Brasil. A força mais poderosa da “nova direita” está nesse campo, onde Paulo Guedes é o grande representante do novo governo.

O fundamentalismo religioso e setores do anticomunismo resistentes são faces dessa “nova direita” ou do neofascismo brasileiro do novo século (MIGUEL, 2018; VIEIRA; 2018). As igrejas neopentecostais começam a ganhar muita força na sociedade e na política desde 1988 no país, constituindo uma bancada no Congresso: a chamada “bancada evangélica”. A atuação dos evangélicos se dá prioritariamente nas periferias nas cidades, organizando pessoas trabalhadoras e pobres de origem negra para apoio financeiro e eleitoral (LOPES, 2018, MIGUEL, 2018). A terceira força política é a anticomunista: tem uma ressignificação conjuntural para o bolivarianismo como discurso. É um setor da direita que ganha força com o discurso ultrapassado referente a Guerra Fria e ganha adesão na América Latina e no Brasil.

Os setores que encarnam o discurso anticomunismo avançaram muito na opinião pública, associando o PT ao comunismo existente no país. O MBL, Revoltados *Online*, o clã Bolsonaro e outros movimentos de rua de direita mobilizaram este debate no seio da população (MIGUEL, 2018). A Rede Globo e a Lava Jato sem dúvida participaram na construção dessa percepção na esfera pública, criminalizando o PT e a esquerda, estruturando um terror ideológico e de ódio no país. A guerra cultural é a ferramenta mais utilizada por estas forças, trazendo para o debate questões sobre a família, sexualidade, corrupção da esquerda, segurança pública e doutrinação na educação (SOLANO, 2017; MIGUEL 2018).

A Lava Jato foi uma operação fundamental para estruturação da perda de força política e social da esquerda e do PT. A Rede Globo constituiu uma atmosfera simbólica necessária para esta criminalização das esquerdas a partir de falsa notícia. Os procuradores e juízes da Força tarefa de Curitiba atuaram como partido político para desestabilização do PT, ao mesmo tempo, que ganhou legitimidade da população. Foram realizadas práticas inconstitucionais no decorrer do processo pela seletividade investigativa e na concentração de competências de Sergio Moro.

A “nova direita” constitui diversos setores sociais e políticos que se aglutinaram, por força de uma conjuntura de ampliação do fascismo no Brasil, a partir de articulações de “velhas” forças de direita do país (MIGUEL, 2018; SOLANO, 2018). Os militares, as milícias e empresários nacionais e internacionais fizeram parte da construção dessa extrema direita, do qual fazem parte, e foram determinantes para eleição de 2018 (PINTO, 2019). Nos subcapítulos será analisada a literatura da “nova direita” com ênfase com alguns setores, pois não teria como saturar o debate diante do objetivo fundamental deste trabalho. Dessa forma, discutirei a atuação e a função dos movimentos de rua de direita como MBL, Vem Pra Rua, Revoltados *Online*. O lavajatismo e sua prática de judicialização da política, o qual conduziu o Brasil para prática da perseguição político-jurídica de inimigos políticos. Discutirei também os fundamentalistas religiosos: este setor foi fundamental pela capacidade de mobilização social e política que as igrejas tem que foi canalizado para a desestabilização do governo PT e para eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

### **2.2.1. Aspectos políticos do contexto da polarização política e da mobilização da “nova direita” e da extrema-direita no Brasil pós 2010**

A ascensão do governo Bolsonaro em 2018 tem uma relação profunda com as condições de desestabilização política e social do segundo governo Dilma, que relativamente começa nas jornadas de 2013 (SOUZA, 2017; SOLANO 2018). O governo neofascista se ergue pela atmosfera social e institucional do ódio, da reinvenção da direita e das crises de mobilização e das alianças políticas de esquerda. O clima fascista estruturado na sociedade brasileira condicionou toda a opinião

pública de 2013 a 2018, colocando temas e debates que não estavam na prioridade da mesa da política brasileira.

Os protestos de 2014 e 2015, que se desdobraram nos acontecimentos de 2016, consistiu numa polarização mais intensa no país que possibilitou uma reconfiguração da direita brasileira. Nesse período surge à força tarefa Lava Jato com uma atuação seletiva e política da justiça brasileira. A partir de 2014 o governo Dilma começa a perder popularidade rapidamente, com um fator fundamental do direcionamento que foi realizado das jornadas de 2013 ao governo federal (SOUZA, 2017; SOLANO 2018).

As novas organizações de direita ou a extrema-direita se constitui no contexto do clima de ódio ao PT e as questões que o partido representa, e no contexto de quebra de alianças fundamentais que possibilitava os governos PT. A Rede Globo de TV constituiu uma força simbólica fundamental para a criação do antipetismo: o PT como organização criminosa e que desestabilizou o país. A Lava Jato como força jurídica seletiva à direita, vazava informações verdadeiras e falsas para a Rede Globo publicizar. Esse processo criou força necessária para a reestruturação da dita “nova direita” ou da extrema direita (SOUZA, 2017; SOLANO 2018).

As presenças de Aécio Neves, Eduardo Cunha e Michel Temer foram personagens fatais na mudança de sentido da lógica institucional e social da tímida democracia brasileira. E isso decorre de uma quebra de aliança das elites internas do empresariado brasileiro, os quais atrofiaram a força institucional do PT e movimentos sociais, que possibilitaram o golpe de 2016. Os novos movimentos de rua e de rede social ligados a “nova direita” ganharam força diante desse contexto de desestabilização, agregando insatisfações e medos ligados a publicidade de *fake news* em relação a esquerda. O MBL, Revoltados Online e outras forças arrastaram uma massa de pessoas para protestar durante esse processo. A classe média branca conservadora foi as ruas mobilizada por estes movimentos, e pequenas parcelas de pessoas negras de classes populares. Diante dessa mobilização, ganham força o Clã Bolsonaro, evangélicos fundamentalistas, militares que viriam a ser fundamentais nos anos de 2017 e 2018 na política nacional (SOUZA, 2017; SOLANO 2018).

Os governos do Partido dos Trabalhadores duraram 12 anos e se caracterizaram por ter um projeto neodesenvolvimentista (BOITO, 2018). Segundo

autor, se trata de um desenvolvimentismo nos marcos do neoliberalismo. O governo Lula deu início a um pacto com forças do espectro da direita liberal tradicional e com boa parte das elites brasileiras. Ou seja, houve um deslocamento de centro-direita da base de apoio do PSDB no governo passado, que agora forjaram uma coalizão com o PT. Segundo Singer, o processo de construção do “Lulismo” se deu com uma contradição de programa no primeiro governo de Lula, pois não se rompeu com a política monetária, de juros, não teve aumento do salário dos servidores (SINGER, 2012).

Ao mesmo tempo, houve programas de distribuição de renda e crédito para os trabalhadores precarizados e pobre. É a partir de 2006 que o Lulismo surge com força, pois há um realinhamento político da população mais pobre, e o deslocamento da classe média para o PSDB. O Nordeste foi a região que mais foi beneficiada pelas políticas lulistas e a região de maior apoio nas últimas eleições. Foram desenvolvidas políticas públicas de distribuição de renda em diversas áreas, políticas de habitação, acesso a água e luz (SINGER, 2012).

Uma das grandes modificações se configurou com o acesso de pela primeira vez de pobres, negros e trabalhadores a universidade, algo antes nunca visto na educação brasileira. As cotas em universidades para negros e pobres deu a estes setores o capital cultural que nunca tiveram. Esse processo possibilitou melhora na condição de vida, nas condições de acesso ao saber, os quais modificaram a experiência de mundo da população trabalhadora e negra do país. Segundo Datafolha, Lula saiu com uma grande popularidade de seu governo: 83% de ótimo ou bom.

A grande mídia teve uma função fundamental para a difusão de perspectivas e concepções sobre as notícias, com viés ideológico da direita neoliberal, construindo consenso de agenda e demonizando alguns setores, exaltando outros como heróis figuras de interesses da emissora. Segundo Souza, no artigo “A grande mídia e o ódio ao PT, ela afirma que se criou uma atmosfera de ódio ao PT. E esse movimento se deu quando ao longo dos governos PT, a grande mídia, principalmente a Rede Globo, tentou degradar a imagem de Lula e tornar inviável o governo Dilma. O PT não conduziu a uma regulamentação da mídia, como demandava suas bases mais orgânicas.

Um exemplo foi as manifestações de 2013, “as jornadas de 2013, quando a Globo mudou de linha editorial sobre as manifestações contra o aumento das passagens e de outras pautas. Ela iniciou criticando e ao longo do processo, ela canalizou os problemas apresentados nas manifestações, a suposta má administração e corrupção dos governos PT. Essa movimentação foi minando a popularidade de Dilma que caiu bruscamente e, lentamente, se criou um cenário simbólico das eleições de 2018. A exaltação da Lava Jato, chefiada por Sergio Moro constituiu uma narrativa maniqueísta que colocava os inimigos (o PT) e os salvadores (a Lava Jato na figura de Moro) do país” (SOUZA, 2015; Souza, 2017; SOLANO, 2018).

Durante os governos Dilma se desenvolve de forma mais sólida a constituição e uma série de mobilizações da chamada “nova direita” (SOLANO, 2018). A eleição de 2014 aconteceu de forma muito acirrada, em que PT e PSDB tinham forças equivalentes no eleitorado brasileiro. A economia estava crescendo e a popularidade de Dilma era de 33% segundo Datafolha, porém em março de 2013, antes das manifestações, sua aprovação chegou a 77% (GUILHERME, 2017; BBC, 2015). Em 2014 ela tinha 62% de rejeição. Nessa conjuntura política, a partir de 2013 surgem novas organizações políticas de direita, associadas às velhas organizações, colocando uma nova dinâmica de mobilização política através, sobretudo, pela agitação das pautas dos costumes ou morais, mas com a mesma agenda neoliberal das forças tradicionais da direita.

O governo Dilma deu continuidade ao projeto lulista e continuou a aliança neodesenvolvimentista com setores das elites internas brasileiras e com a sua representação, o PMDB, expresso na figura de Temer, como vice da chapa. Sem dúvida, a eleição em 2010 de Dilma expressou a continuidade do pacto com a centro-direita. Dilma assumiu em 2010 e as políticas de inclusão continuaram a todo vapor. Segundo Singer, o PMDB atuou para bloquear as forças de esquerda no bloco de poder lulista ao longo dos governos desta coalizão. Segundo Guilherme, a força distributiva do último governo Lula não era viável em sua totalidade devido ao cenário econômico nacional e internacional, ao qual vivia uma “segunda fase” da crise mundial iniciada em 2008.

A vitória de Dilma em 2010 deu sobrevida ao pacto conservador pelas reformas graduais via lulismo. Porém, os autores citados nesse trabalho são unânimes em apontar que o cenário econômico nacional e internacional era de intensificação do conflito distributivo, uma espécie de segunda fase da crise financeira internacional<sup>9</sup>. Ou seja, o pacto do crescimento não pode ser mantido nos níveis em que terminou o governo Lula. (GUILHERME, 2017, p.7)

A aliança da Lava Jato e da Rede Globo estruturou um discurso antipetista na sociedade brasileira, que conduziu a subjetividade de grande parte da população a compreender o PT como organização criminosa (SOUZA, 2017; GUILHERME, 2018). Isso se materializava nos discursos da polarização dos protestos de 2014 e 2015, em que o ódio era gestado. A gestação do mostro PT traçado pelas forças de direita neoliberal no país conduziu a sociedade brasileira a uma atmosfera do ódio. Ao mesmo tempo, a direita brasileira começa a dar sinais de uma reinvenção, uma recriação com a atuação na cena política de setores que não detinham força política. Surgem setores fundamentalmente preparados para combater os partidos de esquerda (SOLANO, 2018).

A desestabilização do segundo governo Dilma se desenvolve num processo de uma reinvenção da direita brasileira, em que houve uma articulação entre a mídia e forças do Estado brasileiro. A Rede Globo, judiciário e o parlamento brasileiro foram as forças motrizes que sustentaram o Golpe de Estado de 2016 e orientados pelas forças empresariais internas e externas ao país. Desde 2013 até a eleição de 2018, o Brasil foi condicionado a um clima de polarização mais radical, em que protestos liderados pelo PT e PSDB ferveram a política nacional. A rede Globo de televisão estruturou mais uma vez a dinâmica informacional e simbólica das contingências políticas e sociais do país: potencializou o Antipetismo.

Isso deixou um terreno fértil para forças antipetistas atuarem nos espaços sociais, políticos e virtuais do país. Desse processo, surgiram movimentos sociais de direita, como MBL e Revoltados Online, os quais ajudaram nas ruas a criar o estereótipo de associação do PT à corrupção. Assim, figuras como Aécio Neves e Eduardo Cunha foram fundamentais na desestabilização do governo Dilma. Como afirmou Jesse Souza, a Lava Jato que surge nesse período e, com associação com a Rede Globo, vazava informações tidas como verdadeiras para ser publicizadas e para convencer a população. As redes sociais começaram a ser potencializadas pelos

movimentos da direita, com jovens quadros a frente do processo. O PT assistia com apatia o avanço das forças da direita ou a “nova” direita pelas ruas e pelas consciências. Apesar da mobilização, o PT e sua aliança com os movimentos sociais sentia os ataques, que repercutia na popularidade da presidente Dilma (SOLANO, 2018; 2019).

A polarização entre as forças ligadas ao PT e ao PSBD avançam através de novos protestos de rua e de movimentações institucionais (Borges, 2016). Protestos ganharam força nos dois lados da polarização e se consolidam no cenário político movimentos de rua de direita, convocando pela primeira vez pelas redes sociais sua base social. Muita gente foi à rua nesse período. De ambos os polos. O MBL ganhava ainda mais visibilidade nesse período, se colocando como grande força de rua da direita. Da mesma forma o movimento Vem pra Rua e Revoltados Online. Esse fenômeno está na raiz da “nova” direita.

Já em 2015, as organizações que convocaram os protestos, principalmente Vem pra Rua, Movimento Brasil Livre (MBL) e Revoltados Online (ROL) ganharam mais espaço na mídia e ampliaram suas inserções nas redes sociais. (TATAJIBA, 2015, p.203)

Esse contexto é um momento chave da política brasileira, pois vai desencadear um movimento real para a concretização do Golpe de estado de 2016 à Dilma Russeff, a qual tinha sua visibilidade e rejeição caminhando a “passos largos”. Dilma e suas medidas fiscais contraditórias, como corte de gastos sociais e aumento de impostos, traçou uma linha político-ideológica que não esperava sua base social (TATAJIBA, 2015). Isso se configurou em função de onda de protestos que aumentava a cada ato da direita, do antipetismo sendo desenvolvido e pela crise econômica que acontecia no período (TATAJIBA, 2015).

### **2.2.2 A nova direita das ruas: mobilizações de rua do novo conservadorismo**

A “nova direita” consiste também em uma reorganização das elites dominantes no Brasil, que repercutiu em um processo de avanço de mobilização na

conjuntura brasileira desde 2013 (CASEMIRO, 2018; SOLANO; 2018). Segundo Miguel, é uma força "revival" do anticomunismo, com a crítica de nova roupagem: o bolivarianismo (MIGUEL, 2018). As mobilizações de rua de direita, que se intensificam a partir de das jornadas de junho de 2013, constitui uma face dessa reorganização. O sucesso dessa nova direita na opinião pública está, e grande medida na capacidade de novos movimentos de rua de direita. O Cansei, o Movimento Brasil Livre, Revoltados *Online*, Vem pra Rua se estruturaram ajudaram a conduzir a desestabilização e golpe de estado no Governo Dilma em 2016. Estes movimentos tiveram financiamento e formação sólidos de Institutos ligados a empresas multinacionais internacionais e nacionais (CASEMIRO, 2018). Estes movimentos criaram uma base social sólida que Bolsonaro herdou no decorrer do processo eleitoral de 2018 (CASEMIRO, 2018; SOLANO; 2018).

Essa base social construída pelos movimentos, principalmente pelo MBL, tinham um elemento de canalização destes protestos, o que descaracteriza essa base como puramente neoliberal ou de Estado mínimo. Foi possível pelas bases construídas nas palavras de ordem "Fora PT", que estava em associação com a ideia do "PT como partido corrupto" e estava na máquina pública. Os movimentos de direita construíram quadros políticos jovens e, a partir das redes sociais, criaram uma força política muito grande. As redes sociais tiveram um papel crucial na desestabilização do governo Dilma e no processo eleitoral de 2018 (TATAJIBA, 2017).

O processo de reorganização das classes ou elites dominantes, que ganha muita intensidade em 2013, tem sua gênese em meados 1980 que organizou uma forma de atuação político-ideológica específica que deu frutos recentemente (CASEMIRO, 2018). Segundo o autor, esse processo consistiu em uma estruturação dos "aparelhos privados de hegemonia", o que possibilitou amplitude, intensidade e truculência, ao longo dos anos e à medida que foi ganhando terreno político. A partir de 1980 vários institutos em terreno nacional, mas com financiamento privado de multinacionais internacionais, a direita conseguiu canalizar o recurso para a disputa política de forma qualificada.

No início de 1980, com o processo de abertura política, frações da burguesia do Rio de Janeiro e intelectuais ligados principalmente da Fundação Getúlio Vargas e com formação atrelada a Escola Monetarista de Chicago buscaram desenvolver uma nova estratégia de ação político-ideológica em Londres, por

sugestão de Fredrich Hayek, *Institute of Economic Affairs* (IEA). Foi nessa perspectiva que fundaram, em 1993, um aparelho de difusão do liberalismo, pioneiro em seu modelo de atuação no Brasil, chamado de Instituto Liberal (IL). (CASEMIRO, 2018.p.42).

No decorrer das décadas de 1980, 1990 e 2000 surgiram mais institutos de difusão das ideias de direita, o que possibilitou a organização dos principais quadros movimentos de rua de direita. Na região Sul, em Porto Alegre, surge o Instituto de Estudos Empresariais (IEE) dirigiu o surgimento de um espaço de debate de direita: Fórum da Liberdade. Em 1990, surge o Instituto Eths de Empresas e Institutos, Fundações e Empresas (GIFE). Ele estruturam as fundações e quadros de direita financiados por estas instituições e formado pelos eventos (CASEMIRO, 2018).

No Rio de Janeiro, surge o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial. Foi estruturado para a organização de quadros e de consenso na opinião pública. Nesse processo se organiza o Instituto *Milenium*, a qual seria uma fundação privada das mais importantes difusoras da ideologia liberal. Da mesma maneira, em São Paulo, aparece o Grupo de Líderes Empresariais (LIDE), fundado sob o comando de João Doria, político do PSDB ligado ao ramo das telecomunicações. No ano de 2004, surge o Movimento Brasil Competitivo, a qual era uma espécie de articulação lobista dos grandes empresários nacionais e internacionais. A sua função era conduzir a uma “educação” política dos empresários e suas representações políticas. Um dos acontecimentos mais importantes da conjuntura consistiu na idealização operacionalização do MBL.

O EPL tem vínculos tradicionais com organizações de caráter doutrinário. Entre seus fundadores estão o gaúcho Fábio Ostermann (dirigente do IL, do Instituto Liberdade e Ordem Livre e colunista do IMIL), o jovem arquiteto e urbanista Antony Ling ( IL, IEE e Instituto Liberdade e o mineiro Juliano Torres, que participou da tentativa de fundação do Partido Político Libertários (Liber). Quanto à sua vinculação externa, o EPL configura-se como uma versão brasileira do *Students for Lyberty* e é ligado ao mega *thin tank Atlas Network*. (CASEMIRO, 2018.p.44)

No Fórum da Liberdade em 2012, foi lançado o grupo Estudantes pela Liberdade (EPL). Seu objetivo era organizar jovens universitários, formados nas doutrinas liberais, para atuação política. A EPL tinha vínculos com os institutos

mencionados e sobretudo com a fundação neoliberal *Atlas Network*. Nesse processo, a EPL conduziu o financiamento, organização das diretrizes e formação ideológica do MBL. Jovens foram formados para o combate à esquerda nos espaços políticos, sobretudo nas ruas (CASEMIRO, 2018).

O processo de intensas mobilizações de rua contra o PT e o governo Dilma, evidenciou uma organização eficaz pelo populismo dos movimentos de rua de direito: MBL Revoltados *Online*, Cansei, Vem pra Rua (SOLANO, 2017; TATAJIBA, 2017). Desde 2007, a mobilização mais intensa nas ruas contra o governo PT fica mais forte, e tem seu início no protesto do Cansei. O MBL se transforma no principal expoente de jovens de direita e de movimento de rua ligado a ideologia neoliberal. A guerra cultural de cunho moralista é a tática mais utilizada por estas organizações, em que encontra nas redes sociais um lugar de mobilização, crítica ao governo e difusão de seus valores e pautas políticas. A *fake news* é uma prática recorrente. O antipetismo é a construção que mais estes movimentos colaboraram (SOLANO, 2017; TATAJIBA, 2017)

A mobilização criada pelo Cansei em 2007 consistiu no começo de uma escalada política de modificação de conjuntura no país: ali começa o “Fora Lula”. Embora não tenha tido repercussão, teve certa evidência que continua em 2013 à 2016. O MBL se torna forte nas mobilizações de 2013, 2014 e 2015 a partir de suas chamadas nas redes sociais. Essa movimentação se dá pelo estímulo de debates moralistas que começam a contaminar a política brasileira. Suas frentes de discurso consiste, por exemplo, na ideia de “escola sem partido”, a favor de uma “economia sem intervenção estatal”, questões que envolvem “homossexualidade”, contra “cotas raciais”, a favor de um estado críticas aos nordestinos e crítica a corrupção do PT (SOLANO, 2017). A ideia central era o ataque à esquerda para acumulação de apoio político para desestabilizar o segundo governo Dilma (SOLANO, 2017).

Dois eixos fundamentais estabelecem a base deste novo populismo de direita: 1) antipetismo, que foi o vetor indiscutível de crescimento do grupo durante 2015 e 2016 e 2) guerras culturais, ou seja, a busca por polêmicas morais (sobre tudo questões que envolvem sexualidade, população LGBTQ, educação...) conduzidas desde uma posição de censura ultraconservadora, que tem sido a estratégia de 2017. Antipetismo e guerras culturais. Note-se que este tipo de populismo se fundamenta na negação do “outro”. (SOLANO, 2017. p201)

Diante de uma reorganização do debate político, em que as questões morais ou culturais foram enraizadas na esfera pública, os protestos da direita nos últimos anos construiu uma base social de milhares de pessoas (SOLANO, 2017; TATAJIBA, 2017). Essa base social, mobilizado principalmente pelo *Facebook*, ajudou a conduzir o golpe de 2016. Os manifestantes que foram mobilizados pelo MBL e outros eram brancos de classe média alta e baixa, não jovens, os quais não necessariamente eram neoliberais. No entanto eram neoliberais nas práticas políticas no apoio a crítica as políticas públicas do PT. O conteúdo dessa crítica tem caráter racista e classista.

Como mostra Tatagiba, nas manifestações de rua da nova direita mobilizavam críticas ao Bolsa Família, Cotas Raciais e outras, evocando a “meritocracia” como forma do Estado lhe dar com os problemas. Porém, como demonstra Zimerman, as políticas públicas são fundamentais para estruturar a renda básica de milhões de pessoas em situação de pobreza e miséria. Segundo ele, o Bolsa Família, é renda fundamental para vida das pessoas, sendo menor que a renda do trabalho. Entretanto, ele afirma que precisa de mais investimentos para melhorar a qualidade do programa, pois tem mudanças paliativas, necessitando a articulação com investimentos e melhorias nas áreas da educação e saúde. O MBL e os movimentos de rua de direita e seus apoiadores faziam críticas ferrenhas e mobilizadora a estas políticas sociais, incorporando uma prática neoliberal em si, mesmo demonstrando ser contra cortes em áreas estratégicas do Estado social. As políticas públicas de inclusão originadas nos governos PT não possibilitaram uma situação de mudança estrutural, porém condicionou, como o Bolsa Família, num auxílio complementar fundamental para renda de milhões de pessoas. E que precisa de melhoras significativas no programa, como mostram num estudo local:

A transferência condicionada de renda configura, para as famílias beneficiárias de São Felipe, na Bahia, um importante meio de alívio da pobreza, cumprindo o seu objetivo de curto prazo, em consonância com outros estudos feitos em âmbito nacional. A pobreza das famílias beneficiárias é refletida nos baixos níveis de renda, algo que se explicita nas dificuldades que possuem no suprimento de suas necessidades de alimentação e saúde, uma vez que essas áreas concentram os maiores dispêndios realizados com o benefício. Os baixos valores repassados, mesmo assim importantes para as necessidades básicas, possuem uma

valoração singular para essas famílias, mas também faz reluzir o nível de despossessão em que vivem (ZIMMERMANN et al, 2015, p.16)

Segundo Tatagiba, os manifestantes não foram às ruas pela redução do SUS por cortes na educação, ou pedindo ditadura (que eram minoria). Foram as ruas contra o PT. Dessa forma, as palavras de ordem foram fundamentais para o MLB e os outros movimentos mobilizarem seus adeptos. O “Fora PT”, “Fora Dilma” e o “Fora Lula” estavam assentados num antipetismo, o qual significava também a associação com a corrupção. (SOLANO, 2017; TATAJIBA, 2017). A base social de classe média (baixa, média e alta) branca em sua maior expressão, garantiram as mobilizações das ruas, alavancadas pelo ódio ao pobre e ao negro que sentem. A Rede Globo e a Lava Jato em parceria, como mostrou Jesse Souza, possibilitou essa associação do PT com a corrupção pelo país. Dessa forma, os movimentos MBL, Vem pra Rua, Revoltados *Online* fazem parte dessa “nova direita”, em que articulou com outros setores táticas de mobilização contra o PT e a esquerda, a partir de uma guerra cultural; o que gerou uma onda conservadora que, em grande medida, implicou na mobilização no golpe de estado de 2016 e na condução da eleição de Jair Bolsonaro em 2018.

### **2.2.3. A Lava Jato como expressão da “nova direita” ou da extrema-direita jurídica**

A “nova direita” se constituiu dentro do judiciário brasileiro, no processo, sobretudo, do surgimento da Operação Lava Jato. A chamada “direita jurídica” faz parte da nova configuração da política brasileira, que conduz uma judicialização da política. A judicialização da política ou ativismo judicial é um ativismo político-jurídico parcial de determinados setores do judiciário ligados a uma ideologia política (TONELLI, 2017; CASARA, 2018). Esse processo está dentro do contexto neoliberal, em que a justiça faz parte das táticas de construção de poder político no mundo.

A Operação Lava Jato é a expressão mais evidente e a precursora de uma intensificação do ativismo jurídico de direita na política brasileira. Sérgio Moro é a figura que mais simboliza o processo de implementação dessa prática jurídica.

Segundo Jardim, essa operação configura uma guerra a soberania nacional pelo departamento de justiça dos EUA. Dessa forma, a democracia foi violada profundamente com o golpe de 2016, com a presidente Dilma, através da pirotecnia política da aliança entre a grande mídia, parlamento brasileiro e a Lava Jato (SOUZA, 2017).

O neoliberalismo enquanto uma política imperialista de dominação dos países subdesenvolvidos, diante da disputa geopolítica EUA-China, organiza várias estratégias políticas para sua implementação. É uma ideologia conservadora, alimentada pelos EUA e potências europeias, para acessar riquezas nacionais desses países a partir de um processo político de dominação pelo Estado (LAVAL, 2016). Surge com o discurso de modernização, porém seu interesse principal é a capacidade de iludir a população local a implementar essa doutrina (CASARA, 2018).

Nos últimos períodos, a América Latina vem sofrendo com setores da justiça dos países, ligados as forças neoliberais, conduzindo perseguições e seletividade nas investigações jurídicas com fins eleitorais: o caso Lula e o caso Cristina Kirchner são exemplos. Dessa forma, a racionalidade neoliberal cooptou parte significativa do poder judiciário brasileiro, com objetivo de criar um terreno previsível para as estratégias do mercado, sendo um mecanismo de controle sócio-político para os inimigos: no caso a esquerda brasileira.

O Poder Judiciário, à luz da razão neoliberal, passa a ser procurado como um mero homologador das expectativas do mercado ou como um mero controle tanto dos pobres, que não dispõem de poder de consumo, quanto das pessoas identificadas como inimigos políticos do projeto neoliberal. (CASARA, 2018. p.77)

Nos últimos anos no Brasil, a judicialização da política ou um ativismo jurídico ganhou muita legitimidade popular, onde os tribunais e instâncias jurídicas tendem a determinar os caminhos da política mais do que as autoridades políticas eleitas com voto popular. Isso conduziu a canalização da política pelo Direito. Porém, a soberania popular é violada diante de uma democracia ferida pela implementação de uma ação jurídica, a qual modifica os processos democráticos do país, deixando a sua função fundamental de operacionalizar a Constituição de 1988 (TONELLI, 2017; JARDIN, 2017). Segundo Toneli, a judicialização da política leva a uma distância da

política da democracia, pois diante de uma crise de representatividade que vivencia o Brasil esse fenômeno toma forma. Desse modo, a política, que deve ser a forma de resolução dos problemas do país, dar lugar “juristocracia, como denomina Tonelli. Assim, na medida que cresceu o poder judiciário na política, diminuiu a atuação política das forças políticas e sociais” (CASARA, 2018).

A Operação Lava Jato consiste na expressão mais esculpida da judicialização da política no Brasil. A escola da Lava Jato, como escreveu Sergio Moro em um artigo, é a Operação Mãos Limpas realizada na Itália na década de 1990. A Operação Mãos Limpas, segundo Tonelli, potencializou o fenômeno da judicialização da política utilizada em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil. Porém, foi no pós II Guerra, diante dos governos totalitários que esse fenômeno emergiu (TONELLI, 2017). Foi a politização da justiça contra a corrupção.

As investigações dizimaram partidos políticos fundamentais, sobretudo da esquerda, como o Partido Socialista (PSI). Nesse movimento, havia uma ampla repercussão midiática desses processos. A investigação da Mãos Limpas colocou em cheque o equilíbrio ou regra dos três poderes na Itália. Da operação desencadeou uma hegemonia de um bilionário que tem influência até os dias atuais: Silvio Berlusconi. Ele governou o país por três mandatos, com vários escândalos de corrupção real (TONELLI, 2017).

Alguns estudiosos sobre o tema da judicialização da política, como Antoine Garapon, em “O juiz e a democracia: o guardião das promessas”, atribuem tal fenômeno ao desencadeamento de um processo ocorrido no início da década de 1990 na Itália através da Operação Mãos Limpas. (TONELLI, 2017.p.89)

De acordo com Jardim, a Operação Lava Jato consiste numa estratégia jurídico-política dentro do poder judiciário com o objetivo de fragilizar nossa estrutura econômica e retirar da cena política os políticos e demonizar o pensamento ligados a esquerda. Essas investigações colocaram em risco as instituições sociais e políticas brasileiras, ou seja, a própria democracia. A Lava Jato ganhou força e visibilidade na condução de investigações judiciais para o combate de crimes de corrupção e em relação a empresas como a Petrobrás, Eletrobrás e o BNDS. A força-tarefa surge com a investigação em Curitiba, Estado do Paraná, no ano de 2014, através de uma

investigação de um “doleiro” que tinha ligações quadros administrativos da Petrobrás, o qual articulava contratos fraudulentos. O Juiz Sergio Moro, titular da 13ª vara federal, é a liderança mor dessa força-tarefa. Procuradores, auditores e juizes atuando supostamente contra o combate a corrupção ganharam uma visibilidade de novela pela grande mídia brasileira (JARDIN, 2017).

O nome “Lava Jato” foi adotado em razão da “ponta do iceberg” surgir com a descoberta de uma atividade ilícita de um “doleiro”, ligado a altos funcionários da Petrobrás, consistente em lavar dinheiro (crime) proveniente de contratos superfaturados entre esta sociedade e vários empreiteiros, que fraudavam as licitações. (JARDIN, 2017.p.108)

A Lava Jato se tornou uma força-tarefa de “investigação” e combate à corrupção de caráter seletivo, perseguindo partidos de esquerda, sobretudo o PT; em articulação, desde o princípio, com a Rede Globo de TV, a partir de vazamentos de informações sigilosas, constituindo assim uma “direita jurídica” (SOUZA, 2017; TONELLI, 2017; JARDIN; 2017; CASARA; 2018). A Rede Globo desde o início construiu para opinião pública um maniqueísmo entre o “juiz bom” e os traidores da pátria: a “esquerda corrupta”. O sociólogo Jesse Souza afirma que a Lava Jato omitiu informações sobre a delação de Emílio Odebrecht, que acusou a Globo de fazer lobby pela pressão da privatização da telefonia pública do país.

Dessa maneira, essa intervenção inconstitucional da Lava Jato na política brasileira consistiu em desmantelamento simbólico da esquerda brasileira e da criminalização da política (SOUZA, 2017). Os escândalos políticos das investigações seletivas realizadas pela Lava Jato em relação à esquerda, ajudou a criar um antipetismo altamente prejudicial para a imagem eleitoral, principalmente do PT. A deposição da presidente Dilma e a frágil investigação sobre Lula, são expressões desse fenômeno. O que teve como consequência a prisão do ex-presidente Lula, que possivelmente ganharia no primeiro turno as eleições de 2018 (DATAFOLHA, 2018). Todo processo investigativo foi antecipado pelos vazamentos da força-tarefa à Rede Globo, noticiada principalmente no Jornal Nacional. A economia brasileira sofreu com a perda de capacidade e de milhares de empregos, diante do desmantelamento e julgamento das empresas nacionais. (SOUZA, 2017; TONELLI, 2017; JARDIN 2017).

Julgo que a chamada Operação Lava Jato foi consequência de uma “estratégia”, previamente engendrada por alguns de seus protagonistas, que se valeram de experiências estrangeiras e que sofreram grandes influências e, quem sabe, receberam informações sigilosas dos Estados Unidos, interessados em fragilizar o nosso sistema econômico e os partidos políticos vinculados ao pensamento de esquerda. (JARDIN, 2017.p 119)

De acordo com a análise do jurista Afrânio Jardim, o que fica evidente é que Sergio Moro violou a Constituição Brasileira por não ter competência jurídica para incorporar todos os poderes os quais acumulou no decorrer e desenvolvimento da Operação Lava Jato. Além dos indícios de orientação de Moro à Deltan Dallagnol no processo em relação a Lula, o que é inconstitucional; Moro incorporou competências que não poderiam ser suas e relativizou delações, acusados e inocentes com interesses político-ideológico. Empresários e doleiros delatores com dez vinte anos de prisão foram poupados com prisão domiciliar e quadros ligados a partidos como o PT não delatores foram criminalizados e presos.

#### **2.2.4 O fundamentalismo evangélico na política: os evangélicos conservadores como “nova direita”.**

A atuação e avanço de setores evangélicos na política institucional decorre de processos estruturais e contextuais, que faz parte da condução de uma reinvenção da “nova direita” no Brasil. (SOLANO, 2018; LOPES, 2006; BULGARELLI 2006; VIEIRA, 2018). Estes setores constituem organizações religiosas de caráter fundamentalista e mais agressivamente extremista. O crescimento dos evangélicos no Estado brasileiro está fundamentalmente relacionada a baixa institucionalização partidária do país; com a fragmentação social e incapacidade dos partidos da representar as demandas sociais, na relação sociedade e Estado; e a inserção e capacidade de organização e doutrinação que as igrejas evangélicas nas zonas periféricas ou mais precárias do Brasil (LOPES, 2006).

A incapacidade de inserção dos partidos de incorporarem as demandas sociais, diante da crise de representatividade, criou condições para a igreja evangélica criar uma base social de origem popular, principalmente, a partir de sua doutrina fundamentalista (LOPES, 2006; VIEIRA, 2018). Sua linha de frente da agenda destes

setores é o anti-LGBTI e antifeminista. Essas pautas remetem a uma discussão sobre a família, enfatizando a perversão que ela pode sofrer diante de tais visões de mundo. A “Ideologia de gênero” “se coloca como um discurso forte de disputa política na sociedade e de mobilização dos votos dos evangélicos. A partir do processo de redemocratização do país em 1988, estes setores fundamentalistas ganham força no congresso, os quais potencializam sua doutrinação para instrumentalização financeira e eleitoral, sobretudo nas periferias das cidades.

O que permite, segundo a hipótese defendida neste trabalho, o vigor da atual participação dos evangélicos no espaço político é um conjunto de fatores que leva em conta desde a fragmentação social, até a própria organização e sistema de crenças de determinadas igrejas. Contribuem para tal situação, ainda, a baixa institucionalização partidária no Brasil, a sub-representação de diversos grupos sociais e a secularização do Estado. (LOPES, 2006. p.13)

A baixa institucionalização do no Brasil diz respeito a percepção, desconfiança e declínio da importância dos partidos políticos diante da população, o que é um fenômeno que está relacionado as democracias ocidentais (LOPES, 2006). Diante da pulverização das influencia evangélica no país, as instituições enquanto organizações ineficientes no bojo da relação entre sociedade civil e o Estado. Nesse contexto, os partidos foram criados de “cima para baixo” e tem diante da população uma baixa credibilidade e legitimidade para representação de deus interesses. Assim, a mediação entre sociedade e Estado fica altamente danificada, o que coloca os partidos políticos em um lugar de desconfiança pelo povo, e abre possibilidades para novas instituições incidirem nessa mediação (LOPES, 2006).

Segundo Lopes, a *pós-modernidade* imprimiu uma radicalização da *modernidade* com outros elementos, a qual colocou o surgimento de novas formas de mediação entre o Estado e a sociedade civil. Com a crise de representatividade dos partidos no país, surgem novos grupos sociais com novas e velhas demandas, de representação diante do Estado. Nesse contexto que surge o poder das igrejas evangélicas de caráter fundamentalista. A igreja evangélica consistiu em uma das instituições mais atuantes no vácuo da mediação sociedade civil-estado, o que possibilitou ganhar espaços de poder na esfera pública e na institucionalidade pública (LOPES, 2006).

No Brasil ocorre, ademais, a articulação entre os setores fundamentalistas cristãos, especialmente evangélicos, e o poder político, institucional e midiático. Este fenômeno está em franca ascensão e tem influenciado e tem influenciado as pautas dos poderes legislativos municipais, estaduais, assim como do Congresso Nacional. (Vieira, 2018.p.1)

A atuação dos evangélicos no país se desenvolve em áreas periféricas e precárias das cidades brasileiras, mobilizando essa população para criar força política em diversas dimensões da vida social. Esse poder constituído advém de uma articulação destes setores evangélicos fundamentalistas no poder político nos três níveis institucionais e no poder da mídia (televisiva, jornais e sites). O caso de Edir Macedo, dono da Rede Record, é emblemático: detém uma força midiática de grande influência no país. Essa mobilização política fundamentalista em ascensão tem ganhado força com suas pautas políticas nos legislativos em todos os níveis institucionais, e agora com a eleição de Bolsonaro (VIEIRA, 2018; BULGARELLI; LOPES, 2006). Estes setores têm colocado grandes frentes de combate contra os direitos humanos dos povos indígenas, quilombolas, para as mulheres e LGBTI, religiões de matriz africana e movimentos sociais de esquerda.

A concepção de mundo dos evangélicos está associada a uma verdade universal e absoluta, inquestionável, eterna e imutável, condicionando a suas visões e práticas religiosas como fundamentalistas e extremistas (VIEIRA, 2018; LOPES, 2006). A visão fundamentalista coloca a democracia, o Estado laico e a pluralidade religiosa e humana em risco. A interpretação do que está escrito na Bíblia institui percepções sobre o mundo e padrões condutas para lidar com outras religiões, com a sociedade e com a política. A leitura bíblica considerada, é vista como verdade absoluta tida como “vontade de Deus”, o que exclui qualquer tipo de crítica. A doutrina fundamentalista não pode haver questionamento ou variações, tendo a dúvida como uma falta de fé diante de Deus. Dessa forma, a doutrina coloca questões existenciais, e traz respostas rígidas, que não reconhece outra concepção, impossibilitando a abertura para as diferenças. A intolerância religiosa é organizada e difundida por esta doutrina.

O fundamentalismo conduz a uma prática de extremismo religioso, o qual é expressado no discurso que é emitido, e o que fundamenta esta doutrina (LOPES,

2006; VIEIRA, 2018). Há inúmeros casos de ataque do fundamentalismo cristão as religiões de matriz africana e indígena há tempos, porém esse fenômeno tem se intensificado nos últimos períodos. Extremismo religioso é uma disposição violenta em relação a religião que não está de acordo com suas premissas, utilizando até mesmo poder midiático e político-institucional para estes fins. A intenção é a intimidação pela agressão física e simbólica, colocando “inimigos” demonizados para canalizar as frustrações e relações imperceptíveis pelos fiéis. O discurso é altamente eficaz, quando e trata de pessoas com a vida altamente precarizada material e espiritualmente:

Essa alta participação dos evangélicos em cultos e atividades da Igreja sugere uma maior exposição ao discurso apresentado pelas igrejas e suas lideranças. Este discurso, supõe-se, tem como um dos objetivos demonstrar que o voto no candidato da igreja pode ser considerado o melhor voto para o adepto/eleitor. Há dois tipos de discurso definidos, o discurso laico, embora carregado de valores religiosos, e o discurso religioso propriamente dito. (LOPES, 2006. p.17)

Os discursos emitidos pelos setores fundamentalistas cristãos evangélicos constituem uma certa laicidade para legitimar a institucionalidade e outro estritamente religioso (LOPES, 2006). Toda esta visão está assentada na “teoria ou doutrina da prosperidade”. O discurso laico diz respeito aos valores ligados a moral protestante, aos quais a defesa da família, da igreja e a capacidade de estruturar recursos para a própria igreja, e ainda a inserção de representantes políticos na política para estes fins. Já o discurso religioso é a resignificação do sagrado que se amplia para o espaço público (sendo a igreja um espaço privado). Tenta-se colocar o sagrado dentro do Estado. A ideia da corrupção justifica a entrada de políticos evangélicos na política institucional. Utiliza-se também a batalha espiritual contra personagens que representam os demônios, figuras que são satanizadas para justificar-se a esta inserção no Estado; e assim, o convencimento dos fiéis.

Esse processo se desenvolve com as doutrinas que orientem a mobilização e as práticas dos evangélicos fundamentalistas. A teologia da prosperidade e outras teologias organizam as subjetividades dos fiéis e delineiam sua capacidade de perceber o mundo (LOPES, 2006; CUNHA, 2020). A teologia da prosperidade se fundamenta na busca da felicidade individual, que se baseia sua capacidade

financeira, na proteção da família monogâmica burguesa, evitando e se associando aos problemas coletivos e sociais. Esse processo de reunião destas teologias, condicionou os fiéis a uma espiritualidade baseada na individualização do processo de busca da vida, em todas as dimensões sociais que a pessoa possa atuar (CUNHA, 2020). Isso explica também o ódio a outras religiões e a coletivização dos direitos.

Ela tem bases na Teologia da Prosperidade (do individualismo, do sucesso e da felicidade pessoal nas finanças, na saúde e na família, a despeito das mazelas da coletividade), na Teologia da Guerra Espiritual (do combate a inimigos que são a encarnação das potestades do mal que impedem a ação de Deus na vida dos indivíduos), na Teologia do Domínio (a cristianização do mundo – governos, inclusive – e o domínio de todas as áreas da vida, pelos fiéis evangélicos), na Teologia da Confissão Positiva (em que os fiéis afirmam que tudo podem realizar e que são “imbatíveis”, vitoriosos, a partir da fé que declaram ter em Deus). (CUNHA, 2020.)

A capacidade de crescimento demasiado dos setores evangélicos fundamentalistas se organizou mais profundamente na Redemocratização do país, em 1988. Este movimento fez emergir igrejas emblemáticas, figuras políticas altamente públicas, que tinham como inimigos os LGBTIs, as feministas e as religiões de matriz africana e indígena (LOPES, 2006; VIEIRA, 2018; BULGARELLI, 2018). O desenvolvimento do crescimento dos neopetencostais fundamentalista permitiu mobilizar uma massa importante de pessoas pelas mais diversas questões, sobretudo pela pobreza. A bancada evangélica teve um grande crescimento no processo de Redemocratização do país, embora havia atuação antes desse período. Esse crescimento está associado à busca do combate ao movimento LGBTI, o movimento feminista e suas pautas no congresso. Os evangélicos conseguiram tirar a expressão importante para os direitos humanos “orientação sexual” da Carta Magna. Segundo Bulgarelli, tal crescimento consiste em que, desde 2003, a bancada evangélica cresce 20% a cada nova eleição. Esta bancada tinha em 2018, 198 deputados e quatro senadores, constituindo e se fortalecendo como Frente Parlamentar Evangélica (FPE). Figuras como Silas Malafaia, Marcos Feliciano, Jair Bolsonaro e outros construíram visibilidade importante nesse período.

O grande combate dos fundamentalistas evangélicos (dentre vários) se dá pela atuação e publicização contra as questões ligadas a sexualidade. Segundo Vieira, a culpa, o medo e a sexualidade estruturam o núcleo do fundamentalismo, pois

fazem parte da lógica diz ele do “controle do corpo” e da vida. Essa visão está ligada ao controle da singularidade pessoal: da sua sexualidade, dos instintos e desejos que compõe as pessoas. O controle do corpo incide mais, evidentemente sobre as mulheres, pois está lógica faz parte da dominação patriarcal. Dessa forma, o ataque ao movimento LGBTI e as feministas está no cerne da disputa de suas doutrinas e na capacidade dos quadros evangélicos de mobilizarem suas bases.

Os estudos referentes ao comportamento eleitoral dos fiéis evangélicos apresentam várias razões para que a fé religiosa se transforme em voto no período eleitoral. O aspecto sócio-econômico, a forte influência da igreja nas comunidades menos favorecidas, a própria ética da religião evangélica e o nível de escolaridade entram, segundo a bibliografia, como fatores na determinação do voto do fiel por parte das igrejas. (LOPES, 2006. p. 14)

O movimento dos setores fundamentalistas evangélicos fundamentalistas condicionam organizam sua base eleitoral, em função de uma “troca” pela adesão religiosa do fiel. Essa adesão é orientada em função de variáveis de classe, educacional e frequência que estes vão as igrejas (LOPES, 2006). A questão socioeconômica é fundamental, pois a atuação das igrejas está nas periferias das cidades, lugares de difícil acesso atraindo o povo pobre através de serviços assistenciais, produtos de limpeza, alimentação etc. Dessa forma, há uma mobilização pelas questões materiais. Dentro deste campo, os fiéis evangélicos de baixa renda somam 67%. O nível educacional é um fator importante para adesão à crença e a candidatos evangélicos (LOPES, 2006). O grau de exposição ou frequência ao culto também condiciona a adesão dos fiéis. Dentre os evangélicos, 54% possuem ensino fundamental incompleto, com 5% com curso superior (CUNHA, 2019).

Desta maneira, a medida que se obtém instrução educacional, se adere menos as igrejas pentecostais. Segundo Lopes, os evangélicos detêm 82% de frequência nos cultos, uma ou mais vezes por semana, em relação às outras religiões. Essa frequência dos cultos conduz a uma maior incorporação do discurso da liderança (no caso o pastor), o que leva a uma doutrinação mais intensa e eficaz, diante da contribuição financeira e eleitoral dos fiéis (LOPES, 2006). Esta estrutura conduziu os evangélicos fundamentalistas, que são hegemonia em relação aos evangélicos progressistas, a formação desta “nova direita”. Esta base eleitoral foi fundamental para

a movimentação exitosa de Bolsonaro, absorveu os votos para ganhar a última eleição (CUNHA, 2019).

### **CAPÍTULO III. ASCENSÃO DE BOLSONARO AO PODER E O BOLSONARISMO**

O político Jair Messias Bolsonaro ganhou a eleição presidencial de 2018 no Brasil. Sua vida privada tem profunda relação com o final da ditadura militar no Brasil, onde o político se constituiu como pessoa (DIBEI, 2018). Nascido em 1955 em São Paulo, mais especificamente em Campinas, porém na maior parte da sua vida foi criado na cidade de Eldorado (SP). Sua família era considerada de classe média baixa. Ele é filho de Perci Geraldo Bolsonaro, tendo como profissão dentista, mas sem curso superior; e a mãe e dona de casa Olinda Bonturi. Seus avós eram italianos e vieram na busca de trabalho no Brasil. Dessa forma, Bolsonaro cresceu num contexto de influências europeias e, no decorrer de sua vida, a influência militar.

Sua vida política é improdutiva se caracterizando como um político fisiologista. Ele passou por diversos partidos e a polêmica, agressividade e violência são características estruturantes deste político (DIBEI, 2018). Seu apoio político principal advém dos militares de baixa patente, PMs e milicianos principalmente do Rio de Janeiro. Passou o ano de 2000 polemizando com políticos e figuras públicas para poder ter visibilidade. Sua característica se expressa pelas declarações racistas, machistas, misóginas e contra pessoas de baixa renda (DIBEI, 2018; SOLANO, 2019). Seus apoiadores ou eleitores foram mobilizados principalmente pelas redes sociais, a partir de 2012, criando quase um mundo paralelo de “informação”, ou seja, *fake news* dentro da bolha da qual controlava. Os apoiadores foram mobilizados pelo antipetismo, pelo militarismo, cristianismo, pela ideologia de gênero e pela violência (SOLANO, 2019; KALIL, 2019).

Os três filhos mais velhos de Bolsonaro seguem carreira política. Eduardo Bolsonaro é deputado federal, eleito em 2014, pelo estado de São Paulo; Flávio Bolsonaro é deputado estadual no Rio de Janeiro, eleito pela primeira vez em 2003; e Carlos Bolsonaro é vereador pelo município do Rio de Janeiro, eleito a primeira vez em 2001. (DIBAI, 2018.p.74)

O atual presidente casou algumas vezes e teve filhos que seguiram, como o pai, a vida política. Teve cinco filhos e uma delas foi vereadora do Rio de Janeiro. Entre 1993 a 2001, Rogéria Nantes Nunes Braga teve seu cargo como vereadora do Rio e foi a primeira mulher de Bolsonaro. Havia uma aliança política além do casamento. Com o tempo o casamento e a aliança acabaram. Rogéria era funcionária por sete anos na Prefeitura do Rio de Janeiro na prefeitura de Eduardo Paes (PMDB-RJ). Flávio Bolsonaro, Eduardo Bolsonaro e Carlos Bolsonaro se apropriaram do capital político do pai para ascender à política.

A ascensão de Bolsonaro a política tem relação fundamental com o exército e os acontecimentos de perseguição política e crise da ditadura militar (DIBAI, 2018). Em 1970, a ditadura militar cercava um dos seus principais inimigos, que inclusive havia desertado do exército: o ex-capitão Carlos Lamarca. Ele constituía uma força importante contra a ditadura na zona rural. Liderava uma força no Vale do Rio Ribeira próximo onde a família Bolsonaro vivia há anos. Bolsonaro teria se influenciado com a passagem dos militares na região, inclusive ajudando com informações sobre a região.

Bolsonaro saiu de Eldorado para entrar na escola de cadetes da cidade de Resende, no Estado do Rio de Janeiro, nos anos 70. O país vivia à época a etapa mais sangrenta da ditadura. Centenas de jovens de esquerda que se opunham aos militares foram torturados, assassinados. E enterrados em valas comuns (EL PAÍS, 2018)

### **3.1. Bolsonaro como expressão da extrema direita**

Bolsonaro sempre teve uma plataforma de extrema direita. Sua vida pública, seus discursos, sua associação a milícia e suas votações demonstram essa natureza. Desde sua vida como militar à ascensão como candidato a presidência da república, mostram a que o presidente da república manteve sua visão. A vida militar de Bolsonaro se consumou quando ele sai da cidade onde residia, cidade pequena, para Resende, onde iria ser selecionado para entrar no Exército (DIBAI, 2018).

Em 1977, ele terminou o curso de oficiais da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). Com dez anos de exército chegou a patente de capitão, onde foi personagem de diversos problemas profissionais e políticos. Em 1986, escreveu um artigo na Veja chamado “O salário está baixo” criticando o pagamento dos salários

pagos pelo exército. Foi detido pela Justiça Militar por 15 dias de prisão e teve um processo militar por indisciplina. Teve muito apoio de militares, os quais mandaram em torno de mais de cem cartas para Jair. Em outra ocasião, comandou soldados à procura de ouro ilegalmente, o que levou a fama de ser ambicioso.

Porém, o caso mais emblemático de Bolsonaro no Exército foi a operação, sob seu comando, denominada “Beco sem saída”. Essa operação consistia em explodir bombas de baixa potência nos quartéis, banheiros e academias militares (DIBAI, 2018). A operação tinha objetivo político de pressionar o comando militar, no caso ministro do Exército general Leônidas Pires Gonçalves, para um reajuste nos salários na média de 60%. Houve evidentemente reações do Exército: depondo Bolsonaro e Fábio Passos da Silva (capitão) foram inocentados, mas depois indiciados pelo plano. Apesar de Bolsonaro negar até hoje o acontecimento, ele foi acusado de infrações como: promoção de instabilidade na organização militar, transgressão disciplinar, postura antiética e outros. Foi a partir desse acontecimento e sua expulsão das Forças armadas que Bolsonaro inicia na vida política.

Após o cometimento de atos infracionais contra as Forças Armadas, Bolsonaro se candidata e vence a eleição de 1988 para vereador do Rio de Janeiro, pelo Partido Democrata Cristão (PDC), com 11.062 votos. (DIBAI, 2018.p 78)

A vida política de Bolsonaro se constitui pelos acontecimentos que repercutiram no Exército, o que possibilitou visibilidade de militares. Ele foi eleito no ano de 1988, ano da promulgação da nova Constituição da República, e posteriormente foi eleito para deputado federal, no qual ficou seis mandatos (DIBAI, 2018). Em 1989, estava acontecendo às eleições presidenciais, na qual Lula e Collor polarizavam a cena política. Ele apoiou Collor, mesmo declarando que não necessitava do apoio da direita militar do país. No ano de 1990, Bolsonaro se elegeu como deputado federal pelo PDC. No processo do impeachment de Collor, contraditoriamente, Jair votou a favor da deposição do presidente, que segundo Dibai, ele afirmou: “Representando e expressando também a vontade dos militares, que são povo, voto sim”.

Mas, em Brasília, onde exerce o cargo de deputado há 28 anos, nunca se destacou. Nunca esteve entre os cem principais parlamentares brasileiros

avaliados por instituições independentes. De fato, em todos os seus anos de deputado conseguiu aprovar somente duas propostas: uma para aplicar o imposto sobre produtos industrializados também aos produtos de tecnologia e outra em que autorizava a utilização de um comprimido para curar o câncer. Do que Bolsonaro realmente gostava não era da obscura vida de um parlamentar e sim da de um político especialista na criação de polêmicas. (EL PAÍS, 2018)

Nos anos 1990 Bolsonaro teve uma vida ativa na política e, sem projetos relevantes, conduziu sua a polêmicas e críticas abertas a políticos (DIBAI, 2018). Em 1993, Bolsonaro fez declarações no sentido do fechamento do Congresso Nacional, em que recebeu advertência da Câmara; e disse à Folha de São Paulo que era “a favor da ditadura militar”. Em 1994, foi reeleito com 135 mil votos, o dobro da primeira eleição. Nesse ano se envolveu numa polêmica com o governador de Brasília Joaquim Roriz, do Partido Popular (PP), acusando de barganhar verbas em troca de votos para aprovação do Imposto Provisório sobre Movimentação Financeira (IPMF).

Em 1995, Jair se envolve em polêmicas com o governo FHC e com seu ministro da Administração, e sai do seu partido para se filiar ao PPB (Partido Progressista Brasileiro). Nesse período, acusou o ministro do governo, Bresser Pereira, de ser “ladrão dos servidores públicos”. Em 1996 foi contra investimentos à saúde quando votou contra a Contribuição Provisória sobre Movimentação Financeira (CPMF). Ainda em 1996, propôs um projeto de revogação do Parque Indígena Yanomami. O que foi rejeitado pelo Congresso.

Em 1999, foi acusado de nepotismo, por empregar em seu gabinete o sogro José Cândido Procópio e a cunhada Andréa de Assis. Sua companheira à época, Ana Cristina Vale, também era funcionária da Câmara, no gabinete do seu aliado e companheiro de partido, Odelmo Leão (PPB). (DIBAI, 2018.p 81)

Na década de 2000, Bolsonaro é eleito deputado federal até chegar à presidência da República, construindo sua agenda de caráter fascista, se voltando contra questões indígenas, mulheres e contra a esquerda. Em 2000, foi contra a votação para criação do Fundo de Combate à Pobreza. Foi eleito nas eleições de 2002 e se filiou ao PPB logo em seguida. Nesse ano foi contra a prorrogação da CPMF. Em 2003, ele protagonizou talvez um dos maiores episódios de misoginia contra deputada federal Maria do Rosário (PT-RS), que lhe deu grande visibilidade.

Em 2005 se filiou no PFL, e em abriu do mesmo ano se filiou no PP. No período do mensalão se potencializa seu antipetismo quando, quando chamou Dirceu de “terrorista”. Fez crítica a política de desarmamento nesse mesmo ano, criando polêmicas com o PT e MST, afirmando: “O exército do PT é o MST” e “entregue suas armas: os vagabundos agradecem”. Em 2006 votou contra a política de cotas para universidades do governo Lula (DIBAI, 2018).

Foi processado por racismo e homofobia 111 pela artista Preta Gil, depois de dizer que “não discutiria promiscuidade”, ao ser questionado sobre como reagiria caso o filho namorasse uma mulher negra. (DIBAI, 2018)

Na década 2010, Bolsonaro foi reeleito e nessa década ele potencializou os discursos racistas, misógino, homofóbico, apoiando o trabalho escravo e a lógica privatista da economia. Em 2011, fez comentário racista declarando que não aceitaria que os filhos namorassem pessoas negras. Em 2012 atuou em relação a bancada ruralista e em 2015 foi contra a PEC contra o trabalho escravo. Em 2012 votou pela flexibilização da exploração florestal, no novo Código Florestal, em que beneficiava os fazendeiros e pecuaristas interessados em desmatamento. Em 2015, não participou da votação da PEC contra o trabalho escravo, e posteriormente, concedeu entrevista afirmando que tinha discordância contra a pena e mecanismos legais do projeto de lei (DIBAI, 2018).

Em 2014, retornou a polêmica contra a deputada Maria do Rosário, afirmando que “não a estuprava, porque ela não merecia”. Evidentemente, a polêmica é uma estratégia de Bolsonaro. Nesse período muitos protestos contra o deputado, sendo processado pela Procuradoria Geral da República, no STF, por incitação ao estupro. Em entrevista à emissora filiada a Record, em 2015, afirmou que não aceitaria um filho gay, quando a entrevistadora perguntou se preferia ter um filho morto do que gay. Ele afirmou: “Você é solteira? Vou te apresentar meu filho, ok? Família Bolsonaro, essa não nega fogo”. Dessa forma, a visão homofóbica de Bolsonaro foi se potencializando a medida que foi ganhando popularidade.

Bolsonaro afirmou em sessão televisionada: “Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos

Alberto Brilhante, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, o meu voto é sim". (DIBAI, 2018.p 86)

Em 2016, Bolsonaro votou a favor do golpe de estado contra a presidente Dilma Rousseff, homenageando o acusado e um dos principais torturadores do período da ditadura militar: "Ustra". Dilma era oposição ditadura militar na época e foi torturada pelo homenageado por Bolsonaro. Bolsonaro foi denunciado pela OAB por crimes contra humanidade no Tribunal Penal Internacional, na Holanda. Nesse mesmo ano, foi contrário à anistia ao "caixa 2" durante a votação no governo Temer.

Foi favorável a abertura do pré-sal para venda ao capital estrangeiro, ou seja, uma política de privatização. Votou a favor ao congelamento dos gastos e recursos para os serviços públicos (saúde, educação, habitação, segurança), a PEC 241. Em visita, em 2017 a Paraíba, defendeu um Estado cristão, já afirmando um slogan do governo atual: "Deus acima de tudo". Em abril de 2017, Bolsonaro foi denunciado por racismo e teve representação por deputados pelo que afirmou em palestra em campanha eleitoral no Clube Hebraico. Afirmou em relação a condição dos quilombos "afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para procriador ele serve mais". Foi condenado pelo MPF (RJ) a pagar 50 mil reais por danos morais e coletivos em relação ao povo negro e comunidades quilombolas (DIBAI, 2018).

Em 2018, Bolsonaro constituía uma forte possibilidade para disputar, realmente, a presidência da República (Datafolha, 2018). A força bolsonarista conseguiu estruturar uma campanha forte, a partir da guerra cultural que foi construída por esta força política (SOLANO, 2018; 2019). As redes sociais e as *fake news* foram fundamentais para vitória (DIBAI, 2018; SOLANO, 2019). O apoio de grande parte empresariado nacional e também internacional, condicionou financeira e politicamente a mobilização da opinião pública. Vários núcleos se formaram diante de Bolsonaro: militares, evangélicos, direita jurídica, movimentos de rua de direita e outros (PINTO, 2019; SOLANO, 2019).

No início da campanha Lula liderava com 37% e Bolsonaro com 16%. Com a impossibilidade de candidatura de Lula, Bolsonaro liderava a campanha. Em junho, Bolsonaro tem 26%, segundo o Datafolha de junho. No decorrer do processo eleitoral, o bolsonarismo já tinha se apropriado da esfera pública, o que canalizou eleitores da

centro-direita para sua candidatura da extrema-direita no segundo turno. O episódio polêmico da facada em Bolsonaro em Minas Gerais gerou uma comoção social, que canalizou uma grande quantidade de votos para o capitão reformado, que talvez determinou a eleição (FOLHA DE SÃO PAULO, 2018). Bolsonaro se elege Presidente da República na eleição de 2018, com 53,13% dos votos (SOLANO, 2019).

### 3.2 O Bolsonarismo: Bolsonaro e sua base social

A saga de conquista de força política de Bolsonaro no país durante o processo de campanha eleitoral presidencial em 2018 se deu, principalmente, a partir de 2012. Foi nesse contexto que ele emerge com um discurso outsider na cena política. Porém, como foi demonstrado no capítulo anterior, Jair Bolsonaro construiu sua vida política através da polêmica e do discurso vazio; um discurso assentado na opressão racial, de gênero e sexual, ao passo, que não apresentou projetos pertinentes nos seus quase 30 anos na política (DIBAI, 2018)

O surgimento do discurso contraditório antissistema de Bolsonaro teve êxito, sendo ele parte do sistema fisiologista do “baixo clero” da política brasileira. O lançamento em massa de mensagens falsas, as *fake news*, foram um dos “carros chefe” da campanha bolsonarista (SOLANO, 2019; KALLIL, 2019).

Na pesquisa realizada por Solano, desde 2015 já se percebia que os eleitores da direita, que foram nas mobilizações contra o segundo governo Dilma, fazendo alusão positiva a Bolsonaro. Falavam “político honesto” como se Bolsonaro não fazia parte do jogo da república sequestrada pelo capital. Dessa forma, a imagem do ex-capitão foi construída por uma ideia ilusória sobre a vida política de Bolsonaro. Nesta mesma pesquisa Sergio Moro também estava no imaginário dos manifestantes de direita como um salvador do Brasil: ele era neutro diante dos interesses políticos e financeiros.

Das opções propostas pela nossa equipe de pesquisa, 56% já concordavam total ou parcialmente que —entregando o poder a alguém de fora do jogo políticoll, 64% para —um juiz honestoll, e 88% para um —político honestoll. Era a construção progressiva das figuras de Bolsonaro (outsider tido como honesto) e do juiz Sergio Moro como salvadores da nação. A solução deveria

vir de fora do sistema. Diante de um cenário de percepção de aumento da corrupção política, valores como honestidade e ética apareciam como imprescindíveis no protótipo do político desejável. (SOLANO, 2019, p.13)

O bolsonarismo se colocou como uma força motriz que atropelou a política brasileira, derrubando políticos tradicionais de forma avassaladora. Bolsonaro, no processo da campanha, aglutinou políticos e setores empresariais para sua campanha, com uma força desproporcional do se imaginava em relação a uma nova força política na política brasileira (SOLANO, 2019). O PSL (Partido Social Liberal) conseguiu se constituir como partido de linha de frente, embora não tinha visibilidade no alto escalão da política no país. Diversos políticos que nunca tiveram chance na disputa política ganharam de forma surpreendente. Seu filho Eduardo Bolsonaro foi o deputado federal com maior votação de todos os tempos. Outros como Janaína Pasqual, Romeu Zema, do Partido Novo em Minas Gerais, no Rio de Janeiro, o ex-juiz Wilson Witzel. Esses candidatos ganharam de lavada de candidatos históricos da direita e da esquerda nos seus contextos.

A onda bolsonarista atropelou a política brasileira com uma força inesperada. Jair Bolsonaro ganhou as eleições com oito segundos de campanha televisiva, conseguiu que o até então insignificante Partido Social Liberal (PSL) obtivesse 52 deputados desafiando as análises clássicas da ciência política, as quais assumiam, categoricamente, que sem tempo suficiente de horário eleitoral gratuito e sem um partido político expressivo não havia chance nenhuma de o candidato chegar ao Planalto. (SOLANO, 2019. p. 10)

A eleição de Bolsonaro representou a ascensão da interconexão entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo (SOLANO, 2019; KALIL, 2019). Segundo as autoras, concepção neoliberal e a concepção neoconservadora se associaram de forma produtiva conduzindo a política para uma tática de guerra cultural: criar, manter e reproduzir força política (os eleitores) e criar cortina de fumaça pelas pautas morais para aprovar as reformas econômicas. As guerras culturais são o principal mecanismo da mobilização e ataque da extrema direita. Dessa maneira, são duas racionalidades distintas que deram certo e capturaram a esfera pública, o que permitiu o bolsonarismo ascender ao poder.

Para ser eficaz enquanto política econômica, o neoliberalismo demanda valores morais e práticas necessárias à para aprovação das pautas econômicas. Assim, a religião, a visão anti-esquerda e a visão meritocrática criaram um ambiente frutífero para as reformas neoliberais no Brasil. A base de apoio a Bolsonaro e sua força política, que é caracterizada como extrema direita brasileira, se constituiu a partir de vários setores da sociedade e um eleitorado variado em suas manifestações (SOLANO; 2019; KALIL, 2019).

A família Bolsonaro surge na política ligado a uma base social pelos votos dos militares e, posteriormente, das PMs do Rio e nacionalmente com sua campanha pela presidência da República. Existem muitos indícios da ligação da milícia com a família dos Bolsonaro. Segundo os *websites* Uol e o Congresso em foco, há vários indícios que ligam a Bolsonaro as milícias ou grupos paramilitares, sobretudo as do Rio de Janeiro. O chamado Escritório do crime é uma organização miliciana responsável por extorsões, crimes dos mais diversos. Uma organização criminosa que mostra vínculos com os Bolsonaro. Um dos líderes do Escritório do crime é o Adriano de Nóbrega, homenageado por Flavio Bolsonaro em determinado momento no parlamento do RJ:

Tais ligações vão desde opiniões em defesa da existência desses grupos em discursos, homenagens a policiais envolvidos em milícias, fotografias postadas em redes sociais ao lado de acusados de serem milicianos e ramificações do caso Fabrício Queiroz. (Congresso em foco, 2019; Uol, 2019)

Em 2003, Flávio Bolsonaro faz uma homenagem a Adriano de Nóbrega na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro. Em questão estava em debate a instauração de uma CPI para investigar milícias acusadas de torturar jornalistas. Flávio Bolsonaro votou a favor a CPI, porém criticou a investigação: “Fica o meu voto favorável à criação desta CPI, mas pedindo que haja o bom senso em se apurar, e não apenas criticar, atacar ou tentar botar atrás das grades os policiais”. Em seus mandatos os Bolsonaro, principalmente Flavio, fizeram diversas homenagens a policiais investigados ou condenados por corrupção. Segundo a reportagem do jornal Congresso em Foco, foram 23 homenagens, duas homenagens foram do Escritório do crime.

Em 2007, Bolsonaro fez um vídeo (carregado no *Youtube*) fazendo apologia aos grupos de extermínio: “o grupo de extermínio é bem-vindo, é assim que funciona”. Há vários outros indícios, porém não é objetivo aprofundar sobre o ponto em questão e sim mostrar o apoio das milícias e militares da PM enquanto base social da eleição de 2018. Os militares da PM foram uma base eleitoral fundamental de apoio, para Jair Bolsonaro se eleger presidente do Brasil.

Os militares (Exército, Marinha, Aeronáutica) são base política e social importante na campanha e na composição do governo após a eleição de 2018. O Exército tem maior funcionalidade no processo. O militarismo foi uma concepção importante na ideologia bolsonarista na disputa desta eleição (PINTO, 2019). Após 100 dias de governo, se percebe que a composição extensa de militares no governo Bolsonaro (SOUZA, 2019). A atuação dos militares na política brasileira nunca deixou de cessar, mesmo depois da ditadura de décadas, porém se criou após o processo de redemocratização do país um mito de recuo dessa corporação da cena política (ZAVERUCHA, 2001).

Os militares compõem a frente política que se constituiu, a chamada “nova direita”, embora tenha atuação política liberal desde o período da ditadura militar. Esta frente conduziu a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018, onde os militares fazem parte hoje do núcleo fundamental do governo e sua sustentação (PINTO, 2019). A visão teórica dessa frente está associada a nova concepção da extrema direita estadunidense: tese o marxismo cultural. Esta visão estrutura toda prática dos generais e seus subordinados e está associada a doutrina neoliberal na economia e no estado (PINTO, 2019).

O candidato do MDB ao governo de São Paulo, Paulo Skaf, declarou nesta quinta-feira (4) o apoio à candidatura de Jair Bolsonaro à Presidência em um eventual segundo turno contra Fernando Haddad. (R7, 04/2018).

A base de apoio de Bolsonaro se ampliou muito, e conduziu a vitória de Bolsonaro, em função do apoio nacional e internacional dos empresários. O empresário simbólico da eleição foi Luciano Hang dono das lojas Havan. Este participou ativamente da campanha de Bolsonaro no decorrer da eleição. Segundo o jornal RJ do dia em março de 2018, a FIESP na figura de Skaf declarou apoio a

Bolsonaro no segundo turno. Empresários estrangeiros potencializaram o apoio a Bolsonaro em função da agenda neoliberal anunciada. Dessa forma, a base de sustentação a Bolsonaro se constituiu de forma gradual e sólida para o segundo turno, mostrando sua força e possibilidades de como será a condução do governo.

Bolsonaro cita com frequência nas suas aparições públicas o versículo bíblico, João 8:32 —e conhecereis a verdade e a verdade vos libertará. Embora cristão, se batizou em 12 de maio de 2016 no Rio Jordão pelo Pastor Everaldo, presidente do Partido Social Cristão. (PSC) (SOLANO, 2019)

Os evangélicos foram (e ainda são) uma base fundamental de sustentação política que contribuiu para o sucesso da campanha e eleição de Bolsonaro em 2018. Em setembro de 2018, Edir Macedo declarou apoio a Bolsonaro em sua campanha, quebrando um apoio ao PT desde sua ascensão ao governo. O mundo evangélico se colocou a favor de Bolsonaro em sua maioria, pastores e líderes religiosos agindo como militantes políticos, carregando uma massa de fiéis para a campanha do ex-capitão. Segundo DATAFOLHA, 21% dos evangélicos votaram, em Bolsonaro, em face de 7% de Haddad (SOLANO, 2019).

Sendo conduzido dessa forma, a hegemonia evangélica brasileira, que expressa um fundamentalismo religioso como prática, potencializou em grande medida a eleição de Bolsonaro. E dessa forma, a Igreja Universal do Reino de Deus e a Rede de Televisão Record se colocaram como pilares desta força (SOLANO, 2019). Dessa maneira, o eleitorado mobilizado por estas e outras bases de apoio a Bolsonaro na eleição de 2018, gerou grande quantidade de eleitores bolsonaristas. Eleitores dos mais diversos: eleitores mais moderados e mais radicais, que fizeram com que o governo de extrema direita ascendesse ao poder no Brasil (SOLANO, 2019; KALIL, 2019).

### **3.2.1. Os Bolsonaristas**

Os eleitores ou apoiadores do bolsonarismo na campanha eleitoral de 2018, tendo como figura central Bolsonaro, constituem uma população diversa e de

uma grande complexidade para sua compreensão (SOLANO, 2019; KALIL, 2019). Os estudos da socióloga Esther Solano e da antropóloga Isabela Kalil possibilitam uma melhor compreensão sobre os aspectos principais do perfil ou da alma dos apoiadores bolsonaristas. Estes estudos são fundamentais, na minha visão, para montar um arcabouço teórico para o interesse de tema tão importante e complexo como este. O bolsonarismo consiste numa força política neofascista e neoliberal que se organizou de forma precária organizativamente, utilizando a internet e a manipulação de mentalidades em torno de um mito, tendo como núcleo dirigente a milícia e setores da elite brasileira. Expressa e articula princípios como o militarismo, o cristianismo fundamentalista e os valores neoliberais como força de mobilização social (SOLANO, 2019; KALIL, 2019).

A força bolsonarista neofascista conseguiu formar uma base de apoio político e social, por via principalmente das redes sociais, atraindo muitas pessoas a partir da adesão ao discurso de Bolsonaro (SOLANO, 2019; KALIL, 2019). Essa adesão teve fundamento, sem dúvida, em valores o hiperindividualismo, a meritocracia, o militarismo e o cristianismo. Ao mesmo tempo, neofascismo surfou na onda antipetista potencializada pela conjuntura desde 2013 nas jornadas de junho (SOUZA, 2017; SOLANO, 2019). Os apoiadores de Bolsonaro surgiram como base social na sua vida política pela sua expansão principalmente a partir de 2012. Nesse processo ganhou visibilidade e em 2017 já se percebia sua aceitação, em muitas pessoas, tido como “político honesto”. Isso aconteceu nas manifestações realizadas pelo MBL e Vem pra Rua, como mostra Solano em suas pesquisas.

Bolsonarismo é adoração cega por um mito que promete o novo mundo, o paraíso na terra. É histeria coletiva (ou delírio coletivo) decorrente de hipnose coletiva. É passividade diante da conjuntura histórica. É, mais facilmente, e na prática, irresponsabilidade política (SOUZA, 2018)

O apoio de eleitores conservadores ao bolsonarismo, se deu por um movimento de alienação social no Brasil, conduzido pelas elites e pela grande mídia desde 2013, através da ideia de corrupção da esquerda (SOLANO, 2019; KALIL, 2019). A idolatria do “mito” se referindo a Bolsonaro emergiu com força. A ideia de corrupção se introduziu na mentalidade brasileira, o que produziu uma mobilização do seio da classe média branca para o restante do país. Bolsonaro se colocou como *outsider*: o “fora do sistema” da política brasileira. Essa visão consistiu num

aparelhamento através da “guerra híbrida” realizada no Brasil por via da internet, como mostrou Korydko em sua obra. A campanha bolsonarista incorporou a “onda” antipetista e se colocou como alternativa a esta suposta corrupção do PT e da esquerda. Nas pesquisas de Solano desde 2015, eleitores já diziam que Bolsonaro é um “político diferente”. Essa visão conduziu paulatinamente os votos do PSDB para o PSL de Bolsonaro.

Uma das questões que com mais insistência aparecem nas entrevistas como legitimadoras do voto em Bolsonaro é que ele representaria —alguém diferente -, um outsider e, mais ainda, um antissistema, alguém capaz de enfrentar uma lógica política totalmente corrompida. (SOLANO, 2019.p 14)

A ideia transplantada de um “político diferente” ou “fora do sistema” na subjetividade da população foi realizada associada à ideia de superar o “velho” para trazer o “novo” da política (SOLANO, 2019). Na pesquisa de Solano próxima das eleições de 2018, as pessoas diziam querer “alguém diferente” para “limpar” o país da corrupção. A ideia de “limpeza” aparecia na linguagem dos entrevistados, no sentido de que, no Brasil, existia uma corrupção sem precedentes e que ela foi criada ou potencializada pelo PT. A ideia de corrupção foi associada ao PT e a esquerda antes da Bolsonaro, desde as jornadas de 2013. Na narrativa criada, o “velho” era a política antiga corrupta do PT.

Ao lado da negação da política como atividade coletiva, o antiesquerdismo foi um dos elementos mais explorados pela campanha de Bolsonaro. Um dos fatos mais interessantes no nível simbólico da campanha foi assistir ao ressurgir do anticomunismo na propaganda eleitoral. O antipetismo tão presente durante as manifestações pró-impeachment transformou-se num antiesquerdismo raivoso. (SOLANO, 2019.p. 16)

O “novo” ou a “nova política” era o aparecimento de um político não corrompido pelo sistema, que iria mudar as o próprio sistema (SOLANO, 2019; KALIL, 2019). Essa visão conduziu a ideia do inimigo. É a ideia do anticomunismo, discurso do pós-guerra, que foi potencializada pelo bolsonarismo para criar um ambiente ou concepção maniqueísta do “bem” e do “mal”. O maniqueísmo criado introduziu no cenário político, na mentalidade da população e dos apoiadores de Bolsonaro a ideia do “inimigo potencial”. O “inimigo” criado no discurso bolsonarista apontava para o PT,

as esquerdas, as feministas, o movimento LGBTIs, o Movimento Negro, os professores como inimigos da nação. A ideia era: de quem apoiava os “inimigos” eram vagabundos. Nos grupos de *WhatsApp*, *Facebook* bolsonaristas eram comuns, como diz Solano, críticas como “bando de vagabundos”, “defendem corruptos”, “querem acabar com a família”. Nessa lógica surge, como afirma Kalil e Solano, a concepção binária de “bando de vagabundos” e os cidadãos de bem”.

O “cidadão de bem” passou a designar aquele que, além de ter uma conduta individual “correta” e bandidos. Assim, o “cidadão de bem” refere-se a um conjunto de condutas dos indivíduos na vida privada, a um conjunto de formas específicas de reivindicação política na vida pública e a um conjunto particular de temas e agendas que passaram a ser consideradas como legítimos. (KALIL, 2019, p.9)

Para Kalil (2019), a ideia de “cidadão de bem” surge anteriormente a Bolsonaro (o qual o hiperpotencializa) no período de 2016 e está associado a ideia de combate a corrupção. A ideia diz respeito a pessoa que tem um modo de comportamento adequado a vida privada e na vida civil ou cidadã. No decorrer do embate da política brasileira passou a significar pessoas que fazem protestos violento e pacíficos. Esta noção se desenvolveu para pessoas que fazem reivindicações para o bem (pessoas de bem) e que apoiam corruptos (bandidos e bandidas ou baderneiros). Ou seja, a categoria utilizada pelo bolsonarismo, com o sentido moralista de “pessoa correta” na vida privada e pública, tendo a afirmação a favor da monogamia e submissão das mulheres, o antihomosexualidade, antiesquerda, contra as demandas das minorias.

Esse processo teve consequências na vida concreta durante a campanha, tendo rachas entre famílias, agressões e mortes. Houve uma disputa real na esfera pública brasileira. Os casos simbólicos foram agressão que um neonazista fez em uma mulher, onde desenhou uma suástica em sua pele; e a morte emblemática da eleição: a morte de Moa do Katendê em Salvador.

Vale lembrar que as classes médias brancas brasileiras votaram preferencialmente em Bolsonaro (SOLANO, 2019.p. 16) citação com menos de 3 linhas deve ser incorporada ao texto

A guerra cultural empreendida pelo bolsonarismo no Brasil teve uma eficiência colossal através do disparo em massa de *fake news*, por meio de sites fakes, mobilizando uma base social gigantesca e contaminando a esfera pública (MELLO, 2020) O Brasil tem 60 % de pessoas que utilizam as principais redes sociais estadunidenses, com 136 milhões *WhatsApp* e 120 milhões no *Facebook*. Diante disso, Mello demonstra como disparos em massa, que foram financiados por empresários ligados a Bolsonaro, se constituiu como uma pilastra essencial para a vitória bolsonarista. Essas notícias falsas tinham objetivo de difamar adversários, falsear acontecimentos e idolatrar o “mito” candidato a presidente (MELLO, 2020). Essa tática chamada pelo autor Russo Andrew Koribko de “Guerra Híbrida, passou a ser utilizada pelos EUA na eleição de Trump e no BREXIT na Inglaterra sob liderança de Steve Banon. Portanto, a bolsonarização da política brasileira e a fabricação de uma base social está edificada e instrumentalizada pelos mecanismos do poder digital do bolsonarismo.

Na época da eleição de 2018, a presença digital de Jair Bolsonaro era infinitamente superior à dos outros candidatos. No Facebook, sua página 6,9 milhões de seguidores, dez vezes mais que Fernando Haddad, com 689 mil. O ex-presidente Lula da Silva contava com 3,8 milhões de inscritos. No Instagram Bolsonaro reunia 3,8 milhões de seguidores, enquanto Haddad tinha 418 mil e Lula 524 mil (MELLO, 2020.p.32)

O processo que repercutiu no golpe de 2016 contra a presidente Dilma Rousseff, teve como base de apoio de mobilização de rua a classe média branca (SOLANO, 2015, 2017, 2019). Essa movimentação alimentada pela grande mídia, sobretudo a Rede Globo; movimentos de rua de direita MLB e outros; e a seletividade da Lava Jato, em que investigava\perseguia à esquerda. Essa movimentação trouxe um clima de ódio e empoderamento para setores recalcados e fascistas da população: esta classe média branca. Como afirma Solano, o epicentro de apoio a Bolsonaro advém dessa classe, que tem o anti-igualitarismo, a meritocracia, o cristianismo fundamentalista e o individualismo como pilares da sua condição de classe (SOLANO, 2019).

Ao mesmo tempo, grande parte da população de classes populares votou em Bolsonaro, como mostra o estudo “Da esperança ao ódio: juventude periférica bolsonarista”, realizado por Machado e Scalco, no livro Ódio como Política. Grande parte das classes populares brasileiras foram conduzidas pelas ideias bolsonaristas,

tendo o medo, condições precárias de vida, e a falta de esperança na política e na vida pessoal como motivações. Bolsonaro soube mobilizar o medo como forma de atrair apoio.

Segundo Datafolha de outubro de 2018, pós-eleição, os indicadores sobre a votação são expressivos. Até dois salários mínimos, Bolsonaro teve 37%, Haddad 47%. Até cinco salários, Bolsonaro teve 55%, Haddad 32%. De cinco a 10 salários mínimos, Bolsonaro teve 61%, Haddad 29%. Na região Sudeste, Norte e Centro-Oeste e Sul, Bolsonaro mobilizou mais votos, sendo classe média e classes populares. Os homens votaram em sua maioria para Bolsonaro, embora Haddad tenha perdido no voto feminino (DATAFOLHA, 2018).

A figura do “cidadão de bem” é ao mesmo tempo central e caleidoscópica, pois se adéqua com facilidade a contextos e dinâmicas heterogêneas. Ou seja, se desdobra em outros perfis de apoiadores/as e eleitores/as de Jair Bolsonaro que agora tipificaremos (KALIL, 2019,p 12).

Segundo Kalil, os bolsonaristas constituem perfis de diferenciados de apoiadores de Bolsonaro. Há uma diversidade de adeptos que se caracterizam pelos valores e visões de mundo, base de apoio de sustentação da campanha e do governo detém. Para a autora, surgiram eleitores que foram mobilizados para votar em função do receio do “comunismo” ou “antipetismo”, da “ideologia de gênero”, do apoio ao “o militarismo” e a favor ao porte de armas. Porém, é um espaço que existe uma quantidade variada de eleitores diante destas categorias. Assim, segundo Kalil não é possível identificar um padrão de eleitores bolsonaristas. É uma quantidade variada de perfis que constituem eleitores mais complexos em termos de apoio político (KALIL, 2019).

O quadro diverso de eleitores colocado Kalil é complexo e extenso, e não caberia neste trabalho as minúcias destes perfis. No entanto, é necessário colocar os perfis mesmo de forma resumida. Existem 16 perfis de bolsonaristas que aceitam apoiar Bolsonaro em função de várias justificativas que atravessam o espectro da corrupção, sexualidade, moralismo e violência. Existem as “pessoas de bem”, que são homens e mulheres de classe média, mais de 35 anos, são contra a corrupção e até

pedem a volta da ditadura. Repudiam os governos petistas e querem instituições que resolvam a impunidade (KALIL, 2019).

Tem os apoiadores “masculinidade viril”, são homens de 20 a 35 anos que exibem sua masculinidade e pedem o fim da corrupção, repudiam a violência e desejam o porte de armas. Os “nerds, hackers e gamers” são um outro perfil, são jovens de 16 a 34 anos e são ligados ao mundo virtual e aos jogos; repudiam as feministas pelo fato de se sentirem pressionados. Tem também os “militares e ex-militares”: são mulheres e homens que fizeram carreira e nas Forças Armadas ou Polícia Militar; criticam a criminalidade e a desvalorização das instituições de segurança (KALIL, 2019).

No perfil dos bolsonaristas tem também as “femininas e bolsogatas” e as “mães de direita”. As primeiras são mulheres de 20 a 30 anos e criticam a vitimização da mulher; criticam as feministas. A segunda são mulheres de 30 a 50 anos de classe média baixa principalmente, repudiam os LGBTIs e acreditam na “ideologia de gênero”. Tem os “homossexuais conservadores” que acreditam nos valores da família conservadora, criticam gays que “dão pinta” e o movimento LGBTI. Têm as “etnias de direita” homens e mulheres, negros e índios, orientais que apoiam o Bolsonarismo (KALIL, 2019).

Os “estudantes pela liberdade” são estudantes conservadores de 14 a 30 anos e veem em Bolsonaro o *outsider*. Os “periféricos de direita” são pessoas de classes populares que desejam o estado mínimo, criticam a precariedade de vida e a violência na periferia e não gostam da esquerda; criticam os serviços públicos, mas não querem o Estado intervindo na sociedade. Tem o perfil dos “meritocratas” são formados pelas elites e classe média alta, criticam a esquerda acreditam que “cresceram na vida por mérito”; querem um Estado mínimo (KALIL, 2019).

Os perfis de bolsonaristas têm ainda os influenciadores digitais e os líderes religiosos. Os primeiros são influenciadores no meio virtual, são antipetistas e dizem que não “querem o Brasil como a Venezuela”. Os líderes religiosos foram fundamentais na eleição e defendem a família tradicional e são contra a “ideologia de gênero ou kit gay”. Nessa linha tem também os “fiéis religiosos” que acreditam nas mesmas questões dos líderes religiosos. Tem ainda os “monarquistas” que acreditam

que a monarquia deve voltar ao país e não são a favor dos debates políticos e são antipetistas (KALIL, 2019).

E por fim, os “isentos”, estes não acreditam em Bolsonaro, mas votaram pelo sentimento antipetista. (KALIL, 2019). Essa tipificação realizada por Kalil é muito importante para diferenciar os eleitores de Bolsonaro, porém acaba criando uma segmentação hiperfracionada dos perfis, os quais se inter-relacionam mais do que se diferenciam; o que acaba não criando um padrão mais concreto dos apoiadores, no sentido que a pesquisa sociológica aqui se propõe. Como disse, existem mais correlações do que diferenças entre os apoiadores, dado as categorias que sustentam o apoio: antipetismo, ideologia de gênero, militarismo, violência.

A perspectiva sociológica é a linha teórica a ser utilizada no estudo que estou realizando, na tentativa de compreender um padrão de apoio dos bolsonaristas a Bolsonaro numa cidade do interior da Bahia. A metodologia e conceitos a serem utilizados seguem na perspectiva dos estudos sociológicos da socióloga Esther Solano. Os bolsonaristas são diversos e tem intensidades de manifestação de ódio e adesão ao fascismo expresso na força política de extrema direita liderado por Bolsonaro (SOLANO, 2019). Nos estudos recentes da socióloga ele traça um padrão de comportamento dos bolsonaristas. Ela divide os bolsonaristas radicais, aqueles apoiadores fiéis a Bolsonaro e que se inclinam a terem um comportamento expressamente fascista. Os bolsonaristas moderados são os apoiadores ou eleitores que votaram em função de um conjunto de elementos da conjuntura (como o antipetismo, ideologia de gênero, violência) e, muitos, tendem a se decepcionar.

A maioria dos eleitores moderados do presidente Jair Bolsonaro das classes C e D está arrependida de seu voto. É o que constata hoje a socióloga Esther Solano em pesquisas qualitativas que realiza com esse perfil de eleitor desde 2016 para a Fundação Tide Setubal, com a cientista política Camila Rocha. (SOLANO, 2020)

No estudo realizado por Solano, os apoiadores mais moderados que se inclinaram a votar em Bolsonaro em 2018 são das classes C e D e percebem algumas contradições no bolsonarismo (SOLANO, 2019; 2020). Dessa forma, a pesquisadora mostra que no decorrer do processo de campanha surgem bolsonaristas radicais e

moderados, que expressam uma relação diferente com o bolsonarismo e tendem a compreender a conjuntura e as medidas do governo de forma distinta (SOLANO, 2019; 2020). O estudo que realizei em Itaberaba, interior da Bahia, foi com bolsonaristas moderados. Essa parte de apoiadores tem uma capacidade de conversa e de possibilidade de pesquisa possível, embora tive muita dificuldade em função do receio da exposição desses apoiadores a uma pesquisa e gravação de suas falas.

## **CAPÍTULO VI. ASPECTOS DA FORMAÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE ITABERABA E A MOBILIZAÇÃO SOCIAL BOLSONARISTA NA CIDADE EM 2018**

### **Introdução**

A formação social da cidade de Itaberaba passa pela interiorização do avanço da colonização europeia-portuguesa na região que foi denominada Brasil. A inserção do Brasil enquanto zona de exploração mercantil através do sequestro e escravização de povos indígenas e africanos encontra em Itaberaba mais um capítulo. Esse processo que Quijano chama de Colonialidade do Poder descreve o quadro de incorporação colonial de continentes considerados inferiores no processo de desenvolvimento da modernidade ocidental. As doutrinas raciais racistas produzidas pela Europa tiveram papel crucial, construindo e produzindo consentimento da inferioridade de povos não brancos em relação a superioridade biológica e cultural do branco europeu. O capitalismo se forma por esta base escravocrata em diversos continentes. (QUIJANO, 2005).

A interiorização do Brasil e a denominação do chamado “Sertão” teve processos singulares de colonização, tendo como pilares de dominação econômica e política as terras, o gado e a mineração (TADEU, 2014). Senhores de terras se ergueram como patriarcas católicos e escravocratas em diversas regiões onde rios gigantescos apareciam no horizonte colonizador. A Igreja católica produziu alienação social e desenraizamento compulsório dos povos africanos e indígenas ao longo do processo. O “desbravamento” das terras do “descobrimento” se fizeram pelos bandeirantes: soldados paramilitares do poder colonial na colônia. Esse processo na

região de Itaberaba surge primeiramente no município de João Amaro (TADEU, 2014). Essa cidadezinha foi fundada por João Amaro, bandeirante filho de um outro capitão bandeirante, que constituiu um povoado por conta do grande rio Paraguaçu e a possibilidade do ouro e prata. Desse processo emergiu senhores de terras através das gerações, senhores herdando riquezas dos seus pais e avós.

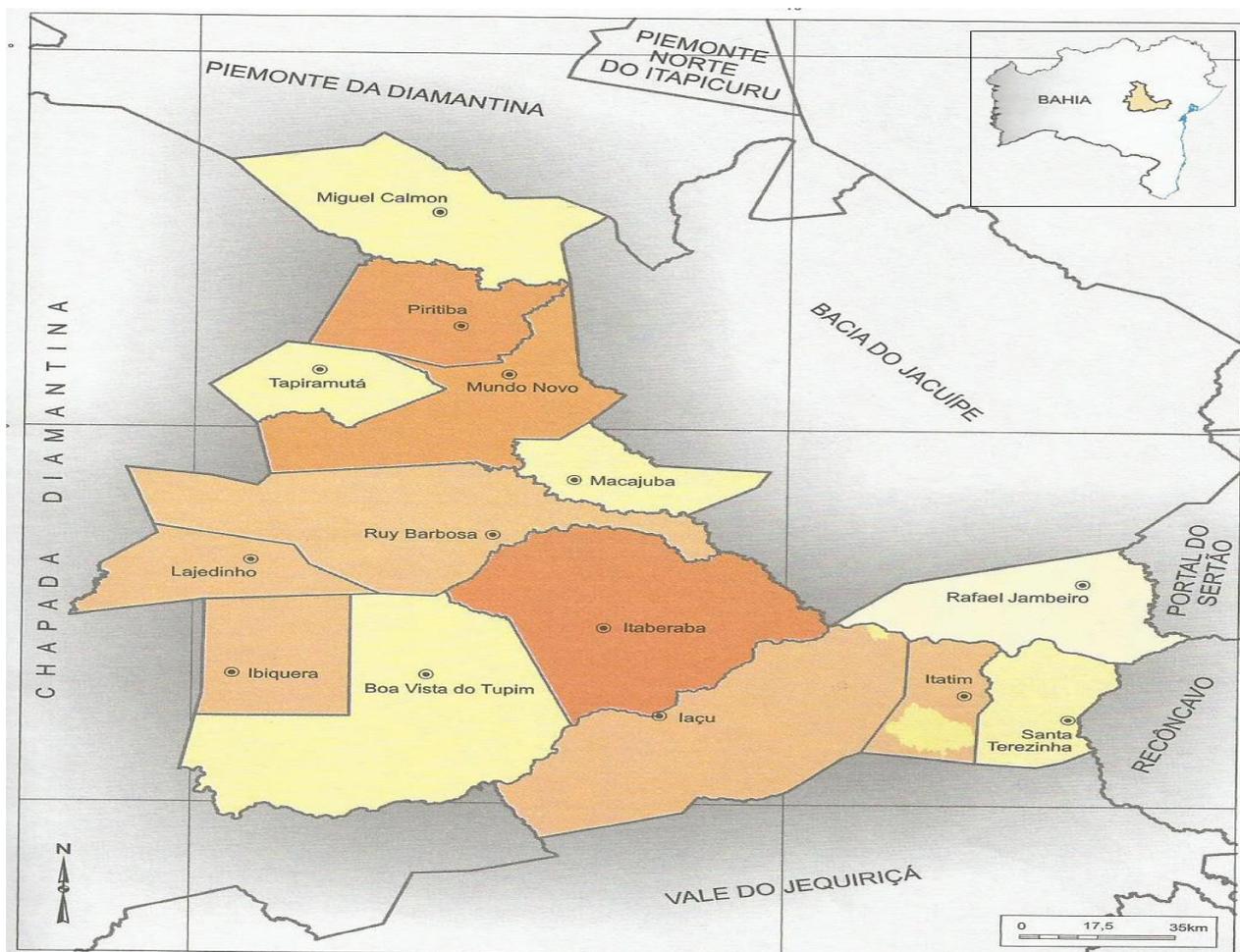
O processo de “desenvolvimento” da cidade de Itaberaba se edifica como decorrente da exploração colonial na região. Os povos originários Maracás viviam nessas terras quando os bandeirantes chegaram. Houveram diversas guerras. Os Maracás tiveram vitórias, porém a administração colonial tinha enorme poderio militar, o que acabou dizimando e escravizando muitos indígenas da região. As terras foram roubadas e cedidas a senhores submetidos a administração colonial e a Coroa. Com o sequestro e escravização de pessoas africanas, se forma outro setor étnico-racial na cidade. Houve resistência na cidade pelos negros, formando o Quilombo do Urubu no século XVIII na região, para defender sua dignidade. O império colonial destruiu a partir de guerras e vitórias dos dois lados. A formação institucional da cidade de Itaberaba se molda pelas instituições europeias da modernidade. A cidade, então, surge de uma fazenda e de uma pequena igreja católica que reunia muitas pessoas, tendo com o tempo, uma grande reunião de pessoas de diversas regiões para objetivos religiosos e comerciais (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

A constituição da dominação política e econômica na cidade seguiu a ordenação das oligarquias, fruto dos senhores de terras e escravos. Elites locais emergem no século XX e XXI com poder econômico, influenciando na política local, seguindo a lógica da hierarquização do poder a nível federal e estadual (CALMON, 1997). Assim, desde o golpe militar de 1964, com a deposição do prefeito da cidade e sua substituição pelo candidato ordenado pelos militares, a política itaberabense passou a ser influenciada pelo carlismo de Antônio Carlos Magalhães. Sua ascensão teve influência na região, mesmo com os candidatos não eram de seu partido, todos se alinhavam. Surge na cena política o dueto Linésio Bastos e Miguel Brito do PMDB. Juntos governaram quatro mandatos. Posteriormente, surge uma família que viria a ter hegemonia política na região: os Mascarenhas. Com a crise e derrota de ACM, o Partido dos Trabalhadores enraizou uma base social sólida na cidade em eleições estaduais e nacionais.

A hegemonia dos Mascarenhas se constituiu inicialmente pelo pai e empresário, João Mascarenhas, o qual deixou uma riqueza inimaginável para seus filhos. Seu filho Jadiel Mascarenhas começa a hegemonia política na cidade se elegendo em 2000. Em 2008, lança seu candidato, seu irmão, João Filho Mascarenhas. Este governa dois mandatos. Em 2016, João Filho lança Ricardo Mascarenhas que governa até os dias atuais. Nos governos dos Mascarenhas há algumas contribuições à cidade, mas há uma série de constatações de espoliação de recurso e patrimônio público como mostra as instâncias judiciais da Bahia. Dessa forma, em 2018, com o fenômeno do bolsonarismo, a cidade teve uma quantidade de pessoas que aderiram ao discurso e plataforma de Bolsonaro. O estudo que estou realizando tem a intenção de desvendar quais as razões dessa adesão dos bolsonaristas.

#### **4.1 Cidade de Itaberaba-BA: colonização e formação socioracial e econômica.**

A cidade de Itaberaba se localiza no centro-oeste da Bahia e constitui um lugar que faz parte de um conjunto de municípios que organizam o Polígono das Secas (área delimitada pela Lei 1384, de 1951). Seu significado é “Pedra que Brilha”, denominação indígena Tupi que falaremos depois. A cidade compõe e é portal da Chapada Diamantina, uma região organizada pela história do garimpo e hoje tem atividades turísticas em suas belas paisagens naturais. Itaberaba abrange doze municípios que faz parte do território do vale médio do Rio Paraguaçu. De acordo com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia, a identidade da cidade pertence ao Território Piemonte do Paraguaçu. Estas cidades pertencentes a identidade Piemonte, juntamente com Itaberaba são: Boa Vista do Tupim, Iaçú, Ibiquera, Itatim, Macajuba, Miguel Calmon, Mundo Novo, Piritiba, Rafael Jambeiro, Ruy Barbosa, Santa Terezinha, Tapiramutá (SEI, 2011; TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).



Fonte: SEI, 2011.

Hoje, o município de Itaberaba limita-se a leste com Ipirá, ao sul, Iaçú, a oeste, Boa Vista do Tupim e ao norte, Rui Barbosa e localiza-se no centro-leste do Estado da Bahia, na encosta da Chapada Diamantina, microrregião 11 – Itaberaba, abrangida quatorze municípios, incluídos no Polígono das Secas (área delimitada pela Lei nº. 1384, de 1951), fazendo o seu território, parte do vale médio do Rio Paraguaçu (TADEU, 2014, p.28)

A cidade tem um número de habitantes de interior médio\baixo, e faz limites com outras cidades que se relacionam entre si (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019). Segundo o IBGE 2019 a cidade tem 64.489 habitantes. Seus limites territoriais se relacionam ao sul com a cidade de Iaçú; ao norte, com Rui Barbosa; ao leste com o município de Ipirá e ao oeste, com Boa Vista do Tupim. Destas cidades, Itaberaba foi a que mais se desenvolveu demograficamente. Todas estas cidades se relacionam também pelo Rio Paraguaçu. Se relacionam também pelas relações econômicas, comerciais, e serviços de saúde e educação. Itaberaba é um polo comercial,

econômico, educacional e serviços de saúde para esta região em função do seu próprio desenvolvimento (SEI, 2011; TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

O município da “Pedra que Brilha” limita-se a leste do município de Ipirá, ao sul, com o de laçu, a oeste, Boa Vista do Tupim e ao norte, o de Rui Barbosa, com suas fronteiras intermunicipais (CERQUEIRA, 2019, p. 26)

Dessa forma, a região onde a cidade de Itaberaba se localiza pertence ao “sertão baiano”, onde tem uma fauna e flora, clima e hidrografia específicos destas regiões, porém com sua peculiaridade. Segundo Cerqueira, a formação da terrestre itaberabense se divide em duas áreas distintas. A primeira localizada a leste, detém uma vegetação rala e contingente conhecida como caatinga; compõe dois terços das terras da cidade, tem terreno arenoso e carrasquento, pouco acidentado, com planícies e pequenas elevações formadas de montes e morros de granito de forma geral. Na segunda, localizada a oeste é uma área para exploração das terras para agricultura e pecuária, uma região com grandes elevações, grandes montanhas, e terras úmidas e coberta de matas, húmidas e com grande pluralidade de espécies de árvores (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

A fauna e a flora itaberabenses são muito ricas compondo uma diversidade particular de uma cidade que faz a transição do sertão com a atmosfera da Chapada Diamantina. A variedade da fauna tem: gato do mato, macaco, lebre, camaleão, preá, caititu, guará, cágado, sariguê, suçuarana, cobras venenosas, tatu, tamanduá, teiú, onça, paca, jibóia, raposa, capivara e outros. Em relação aves tem: gavião, pássaro-preto, cardeal, canção, codorna, azulão, canário, papagaio, uruburei, espanta-bioada e muitos outros. Em relação diversidade da flora temos: maçaranduba, aroeira, farinha seca, jacarandá branco, peroba, ferro, Itapicuru, sucupira, umburana-de-cheiro, bálsamo, cedro e muitas outras espécies de plantas. Essa pluralidade de espécies de animais e plantas na região de Itaberaba decorre também de seu clima e hidrografia específicos (PEDREIRA, 2019)

O clima de Itaberaba constitui um semiárido, com calor o ano inteiro, tendo periodicamente tendo chuvas e eventualmente trovoadas, sendo frio e úmido durante o inverno. Nessa região pouco se chove, com estiagens que castigam, tendo uma sensação térmica em muitos momentos de 40, 45°. O período chuvoso é de

novembro a janeiro. Seu maior índice pluviométrico foi em 1926, onde choveu 1059 milímetros. Assim, Itaberaba faz muito calor durante o ano inteiro, com noites frias a partir de junho, acabando em setembro\outubro (PEDREIRA, 2019).

Sua hidrografia constitui um recuso natural importantíssimo para a sobrevivência das pessoas, das cidades, sobretudo de Itaberaba. O rio mais importante para a cidade de Itaberaba é o rio Paraguaçu. “Paraguaçu” é uma denominação tupi, que significa “rio caudaloso grande”. Esse rio nasce na cidade de Cascavel, na serra do Cocal, com mais de mil metros acima do nível do mar, que percorre mais de dezoito cidades até desaguar na Baía de Todos os Santos. Dessa forma, a cidade se insere na lógica colonial brasileira e seu desenvolvimento tem a ver com sua riqueza natural (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

A compreensão da cidade de Itaberaba passa pela reconstrução da América Latina e do Brasil no processo de colonização. A cidade participou da expansão colonial antes mesmo de se constituir como cidade se inserindo no padrão de poder global se se instituiu no século XVI. Assim, a invasão da América Latina transformou a existência dos povos tradicionais que aqui viviam, para se incorporar no padrão de poder dominante a nível global: a Europa. A partir daí se desenvolve um processo de dependência histórico-cultural que atravessou os séculos até os dias atuais. Surge aí Modernidade associada, ao mesmo tempo, a Colonialidade da América. A Bahia do litoral se inserindo pela produção de açúcar dos engenhos e o interior na produção de gado e minério, ambos sob a égide da escravidão como modo de produção.

O que denominamos América Latina constituiu-se junto com e como parte do atual padrão de poder mundialmente dominante. Aqui se configuraram e se estabeleceram a colonialidade e a globalidade como fundamentos e modos constitutivos do novo padrão de poder. Daqui partiu o processo histórico que definiu a dependência histórico-estrutural da América Latina e deu lugar, no mesmo movimento, à constituição da Europa Ocidental como centro mundial de controle desse poder (QUIJANO, 2005, p.2)

Esse processo de dominação da América Latina e da implicação para a região onde se iria denominar Itaberaba, no interior da Bahia, se constituiu através de uma classificação social das populações nativas e da população negra advinda de África: a ideia de “Raça” (QUIJANO, 2005; MOURA, 1994). A noção de Raça

desenvolvida pelos povos europeus é o elemento originário dessa dominação social do continente. O sistema de exploração social e de opressão dos povos nativos se constituiu pela racialização dos povos não-brancos. A noção de raça significa a classificação ou categorização dos seres humanos, os quais se diferenciam por serem superiores e outros inferiores; dessa forma, os brancos se auto identificaram como superiores a outros povos do mundo (ALMEIDA, 2018).

O novo sistema de dominação social teve como elemento fundador idéia de raça. Esta é a primeira categoria social da modernidade. Visto que não existia previamente – não há rastros eficientes dessa existência –, não tinha então, como tampouco tem agora, nada em comum com a materialidade do universo conhecido (QUIJANO, 2005. P. 16)

A ideia de raça se configurou como justificativa existencial e ideológica para a invasão no Brasil, tendo inicialmente a violência, expropriação de riquezas e escravização no litoral baiano e depois sua interiorização para terras do chamado “Sertão”, mais especificamente na região baiana. A exploração da população indígena e africana se constitui assim por uma justificativa racial de superioridade dos brancos europeus (MOURA, 1994). Assim, como consequência da estratégia de colonização do território do Novo Mundo, a interiorização dessa expansão se materializou ainda nos meados do século XVI. É neste contexto que se insere a região de Itaberaba e sua posterior estruturação como cidade e como povo.

Os primeiros contatos dos colonizadores com a região da cidade de Itaberaba se configurou através da estratégia interiorização a procura de minas de metais preciosos (PEDREIRA, 2019). Esse processo se deu no ano de 1551 com a expedição bandeirante, orientada pela Coroa Portuguesa e pelo primeiro governador-geral Mem de Sá. Ao mesmo tempo outro fator foi de importância fundamental para o processo de colonização de formação da região: o gado. A interiorização do processo colonizador foi organizada por divisão de grandes extensões de terra e “doadas” para portugueses ricos, porém com a parte da Coroa portuguesa garantida. Essas grandes extensões de terras foram denominadas de “sesmarias”, e foram fundamentais para a formação social da cidade de Itaberaba e da região sertaneja circunvizinha (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

O rio Paraguaçu consistiu na razão principal para o acesso à região de Itaberaba, sendo a localização de Itaberaba hoje e do município de João Amaro o local central da invasão. O imaginário do ouro como política fundamental da Coroa portuguesa, condicionou o rumo das expedições às margens do rio Paraguaçu (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019). Os povos originários da região. Os índios Maracás do grupo Tapuias foram os povos que deram grande significado a região de Itaberaba, inclusive no seu nome “Pedra que Brilha”. Esse encontro se deu por conflitos mortais, sobretudo para os índios, como mostrarei mais à frente.

O território da região de Itaberaba se desenvolveu, sob a concepção de existência do colonizador, em uma área estruturada através de “sesmarias”. Essas grandes concentrações de terra que foram saqueadas dos povos indígenas da região, foram para as mãos de fazendeiros. Essa é a síntese estrutural da região até nossos dias. As fazendas foram doadas pela Coroa portuguesa, porém famílias ricas vendiam umas para as outras numa negociação interna. Mas é a partir das disputas de hegemonia pelas famílias de senhores de terras baianos que Itaberaba passou a existir (TADEU, 2014).

Desde a região de Itaberaba até João Amaro, região mais próxima do rio Paraguaçu, hoje município de Iaçú, a concentração de terras e a dominação das famílias dos senhores de terras predominou desde os meados do século XVII (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019). As fazendas se tornaram parte da economia colonial, se estruturando a partir da escravidão indígena e, posterior, negra, dando início a núcleos territoriais e povoados em torno delas. Os fazendeiros exerciam o poder nestes locais, condicionando o modo como o povoado poderia viver, pensar e sentir. As igrejas tiveram papel fundamental de disseminação da ideologia colonizadora, catequisando povos escravizados e doutrinando moradores livres dos povoados (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

O território de João Amaro é um povoado que se estruturou a partir desse processo colonizador, e é a região mais antiga de povoamento da região de Itaberaba (TADEU, 2014). João Amaro foi um paulista bandeirante filho de um outro bandeirante que expulsou os povos Tapuias das suas terras, fazendo prisioneiros e escravos para suas posteriores fazendas. Eles queimaram aldeias, mataram muitos índios e dizimaram tribos inteiras. Essa é a história e consciência social da região. Em 1673, logo após o genocídio, João Amaro teve como recompensa da administração

colonial a sesmaria que englobava esta região e o posto de coronel. Banhado pelo Rio Paraguaçu, o núcleo populacional se desenvolveu, porém nunca se transformou em cidade devido a sua posterior estagnação econômica. Quem vinha de Salvador para região tinha que necessariamente passar por João Amaro, pois foi construído uma estrada que ligava a capital.

João Amaro é o núcleo populacional mais remoto da Região de Itaberaba. Entender as peculiaridades territoriais da região e das relações comerciais que ali existiam na formação dessa comunidade sertaneja é um primeiro passo no esboço que, nesse capítulo, pretende-se construir sobre a formação social e econômica da região (TADEU, 2014. p. 38)

As relações de troca mercantil brancas europeias foram transplantadas para o Novo Mundo. Os donos das sesmarias “doadas” pela Coroa negociaram as terras com outras elites de terras do território colonizado. É nesse conceito que João Amaro vendeu a sesmaria, no final do século XVII, para Manuel de Araújo Aragão, um senhor de terras que explorava riquezas minerais na região de Minas Gerais. As atividades agropecuárias foram hegemônicas na região, principalmente pelo seu fator principal: o boi. Dessa forma, a fazenda consistiu no núcleo que gerou a nova convivência de pessoas do povoado: pessoas escravizadas, pessoas livres mestiças e os brancos. A igreja tinha um papel de sociabilidade e de manutenção do poder local, localizado no centro do povoado. João Amaro se autodenominou pelo nome de seu colonizador e não se desenvolveu como cidade devido a sua perda de força socioeconômica. Assim, João Amaro se constituiu paralelo a região de Itaberaba através da estratégia de colonização da região pelo Rio Paraguaçu (TADEU, 2014).

A cidade de Itaberaba se desenvolveu a partir da dinâmica do processo colonizador, paralelo a João Amaro, pela concentração de terras por poucos, pela cristianização forçada dos povos escravizados em torno do rio Paraguaçu. Esse processo de seu em torno de meados do século XVI até final do século XIX, com a institucionalização como cidade (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019). As terras foram saqueadas dos povos Maracás (Tapuias) que moravam na região pela Coroa portuguesa, a partir de expedições bandeirantes. Poucas famílias passaram a concentrar grandes extensões de terra e disputar a hegemonia econômica da região. O gado e o minério passaram a ditar a dinâmica econômica da região. Os povos

africanos foram trazidos como escravos para trabalhar nas fazendas e na extração de minério.

A administração colonial no Brasil, subordinado a Coroa portuguesa, atuou com força de coerção e violência para expulsar e escravizar povos nativos e africanos, e para transplantar a vida institucional e os costumes europeus para a região de Itaberaba. As lutas indígenas e quilombolas contra a administração colonial foram processos de resistência a colonização e a escravidão. Aos poucos foram surgindo pessoas mestiças “livres” conformando o povoado da cidade que se constituiu como vila: uma classe de subalternos de escravos (índios e negros) e pessoas “livres” com condições precárias de vida em torno da fazenda do branco colonizador (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

O Sertão da Bahia consistiu em uma região cujo processo de dominação dos fazendeiros passou a ser síntese política. As disputas por terras colocaram algumas famílias em confronto com aval da Coroa portuguesa, mas sem prejudicar interiorização da colonização. As posses de terras da região se concentravam em três famílias: João Peixoto Viegas, de Antônio Guedes de Brito e dos Garcia D'Ávila no início do século XVIII. No início da colonização na região, a concentração de terras e riqueza se deu de forma paulatina, em função das lutas indígenas que defendiam suas terras dos colonizadores. A medida que os índios Maracás passaram a ser expulsos ou deslocados das terras a administração colonial se apropriava e “doava” para senhor ocupar e organizar a região para ampliação da colonização. O fenômeno da concentração destas terras na região de Itaberaba, de meados do século XVII para final do XVIII, aconteceu por Antônio Guedes de Brito. Este passou a senhor de terras e de escravos da região e deter o poder econômico e por consequência político.

As terras da Região de Itaberaba, mais precisamente entre os rios Piranhas, para o sul, e Capivari, pelo nascente, até a serra do Orobó, pertenceram ao mestre-de-campo Antônio Guedes de Brito, as quais foram divididas em sítios que se tornaram famosas devido às questões judiciais (TADEU, 2014. p. 47)

O desenvolvimento do saque e concentração das terras indígenas pela Coroa portuguesa e distribuído em sesmarias para os senhores de terras teve alicerce político-militar através expedições bandeirantes desde os meados do século XVI.

Porém esse processo não foi passivo pelos povos originários da terra nem dos quilombos formados em função desses conflitos e da escravidão. As lutas de resistência indígenas e quilombolas contra a administração colonial e as expedições bandeirantes foram determinantes para barrar por um período grande de tempo a expansão da colonização. Estes povos queriam viver sob seus modelos de vida. Porém a lógica colonialista de submissão dos povos não brancos predominou nestas lutas. Dessa forma, a constituição, a identidade e a consciência política do povo de Itaberaba se forma nestas bases. Uma população de maioria não branca descendente dos povos que resistiram a colonização (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

A Coroa portuguesa construiu uma estratégia de guerra aos povos indígenas nativos da região de Itaberaba e aos povos africanos que começaram a se organizar em quilombos no Novo Mundo. A resistência desses povos a colonização expressava a tentativa de liberdade diante de uma ameaça devastadora. A escravização e morte destes povos para saquear terras e acumular riqueza era a síntese colonialista. Como mostrou Clóvis Moura no Brasil “racionalizava-se o sistema de governo da Colônia, dando-lhe unidade administrativa e judiciária, e, ao mesmo tempo, criava-se condições para reprimir revoltas de negros e índios”. Dessa forma, se construiu um aparato de coerção e violência que fosse capaz de submeter os “povos inferiores” ao progresso europeu. Isso se expressava nas expedições bandeirantes (ou sertanistas), cada vez mais estruturadas militarmente na medida em que as guerras se desenvolviam. (MOURA, 1994; TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

Os povos Maracás foram os nativos da região de Itaberaba e resistiram por cerca de um século a invasão portuguesa na região (PEDREIRA, 2019). Os Maracás eram os donos das terras da região de Itaberaba e tinham uma cultura singular. Eles são do grupo tronco de indígenas denominado Tapuias, pois são do grupo linguístico quiriri. Eles viviam no território entre o vale médio do rio Paraguaçu, com fronteira no rio de Contas, passando pela serra do Sincorá e a serra do Trompa ao poente e mais para o sul próximo das serras do Caitité. (PEDREIRA, 2019)

Esse território passou a ser sua morada em função da pressão realizada pelos Tupinambás no litoral do país. Suas terras eram comuns a todos, sem uma ideia de propriedade privada. Eram poligâmicos e dormiam em suas redes. Os homens tinham cabelos até as orelhas, pele marrom, eram grandes flecheiros e tinham como atividade a guerra e a caça. As mulheres tinham cabelos até as costas, eram

responsáveis pelo artesanato, agricultura, pelo tratamento da comida e pelas crianças. Todos tinham colares e os beijos furados e atravessados por pedras da região. Essa vida era vivida até o processo colonialista que resultou em mortes, saque das terras indígenas e escravização.

[...] lutas renhidas e constantes travavam-se entre os primitivos habitantes e os primeiros desbravadores vindos para combatê-los e pela disputa da posse das terras, ou para escraviza-los, e na suposição da existência de ouro na serra do Orobó, cujo significado de “ouro bom” lhe valeu o nome (PEDREIRA, 2019.p. 34)

A luta e resistência indígena dos Maracás contra as expedições bandeirantes foram do 1561 à 1690, quando a Coroa portuguesa resolveu de forma definitiva saquear as terras e escravizar os povos nativos no processo de interiorização da colonização (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019). Na expedição de 1561 nas margens do rio Paraguaçu, os Maracás venceram os bandeirantes que tentavam invadir a região. Em 1591, com indícios de metais preciosos na região, nova expedição com 360 homens parte da fazenda de D. Francisco de Souza. Anos depois, o governador-geral Mem de Sá ordenou em documento a destruição de mais de cento e sessenta aldeias indígenas da região. Das margens do rio Jaguaribe ao rio Paraguaçu, até a serra do Orobó, os Maracás entraram em confronto com os bandeirantes. Nesse confronto, milhares de indígenas foram mortos (cerca de 20 mil), escravizados e outros foram assimilados e catequizados pelos portugueses.

Milhares de aborícolos (Indigenas) foram mortos e escravizados para trabalharem nas fazendas dos colonos lusitanos. Outros milhares foram assimilados pela aculturação, porém outros tantos sucumbiam aos resultados do sistema para o qual não foram afeitos e não se adaptaram [...] (PEDREIRA, 2019.p.37)

A guerra colonial e anticolonial na região de Itaberaba entre os índios Maracás e a administração colonial se desenvolveu com batalhas em que ambos venceram em determinado momento. No entanto, em função do poder bélico dos portugueses, os Maracás foram mortos, escravizados ou afastados da região. Utilizaram várias táticas, inclusive colocar tribos contra as outras. As guerras duraram até o final do século XVII, quando a administração colonial decidiu exterminar a resistência Maracás. O interesse implacável de Portugal no ouro e nas terras

configurou cultura da cidade. O poder dos donos de terras perdurou até os dias atuais. O mesmo tempo, a identidade da cidade tem o componente indígena (hoje pardo na categorização racial). Assim, as classes populares incorporaram a formas de ser indígenas nas suas práticas de vida. (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

Estes ameríngos (indígenas) vencidos muitas vezes em diversas refregas (batalhas), ainda assim não deram tréguas aos conquistadores e durante todo século XVII fizeram muitos assaltos e, irredutíveis, avançavam, vez por outra, devastando fazendas, engenhos e povoações (PEDREIRA, 2019.p.41)

Nesse processo de guerra permanente, entre os territórios do rio Paraguaçu e Jacuípe, as vitórias dos povos originários da região ameaçaram a interiorização da colonização. Assim, a administração colonial decidiu contratar bandeirantes paulistas para combatê-los. Em 1657, uma nova expedição na serra do Orobó foi realizada e se construiu uma casa-forte (base militar) comandada pelo sargento-mor Pedro Gomes França. A serra do Orobó tem uma visão panorâmica da região, onde os indígenas anteriormente tinham aldeias; e posteriormente iria se constituir o quilombo do Orobó, base de resistência negra.

Por volta de 1673, depois de batalhas, traições e emboscadas, aldeias inteiras foram destruídas, muitos indígenas mortos, escravizados e muitos migraram pra floresta atlântica na região sul da Bahia. Depois que o processo colonizador venceu os indígenas da região, há o surgimento de arraiais e vilas. Esse processo se desenvolve, ao mesmo tempo, quando negros escravizados trazidos de África vem para região. Porém novas guerras foram realizadas. E negro passou a fazer parte da constituição do povo itaberabense (PEDREIRA, 2019).

No final do século XVII e início do século XVIII surgem os Quilombos na região de Itaberaba. Os quilombos consistiam em lugares escondidos nas matas, com estratégia de resistência negra a escravidão portuguesa no Brasil. O quilombo de Palmares se desenvolveu como o mais importante polo de resistência a escravidão no país. Entre a região de Alagoas, Pernambuco e Bahia de hoje, se construiu no final do século XVI e durou 100 anos. Na Bahia surge, os mais importantes: quilombo do Cabula e quilombo do Orobó. O quilombo do Orobó surge da reação negra a escravidão nas fazendas na região de Itaberaba. Ainda, surgem na região, os

quilombos de Andaraí e de Tupim, todos na região que vai de Itaberaba ao início da chapada Diamantina. Surgem batalhas dos colonos contra os quilombos que vão desembocar na destruição destes. Mas o componente negro passou a constituir um componente fundamental da cidade de Itaberaba (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

Os quilombos do Orobó e Andaraí chegar a ser de tal ponto temidos que o Ministro de Estado, Dom Rodrigo de Souza Coutinho, Conde de Linhares, em 23 de setembro de 1786, havia escrito, ao então Governador da Bahia, Capitão-general D. Fernando José Portugal solicitando informações sobre os mesmos mocambos (PEDREIRA, 2019.p.45)

As guerras quilombolas do Orobó, Andaraí e Tupim duraram décadas na região de Itaberaba e parte da Chapada Diamantina. A Coroa portuguesa e a administração colonial faziam expedições para destruí-los e, em contrapartida, os quilombolas atacavam propriedades e expropriavam dos senhores de terras. Nesse contexto já havia alguns povoados, cujo a sociabilidade se estruturava a partir de fazenda e das igrejas. Sem dúvida, o quilombo da serra do Orobó era o mais importante e mais estruturado deles. Havia muita preocupação dos senhores de terras em relação a eles. A resistência negra dos quilombos era de tal organização para não aceitar a escravização pelos colonizadores, que as demandas pela destruição deles foi realiza pelo governador em Salvador. Dessa forma foi enviado uma expedição para acabar com a experiência dos quilombos da região de Itaberaba.

Ato contínuo rumou para Salvador onde nomeou, por portaria, seu filho Bento José Pereira, cabo e comandante, com instruções para o ataque, o que fez dirigindo-se em dezembro do mesmo ano para zona do Orobó, destruindo este e o quilombo de Andaraí (e o Tupim), além de prender treze escravos entre adultos e crianças e de entregar aos seus antigos senhores [...] (PEDREIRA, 2019, p.47)

A interiorização do processo colonizador no Brasil destruiu qualquer tentativa de resistência ao seu projeto. A liberdade indígena e negra era ameaça para os colonizadores brancos. Dessa forma, se construiu uma estrutura militar para acabar com as experiências de resistência negra dos quilombos à escravidão e a morte. Em 1796 a administração colonial ordenou por decreto a extinção dos quilombos e enviou uma expedição para elimina-los. Em 1797, os quilombos foram destruídos e o Senado

da Câmara da vila de Cachoeira documentou a destruição dos quilombos, enviando para o Governador um atestado de destruição dos quilombos Orobó e Andaraí. Portanto, um importante quilombo do Orobó, onde havia convivência livre entre seus pares, com propriedade comum e culto aos seus orixás, foi devastado pela voracidade colonial. Porém, como disse antes, a presença e contribuição negra na região se fez até os dias atuais e explica a cultura e a identidade da cidade de Itaberaba (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

#### **4.2. Transformações político-institucionais de Itaberaba no contexto de formação da cidade**

A cidade de Itaberaba surge como uma consequência do processo de interiorização da colonização, em que a mineração e o gado deram base para sua formação (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019). As guerras contra os índios da região e os negros quilombolas para sua escravização pelos portugueses, desembocou na formação de fazendas e vilas principalmente sob a dominação dos brancos ricos. As terras da região passaram de famílias ricas de colonos descendentes de portugueses para outras: dominação hereditária dos senhores de terras. Os núcleos populacionais formados tiveram a Igreja Católica como religião e base ideológica de justificação da escravidão e da vida colonial. Um destes núcleos populacionais foi a fazenda São Simão, que se “desenvolveu” para arraial e, posteriormente para vila e cidade.

Essa fazenda teve como polo aglutinador uma pequena igreja que mais tarde cresceu e mobilizou muitos adeptos: a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Cada vez mais pessoas passaram a se reunir para frequentar a Igreja. A militarização teve uma presença forte no processo de institucionalização do poder, principalmente depois da instauração da República: vários capitães e sargentos foram prefeitos e vereadores na cidade. As presenças de descendentes indígenas e africanos, junto com poucos brancos (ricos e classe média alta), passaram a ser a síntese da formação racial e social da cidade. A estrutura oligárquica do poder perdurou nos governos Vargas, na Ditadura militar e nos dias atuais, mesmo com hegemonia do PT no nordeste. Assim, a formação da cidade e sua institucionalização republicana consistiu num processo do início até o final do século XX, e sobrevive no XXI, apesar de

mudanças importantes com a chegada do PT no poder (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

As terras da região de Itaberaba passaram por disputas entre a classe proprietária, os senhores de terras e escravos, e acabou nas mãos de Antônio Guedes de Brito no final do século XVIII. Seus filhos herdaram seus bens e negociaram, passando por vários proprietários. Uma parte destas terras foi comprada pelo senhor de terras e capitão Manuel Rodrigues Cajado, o qual denominou fazenda São Simão. Esse é o embrião da cidade de Itaberaba. Mas antes, Cajado vendeu para Pedro Dias Carvalho que vendeu, em 1809, para Antônio Figueiredo Mascarenhas. Este construiu no seio da fazenda uma Casa de oração denominada Nossa Senhora do Rosário. A partir daí, formou-se em função da capela, em 1817, um pequeno conjunto de moradores, cerca de dez a quinze casas ou famílias. Ficou conhecida como Rosário do Orobó, a qual pertencia a vila ou povoado de Nossa Senhora do Rosário do Porto de Cachoeira. Dessa forma, através de vendas, doações e posses herdadas, o povoado foi cada vez ficando mais numeroso, tendo como núcleo de aglutinação a casa de oração (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

O povoado cresceu em razão daquela devoção e recebeu honras de freguesia e distrito de paz Nossa Senhora do Orobó, através da resolução nº 195, de 18 de maio de 1843, antes congregada freguesia de Comissão, possuindo, então, cerca de vinte domicílios em torno da matriz, e contando com uma população de cem almas (habitantes) (PEDREIRA, 2019.p.50)

O desenvolvimento conservador da região de Itaberaba, mediado pelo poder do senhor de terras e escravos Antônio de Figueiredo Mascarenhas, possibilitou o crescimento e simbologia de um lugar de moradia (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019). E pessoas de diversas origens passaram a viver na freguesia ou povoado: descendentes de índios e negros, negros escravos, e brancos ricos e pobres. Em 1877, freguesia Nossa Senhora do Orobó, que anteriormente fazia parte da Região de Feira de Santana, avançou em sua institucionalização e passou a denominar Vila do Orobó. No ano de 1890, a vila teve sua comarca reconhecida, em função da ampliação da população que nela vivia. Mas é somente em 1897 que a Vila do Orobó passou a categoria de cidade e passou a se chamar Itaberaba (Pedra que brilha). Esse processo é consequência também da instauração da República enquanto regime político e suas institucionalidades.

A cultura popular sertaneja, principalmente negra e indígena, que se desenvolveu durante o processo de povoamento e institucionalização de Itaberaba é riquíssima. A cultura da vaquejada se inventou e se reinventou na região. A vida religiosa plural se desenvolveu, apesar da opressão colonizadora da religião dominante sob religiões de matriz afro: práticas e igrejas católicas. Apesar das desigualdades as classes trabalhadoras da cidade constituíram uma cultura sertaneja ligado ao gado, a terra a água. Surgiram o aguadeiro (pessoas que abasteciam a cidade com água), as lavadeiras, os carregadores, os garimpeiros, o pescador, o tropeiro e o vaqueiro. Todos frutos da reinvenção socioeconômica e cultural do lugar. O vaqueiro é um símbolo importantíssimo para cultura local, pois é a reinvenção cultural do homem colonizado. Todo 20 de outubro se comemora o dia do vaqueiro na cidade, com uma passeata de cavalo, a partir de uma lenda do vaqueiro (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

A vida religiosa plural resistiu na cidade, apesar da dominação católica e a demonização das religiões não brancas. Os católicos sempre estiveram desde a fundação da vila. Porém, o mais relevante a permanência, apesar de toda violência, dos terreiros de candomblé e umbanda até os dias atuais. O dia de Santo Reis também é uma celebração importante do município, mobilizando muitas pessoas em seus rituais. Dessa forma, a cultura e a identidade da cidade é fruto da invenção colonizadora e da reinvenção popular, negra e indígena, que permanece nos traços culturais itaberabenses. O paternalismo do senhor de terras e escravos (que se transformou em oligarquia rural), a consciência católica e os a cultura popular não branca formam esse paradoxo cultural, que persiste e se traduz em consciência política das pessoas da cidade (TADEU, 2014; PEDREIRA, 2019).

A regime Republicano instaurado no Brasil implicou na redefinição da região de Itaberaba, da categoria de vila à cidade. Os processos institucionais próprios das relações político-institucionais republicanas da sociedade capitalista europeia, incidiu sobre o país, em função da nova forma de relações produção e de exercício do poder a nível global. A força de trabalho passava de escravidão para trabalho assalariado. A monarquia dava lugar a o Estado com os três poderes como conhecemos hoje. Ouve uma revolução burguesa no Brasil, mas débil, incompleta e excludente, próprio de um capitalismo dependente e colonizado: muitos oligarcas rurais se transformaram em empresários, porém com uma mentalidade colonialista

permaneceu (FERNANDES, 1974). Dessa maneira, Itaberaba permaneceu agrária e oligárquica e incorporou estas instituições e em 1880 se instaurou a primeira Câmara Municipal, elegendo sete vereadores. Assim, o processo de institucionalização da cidade se deu paulatinamente e tem uma grande presença de militares nestes cargos

A Câmara exercia as funções legislativa e executiva e o seu presidente era o representante do órgão executivo. A Junta Municipal era eleita entre os vereadores, formada de um juiz municipal e dois mesários. A primeira eleição dos seus membros ocorreu em 20 de abril de 1880 (PEDREIRA, 2019.p.111)

Dessa forma, as transformações político-institucionais da cidade de Itaberaba acompanharam as transformações nacionais republicanas no âmbito da política. Surgiram hierarquias institucionais que organizaram a nova ordem econômica-social, o capitalismo, tendo no seu nível local a expressão, distorcida e incompleta, as instituições da modernidade europeia, conduzindo a política reprodução da dominação oligárquica local. As famílias com posses de terras, imóveis e dinheiro se alternavam no poder local, tendo influencia preponderante as disputas políticas estaduais e nacionais. Diante disso, a influência do carlismo na figura de Antônio Carlos Magalhães (ACM) e da família Mascarenhas na cidade são exemplos da oligarquização da política municipal.

#### **4.3. Política de Itaberaba no século XXI: eleições municipais e presidenciais**

A política itaberabense se desenvolveu ao longo dessas últimas três décadas através de fatores internos locais e, ao mesmo tempo, por influência do que acontece nacionalmente. Disputas internas dos grupos sociais e políticos que se desenvolveram, e tem sua dinâmica própria da cultura política local. E a incidência das polarizações políticas nacionais, com grandes coalizões políticas, pós redemocratização, tem tido um peso muito grande na cidade. Ao passo, que esses dois níveis, tendo dinâmicas próprias, é também condicionado pelo que aconteceu (e acontece) nas disputas no âmbito da política estadual. Esse movimento, evidentemente, tem a ver com a hegemonia política de Antônio Carlos Magalhães durante décadas na Bahia. Essa hegemonia data desde a década de 1980 e dura até

os dias atuais, porém com muito menos força sobre comando do seu neto ACM Neto. A força política foi denominada por cientistas sociais e historiadores de Carlismo.

A nível nacional, tudo indica que a adesão dos candidatos presidenciais e seus resultados na cidade de Itaberaba, foram consequência, sobretudo, das articulações a nível estadual. O carlismo comandava a região até sua crise e ascensão nacional do PT. Com a eleição de Jaques Wagner em 2006 o PT consolida seu eleitorado na cidade, a nível federal e estadual, num padrão acima de 70% (TSE). Do ponto de vista interno, a dobradinha de Linésio Bastos e seu pupilo Miguel Brito tiveram quatro mandatos ligados ao PMDB, mas também ao carlismo. A hegemonia da família Mascarenhas, iniciada pela construção da riqueza do patriarca João Mascarenhas, se configurou desde o início dos anos 2000 até os dias atuais. Jadiel Mascarenhas iniciou esse processo, seguido de seu irmão João Filho Mascarenhas e atualmente Ricardo Mascarenhas.

O Carlismo enquanto força política, econômica e cultural emerge num contexto de uma outra corrente política que dominava a política baiana e na cidade de Itaberaba nos anos 1930 e 1950: o juracismo (DANTAS, 2006; TEIXEIRA, 2010). Juracy Magalhães foi um político liberal baiano de grande expressão, que passou a ser um rearticulador na Bahia após a ascensão do Getúlio Vargas ao poder, através de um golpe de estado, em 1930. Dessa maneira, Juracy foi denominado interventor ou intendente na Bahia da política Varguista. As elites baianas não apoiaram Vargas durante o golpe e a tarefa de Juracy consistiu em aglutinar e realinhar as forças em favor do novo presidente. É dessa maneira que a força política estadual condiciona de maneira contundente os municípios. A influência de Juracy foi importante na região de Itaberaba, durante o governo do prefeito o engenheiro Delsuc Moscoso de Oliveira, que o açude inaugurado recebeu seu nome. Em 1933 Itaberaba inaugura a nova barragem com a presença do próprio Juracy:

Inaugurado no dia 14 de janeiro de 1933, a Barragem do Açude Público Juracy Magalhães Júnior começou a ser construído no ano de 1932. Recebeu o nome para homenagear o político Juracy Magalhães Júnior. (JORNAL ITABERABA NOTÍCIAS, 2013)

O episódio da nomeação de Barragem em Itaberaba, com o nome do intendente estadual varguista Juracy Magalhães, demonstra o jogo de alianças e conflitos das oligarquias estaduais. Tudo indica que as elites de Itaberaba estiveram associada de forma subordinada às alianças ligadas ao poder estadual, submetida a outras elites dentro do estado com mais força. Com o rompimento da aliança de Juracy com Vargas em 1937, o juracismo ganha força fazendo oposição a Vargas e se articulando com outras forças políticas: ACM e Luiz Viana Filho (DANTAS, 2006). ACM surge na política baiana e nacional com apoio de Juracy e logo ganha força e prestígio das elites baianas. A chegada da Petrobrás em Salvador, as aspirações das elites baianas em realizar uma renovação econômica e política no estado, e o golpe militar abriram possibilidades de ACM ascender e desafiar o poder do juracismo no estado. A implicação dessas situações conjunturais leva ACM a ter apoio dos militares e construir o que um modelo político, apoiado pela maioria das elites baianas, denominado pelo cientista político Paulo Fabio Dantas, de “modernização conservadora”.

Mas os agentes locais da modernização conservadora baiana só aderiram ao golpe na segunda metade de 1963 e à idéia de institucionalizar um regime autoritário, ao final do governo Castelo (1964-67). Tal cronograma guardou sintonia fina com a maior parte do campo político liberal brasileiro, sinal de que o projeto de modernização regional transcendia o ambiente paroquial (DANTAS, 2006. p.9)

A hegemonia Carlista sob o comando de ACM na política estadual e grande influência na política nacional emergem com mais força, em termos de projeto de dominação política, nos anos 1970 e teve o seu apogeu nos anos 1990, quando entra em crise no final desta década (DANTAS, 2006). Antônio Carlos Magalhães foi potencializado pelos instrumentos da ditadura militar após o golpe, sendo ministro das comunicações em um dos governos. A crise de hegemonia do carlismo e do poder de ACM consistiu, dentre outros fatores, com a ascensão do Partido dos Trabalhadores nacionalmente em 2002 e a eleição de Jaques Wagner no estado da Bahia em 2006. A modernização conservadora atravessou esse período em função da sólida coalizão política e das aspirações industriais e modernizantes das oligarquias da Bahia; na tentativa de suprimir a inferioridade industrial em relação ao sul e sudeste do país (DANTAS, 2006). Do ponto de vista da democracia, o carlismo construiu uma estrutura

burocrática, partidária e midiática que permitiu a continuidade no poder, articulando as forças aliadas (DANTAS, 2006; TEIXEIRA, 2010).

Esses grupos passaram a atuar em contexto compatível com a adoção da perspectiva política que Santos (1998) chamou de *autoritarismo instrumental* (DANTAS, 2006.p.9)

As forças oposicionistas eram reprimidas pelo carlismo por esta infraestrutura política, de forma que não conseguiam ampliar seu poder político de forma significativa. E essa repressão se associava a ideia de “baianidade” que ACM adotou e difundiu na Bahia e nacionalmente, como uma ideologia em que estado ou uma comunidade baiana vive sem conflitos sociais, raciais e religiosos de um povo amável, cortês e hospitaleiro. Portanto, a “baianidade” como um mito político carlista, permitia anestesiá-la a população no sentido de negar a oposição política, criando uma mitologia em torno de ACM como difusor e protetor dessa “baianidade”. Isso permitiu a utilização da máquina do estado e da prefeitura de Salvador como aparato de desestabilização da oposição, que por muito tempo foi os jurascistas e o setor ligado a Luiz Viana Filho (DANTAS, 2006; TEIXEIRA, 2010).

O apoio das oligarquias locais que o carlismo aglutinava, em torno do comando de ACM, na década de 1990, era expressivo no interior da Bahia (DANTAS, 2006; TEIXEIRA, 2010). Segundo o jornal local Gazeta do Povo, a capacidade de reunir interesses das elites de diversos municípios era tal que, em 2002 ACM tinha apoio de mais de 300 prefeitos ligados ao PFL (GAZETA DO POVO, 2002). Dessa forma, ACM tinha tentáculos em várias regiões da Bahia, inclusive na região centro-oeste onde se localiza a cidade de Itaberaba. A ligação que as elites itaberabenses dominantes tinham com ACM eram sólidas, mesmo o vencedor no município não sendo seu candidato.

Como este trabalho visa descrever a política de Itaberaba e a identidade sociopolítica dos eleitores nas eleições estaduais e presidenciais, sobretudo nas eleições de 2018, não farei um retrospecto da formação sociopolítica do século XX. A descrição da evolução da política itaberabense que farei, terá como ponto o final dos anos 1990 e início dos anos 2000. A hegemonia da família Mascarenhas na política de Itaberaba hoje consiste num desdobramento das disputas das elites locais pelo

domínio da cidade e das eleições. O candidato eleito pela segunda vez Josenildo Miguel Brito para prefeitura de Itaberaba, fruto de sua relação com o prefeito anterior, Linésio Bastos, disputa no início dos anos 2000 com o primeiro candidato da família Mascarenhas, Jadiel Mascarenhas (PEDREIRA, 2019). Um candidato opositor contemporâneo de Miguel Britto, Dr. Washington Neves começou a aparecer na cena política disputando a eleição e perdendo para Miguel Britto em 1996. Porém Washington veio a ser prefeito posteriormente por dois mandatos tendo uma administração desastrosa.

Em 2000, foi eleito para prefeito da cidade de Itaberaba o primeiro membro da família Mascarenhas, Jadiel Mascarenhas, herdeiro do empresário e parte importante da elite local: João Mascarenhas. A partir daí a família Mascarenhas obteve hegemonia política na cidade, elegendo outros membros da família. Apesar do prefeito Washington Neves ter governado por quatro anos, entre governos dos Mascarenhas, estes tiveram força social na cidade para eleger seus candidatos. João Almeida Mascarenhas Filho o “João Filho” disputou o pleito de 2008, sendo candidato de seu irmão Jadiel Mascarenhas, foi eleito através de uma medida judicial no STF. Nesse processo o candidato Solon Ribeiro ganhou nas urnas, porém foi destituído após seis meses. Nesse contexto, João Filho assume o mandato, governa sob hegemonia na câmara de vereadores, rompeu com seu irmão Jadiel Mascarenhas, criando condições para a reeleição, o que acontece em 2012. Governando até 2016, João Filho constrói seu sucessor para disputa da eleição de 2016 contra o candidato Leonardo Moscoso: o seu sobrinho Ricardo Mascarenhas, filho de Jadiel Mascarenhas. A eleição acontece e Ricardo é eleito e permanece governando a cidade.

O prefeito eleito duas vezes em Itaberaba, Miguel Britto, é um produto das disputas municipais passadas, ainda no período da ditadura militar (CALMON, 1997). O governo de Josenildo Miguel Britto teve alguns avanços nas áreas de educação e saúde, e enfrentou diversos embates políticos na câmara. Apesar de não ser candidato de ACM, tinha conexões com o carlismo e o governo estadual. A ascensão de Miguel Britto à prefeitura de Itaberaba é uma consequência de disputas entre seu mentor político, Linésio Bastos. Linésio se lançou a candidato a prefeito em 1976 pelo MDB contra o candidato Antônio de Andrade Santos, o “Bodinho” do partido

ARENA (partido da Ditadura). Bodinho era apoiado por ACM na cidade e acabou ganhando a eleição neste ano.

Enfrentaram-se neste pleito (1976) o candidato do da ARENA, o senhor Antônio de Andrade Santos (Bodinho), de grande expressão política na cidade e o ilustre desconhecido no meio político, o senhor Linésio Bastos de Santana pelo MDB. Foi uma eleição agitada e cheio de esperanças para os partidários do PMDM, antigo MDB. Muitas apostas foram feitas pelos simpatizantes dos dois políticos, mas para tristeza dos emedebistas que venceu as eleições foi o candidato do ARENA (CALMON, 1997.p.50)

O governo de Bodinho na cidade vai até 1982 e Linésio Bastos está na disputa das novas eleições municipais. Enquanto isso, a influência de ACM na região e na cidade se expressa na inauguração do bairro da “Urbis”, no qual compareceu com o prefeito Bodinho. Foi inaugurado o em seu governo também o ginásio de esportes da cidade “Rafael Souza de Oliveira”. Durante a campanha as eleições de 1982, Bodinho lança seu candidato Gilberto Cincurá: o “Beto Cincurá”. O candidato opositor do PMDB continuou sendo Linésio Bastos e seu vice Solon Ribeiro, que ganham as eleições municipais desse ano. Dessa forma, o candidato de ACM e da família Cincurá foi derrotado. Os Cincurá tinham domínio político há pelo menos trinta anos (CALMON, 1997). O governo Linésio teve um avanço na educação, construindo escolas e salas de aula na zona rural e na cidade, algumas creches na cidade, redes de esgoto e calçamento nas ruas e periferias da cidade (CALMON, 1997). Miguel Britto era secretário de Linésio e foi oficializado a concorrer as próximas eleições de 1988, contra o candidato do PFL e seu opositor, Bodinho. O candidato do PMDB Josenilto Miguel Britto ganha a eleição.

O primeiro governo de Miguel Britto teve alguns avanços educacionais, na saúde e em infraestrutura na cidade. No final de seu governo, o PMDB relança o antigo prefeito e mentor de Miguel Britto: Linésio Bastos para tentar mais quatro anos. No governo de Miguel Britto, este ampliou a capacidade do Instituto de Educação “Carlos Santana”, uma escola de primeiro e segundo grau, e estruturou a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) neste espaço. Foi construído o Estádio da Primavera, uma arena de futebol para lazer. E também em seu governo foi construído o cemitério “Recanto da Paz Eterna”. As eleições de 1992 foram tensas, tendo os candidatos Beto Cincurá da coligação PFL-PPB contra Linésio Bastos do PMDB. Linésio Bastos mais

uma vez ganha as eleições em 1992 (CALMON, 1997). A segunda gestão de Linésio teve uma baixa popularidade pois não correspondeu aos “feitos” da administração anterior: teve bastante crítica da sociedade itaberabense, como mostra Ana Calmon. Em seguida, a eleição de 1996 se constituiu em uma disputa tensa com diversos atores antigos e novos na política local.

Concorreu também neste pleito, outro médico de exímia competência Dr. Washington Neves com o Sr. Elias Santana como vice. D. Maria com seu vice Manoelito pelo PT e o Sr. Josenildo Miguel Brito com seu vice Dr. Delsuc Moscoso pela coligação POR AMOR A ITABERABA (PSDB, PPS, PDT, PPB, PSB) o qual obteve um grande apoio de Luis de Souza Oliveira (ex-vereador em várias gestões e famoso político itaberabense), do Sr. Carlos Cincurá de Andrade do PDT, dos dissidentes do PFL e também do PMDB (CALMON, 1997.p.52)

Na eleição de 1996, ocupa novamente a cadeira de prefeito da cidade de Itaberaba Miguel Brito. Seu segundo governo consistiu em uma semelhança com o primeiro governo, tendo algumas preocupações com escolas e infraestrutura das ruas da cidade, porém sem o mesmo desempenho do primeiro governo. Em 1998, Fernando Henrique Cardoso se elege pela segunda vez presidente da república, tendo na cidade 9.095 votos, cerca de 52% dos votos, enquanto Lula teve 5.638, com 32,6% dos votos na cidade de Itaberaba. Isso mostra a força do campo neoliberal representado pelo PSDB, tendo o PMDB como aliado (partido do prefeito daquele período). Nesta mesma eleição, no caso da disputa pelo governo estadual, o carlista Cesar Borges do PFL foi eleito e teve 10.016 votos, com cerca de 70% dos votos na cidade de Itaberaba, enquanto João Carneiro Durval do PDT teve 1.971, 13,920% e o candidato do PT Jose Eduardo Vieira Ribeiro com 1.849 e 13,059 % do total de votos (TSE, eleições 1998). Desse modo, percebe-se que o cenário político itaberabense desse período que precede a hegemonia política da família Mascarenhas que dura até os dias atuais.

Na minha visão, compreender a ascensão e hegemonia política da família Mascarenhas na cidade de Itaberaba, a partir de seu primeiro prefeito, Jadiel Mascarenhas, é preciso compreender um pouco a vida do patriarca da família João Almeida Mascarenhas. Sem dúvida, as candidaturas e eleições dos quadros da família Mascarenhas tem a ver com seu poder econômico e social na cidade, o qual deriva

da riqueza construída pela família. João Almeida Mascarenhas foi um empresário da cidade de Itaberaba, nascido numa fazenda em Ipirá em 1926, como mostra em sua biografia escrita pelo seu neto (NETO, 2014). Se trata de uma biografia com teor meritocrático e romântico da vida de João. Logo quando criança veio morar com sua família em Itaíba, município de Itaberaba. De origem popular, veio a trabalhar como açougueiro, pedreiro, mestre de obras, motorista de caminhão de carga. Mas foi com compra e venda de mamona que criou patrimônio, fato que misteriosamente aconteceu, dado a complexa e difícil capacidade de mobilidade social dos trabalhadores brasileiros.

A partir daí as coisas tornaram-se mais difíceis. João Mascarenhas passou a comprar e revender mamona, fase em que conseguiu juntar bastante dinheiro. Nestas três atividades – construção civil, frete de cargas e comércio – Mascarenhas trabalhou por muito tempo até conseguir um patrimônio de quase 80% de toda zona urbana de Itaberaba. (NETO, 2014.p.22)

Desse modo, João Mascarenhas se torna um empresário de muito poder econômico na cidade, saindo da posição de pedreiro a um patrimônio incomensurável (NETO, 2014). Seu patrimônio era muito diverso incluindo hotéis (Hotel da Bahia), terras (fazendas e loteamentos urbanos), gado, cinema (Cine Bahia), postos de gasolina supermercados, lojas de móveis e eletrodomésticos (Supermercado Bahia), armazéns, lanchonetes, fabrica de moveis (Serraria), distribuidora de cerveja etc. (NETO, 2014). Era um grande poder econômico grande para uma cidade do interior. Ele teve, conseqüentemente, influência política na cidade. Na eleição de 1962 se candidatou e se elegeu para vereador da cidade. No governo de Linésio Bastos ganhou homenagem, tendo uma escola inaugurada com seu nome “Escola Municipal João Almeida Mascarenhas”. Recebeu também o título de Cidadão Itaberabense da Câmara Municipal de Itaberaba em 26 de março de 1988 (NETO, 2014). Na década de 1990 foi assassinado de forma misteriosa e não se sabe ao certo o que aconteceu e quem o fez.

A família Mascarenhas herdou o patrimônio econômico e de certa forma o capital político do João Mascarenhas. Seu filho mais velho Jadiel Mascarenhas inicia a hegemonia política da família na cidade, apesar de ter tido um governo de oposição

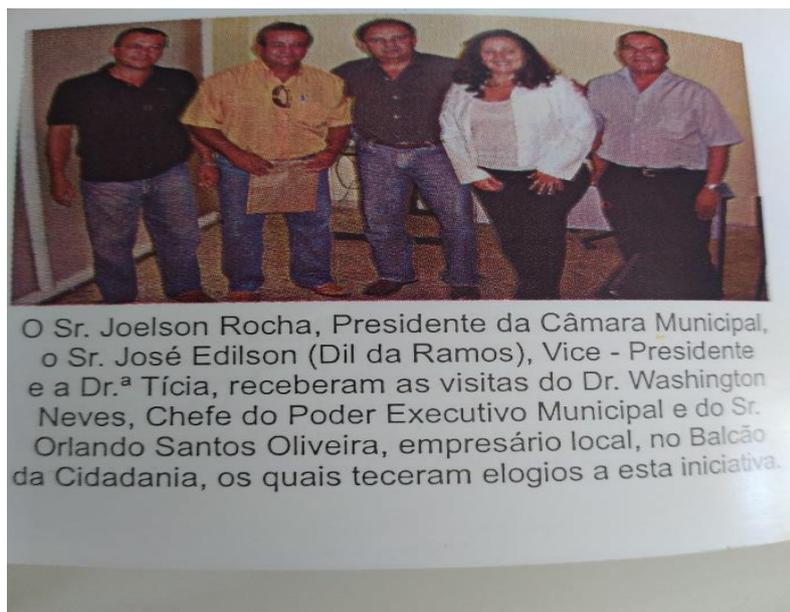
durante esse processo, representado pelo Dr. Washington. Dos anos 2000 até os dias atuais os Mascarenhas são imbatíveis na cidade, mesmo tendo rachas familiares em função da política. Os governos representados por Jadiel Mascarenhas, João Almeida Mascarenhas Filho e Ricardo Mascarenhas expressam essa hegemonia. O começo foi com Jadiel que assume o capital político do pai e se lança candidato à prefeitura de Itaberaba nas eleições 2000 contra Miguel Britto, já prefeito em dois mandatos.

A eleição dos municípios do ano de 2000 consistiu numa disputa muito acirrada entre os candidatos, marcando uma oposição a Jadiel Mascarenhas, representado pelo Dr. Washington Neves. O candidato e prefeito do mandato anterior Miguel Britto perde força e fica em terceiro lugar. Jadiel Mascarenhas ganha as eleições de forma apertada e faz um governo contraditório do ponto de vista das suas intenções. A eleição consistiu na vitória de Jadiel numa diferença de menos de cem votos em relação a Dr. Washington. Segundo o TSE, Jadiel do PSL teve 9.815 votos, com cerca de 35,399% dos votos na cidade. A coligação PSL, PMDB, PPB, PTB, PV apoiou Jadiel. Já o Dr. Washington Neves do PFL teve 9.732 votos, com 35,099%. Seu apoio veio da coligação entre PFL, PT do B, PL, PSC (TSE). Dessa forma, Jadiel Mascarenhas inicia a hegemonia dos Mascarenhas na cidade, apoiado pelos interesses da elite agrária do abacaxi, da agropecuária e serviços da cidade.



O empresário do setor de móveis Jadiel Mascarenhas ganhando a eleição de 2000, governa até 2004 apoiado pelo carlismo, tendo uma prática política ambígua nesse período. Com ascensão do PT nacionalmente e depois no nível estadual, as alianças se transformam. Jadiel foi um prefeito que teve adesão de parte significativa da população; em sua política realizou a construção e reforma de algumas escolas e realizou uma grande conquista para a cidade: a indústria de calçados. A implantação da indústria DASS de origem chinesa gerou cerca de 2000 postos de trabalho (GAZETA DO VALE, 2002). Realmente foi uma conquista importante para cidade, dada a falta de postos de trabalho para a grande população que têm. Na eleição de 2002 para presidente e governador, Jadiel apoia (e é apoiado) por ACM e dão seu apoio no primeiro turno a Ciro Gomes a nível federal e Paulo Souto a nível estadual. A foto acima é emblemática: Jadiel no meio, Ciro à esquerda e ACM à direita. No segundo turno, Jadiel seguindo ACM apoiam Lula contra o candidato de FHC e do PSDB José Serra (GAZETA DO VALE, 2002).

A votação presidencial na cidade de Itaberaba consistiu em uma vitória significativa de Lula. O candidato do PT teve 17.267 de votos, sendo 66,650%. O candidato do PSDB, José Serra teve 8.640 votos e 33,350% na cidade. Sem dúvida a influência do carlismo e de Jadiel tiveram peso nessa votação na cidade (TSE). No nível estadual, Paulo Souto do PFL, que foi eleito, ganha em Itaberaba com 11.871 votos, com a porcentagem 49,153%; Jaques Wagner do PT teve 10.717 votos, com 44,375% na cidade (TSE). Dessa forma percebe-se o desenho político-eleitoral da cidade e as coalizões realizadas. O PT vinha ganhando a sociedade brasileira aos poucos, sendo essa votação de Wagner expressão disso; o que posteriormente há uma reconfiguração de apoio político dos prefeitos de Itaberaba aos candidatos do PT após 2006. No final da gestão de Jadiel em Itaberaba, nos meados de 2004, a Justiça Eleitoral afastou Jadiel e sua vice por corrupção, a partir de desvio de verbas e superfaturamento de dinheiro público. Em 2016, Jadiel Mascarenhas morre em um acidente de carro provocado por um assalto numa BR (Jornal Grande Bahia, 2016). No final do seu mandato, Jadiel se enfraqueceu e o Dr. Washington Neves, agora no PSDB, ganha eleição de 2004.



O Sr. Joelson Rocha, Presidente da Câmara Municipal, o Sr. José Edilson (Dil da Ramos), Vice - Presidente e a Dr.<sup>a</sup> Tícia, receberam as visitas do Dr. Washington Neves, Chefe do Poder Executivo Municipal e do Sr. Orlando Santos Oliveira, empresário local, no Balcão da Cidadania, os quais teceram elogios a esta iniciativa.

Fonte: Reviste Notícias da Câmara (julho de 2005)

Em 2004, a vitória de Dr. Washington Neves coloca um freio na hegemonia da família Mascarenhas na política de Itaberaba. Ele representou um fracasso corrupção generalizada em termos de gestão pública no município. No entanto, os Mascarenhas continuaram fortes na oposição. Washington Neves vinha sendo candidato a prefeito de Itaberaba desde a década de 1990. Na eleição de 2000, teve uma votação expressiva ficando muito próximo da vitória em relação do candidato Jadiel Mascarenhas. Washington era um médico que atuava no Hospital Regional de Itaberaba, instituição que atendia toda região da chapada diamantina. Com o tempo se inseriu no meio político com interesse de disputar o cargo executivo da cidade, inicialmente pelo PFL e depois pelo PSDB. Era apoiado pelo antigo prefeito Bodinho e pelo carlismo em nível estadual.

A vitória do Dr. Washington do PSDB na eleição de 2004, disputando com o candidato Antônio de Andrade Santos do PFL, apoiado pelos Mascarenhas foi de cerca de mil votos. Washington teve 15.062, com 48,597% dos votos, através da coalizão dos partidos PSDB / PDT / PMDB / PAN / PRP. Já Antônio Andrade teve 14.007 votos, com 45,193%, com a coalizão formada pelo PFL e PP (TSE). O governo do médico foi catastrófico para a cidade de Itaberaba, que sofreu um processo de espoliação grande de recursos públicos do município. Com o tempo foi perdendo popularidade muito rapidamente, sofrendo pressão para investir em políticas sociais

na cidade. Em 2006, na eleição presidencial, durante a gestão Washington, no qual Lula se reelegeu, o candidato do PT ganhou na cidade com ampla vitória. Lula ganha em Itaberaba com 23.272 de votos, com surpreendente 81,762%, enquanto Alckmin teve 5.191 votos, e com 18,238% (TSE). O eleitorado da cidade passa a ter uma hegemonia petista que segue até os dias atuais.

No âmbito estadual, há uma mudança estrutural na política do estado, com a crise do carlismo e ascensão nacional e estadual do PT (DANTAS, 2006). O candidato Jaques Vagner é eleito com 16.312 dos votos, com 62,426%, enquanto o candidato carlista, Paulo Souto, conseguiu 8.782 de votos, cerca de 33,609% (TSE). Dessa forma, mesmo com apoio de ACM à Washington na cidade, o candidato do PT consegue vencer com diferença significativa. Em 2006, o prefeito Washington não aplicou o mínimo de recursos na saúde e em creches na cidade, “sumindo” com o dinheiro, o que fez com que o Tribunal de Contas dos Municípios rejeitasse a suas contas e acionasse a justiça (JORNAL GRANDE BAHIA 2009).

Com sua baixa popularidade em função de sua política de espoliação do recurso público, o prefeito Washington Neves teve vários processos judiciais e desapareceu da cidade depois de ser afastado do cargo em 2006. Neste ano, a Justiça decretou sua prisão (A TARDE, 2006). Ele ficou foragido por um bom tempo até recorrer da decisão. Neste mesmo ano ele pagou fiança e escapou da prisão (ITABERABA NOTÍCIAS, 2006). Esse processo potencializou a oposição, concentrado em Jadiel Mascarenhas, o qual foi impedido de disputar eleição. Entre em cena João Filho, irmão e candidato de Jadiel, o que restaurou a hegemonia dos Mascarenhas na política da cidade.

A chegada de João Filho Mascarenhas à prefeitura de Itaberaba se deu pelo capital político que herdou de seu pai, João Mascarenhas, e de seu irmão ex-prefeito Jadiel Mascarenhas. João Filho ganha a eleição de 2008 com apoio de Jadiel, que não pôde disputar pro problemas judiciais ligado a sua gestão na prefeitura. Com João Filho a hegemonia dos Mascarenhas se mantém vivo apesar de conflitos políticos futuros no seio família. Os dois mandatos de João Mascarenhas são marcados por uma grande contradição, que envolve algumas políticas para a cidade e escândalos de corrupção e aquisição de patrimônio e dinheiro público. Os interesses que João mantém são de certa forma os mesmo que estruturalmente envolve a cidade: os empresários do abacaxi e agropecuária e empresários de serviços da

cidade. Na votação em 2008, João Filho do DEM disputou a prefeitura contra Solon Ribeiro do PV. O candidato do DEM teve 12.130 votos, cerca de 46% da cidade, enquanto Solon deteve 9.591 votos, com 36%. (TSE; ITABERABA NOTÍCIAS, 2016)

O governo de João Filho desenvolveu algumas coisas importantes para a cidade. Algumas escolas na região rural dos municípios de Itaberaba e dentro da cidade foram construídas e reformadas. Algumas ruas foram asfaltadas, praças reformadas, mas ainda medidas que não abrangeram as necessidades estruturais itaberabenses. Em 2014, João Filho se reuniu com o vice-governador e o ministro da Educação do período José Henrique Paim para a inclusão da cidade como uma das sedes da Universidade da Chapada Diamantina. Essa situação ainda não foi resolvida até hoje, porém outras cidades da região, como Seabra, tiveram sua incorporação primeiro que Itaberaba (BLOG CARLOS BRITO, 2014)

No ano de 2010, acontece as eleições presidenciais e estaduais e a cidade mantém um padrão eleitoral referente as últimas eleições. Concorreram para eleição presidencial a polarização fundamental de forças políticas desde o governo Collor, Dilma Rousseff do PT e José Serra do PSDB. Dilma foi eleita teve 19.087 de votos, com 72,715%, Serra teve 7.162 e 27,285% de votos na cidade (TSE). Esse resultado tem relação das coalizões estaduais que se desencadeiam no município. E no caso de Itaberaba, desde a primeira eleição de Wagner que o PT consegue enraizar seu eleitorado na cidade. No nível estadual, a eleição se deu em torno da disputa de Jaques Wagner do PT, tentando a reeleição e Paulo Souto do DEM. A eleição é novamente do PT: Wagner tendo 18.732, com 75,958% dos votos, e Paulo Souto teve 3.050, com 12,368% de votos na cidade de Itaberaba (TSE). Apesar de João Filho ser do DEM e depois do PP, ele fazia parte da base de apoio do governo estadual petista.

A partir de 2012, no seu segundo mandato João filho começa a ter uma série de acusações do Ministério Público da Bahia (MP) sobre corrupção e aquisição de patrimônio público do prefeito. Ao mesmo tempo, por questões desconhecidas, acontece o rompimento da aliança com seu irmão Jadiel Mascarenhas. Na eleição que acontece em 2012, João Filho já no partido PP tenta reeleição contra o candidato do PSDB Delsuc Moscoso. João Filho teve uma vitória muito expressiva com 21.988 de votos, sendo 76,112% dos votos. Delsuc teve 3.562 de votos, com 12,330% na cidade. Nesta eleição, os irmãos Mascarenhas João Filho, Jadiel Mascarenhas rompem

sua aliança e laço familiar, colocando-os como oposição política na cidade. Com o acontecido, Jadiel apoia o candidato opositor de João Filho, Delsuc Moscoso. Em ato público neste mesmo ano, Jadiel declara seu apoio a Delsuc (POLÍTICA LIVRE, 2012). Assim, nessa disputa eleitoral, o prefeito se reelege e a partir daí o seu mandato sofre uma turbulência com as acusações de corrupção realizadas pelo MP.

O prefeito João Filho Mascarenhas desde 2011 vêm sofrendo acusações das instâncias da justiça baiana, acumulando uma série de irregularidades, processos e acusações de espoliação de patrimônio público e corrupção. Em 2011, o Tribunal de contas da Bahia afirmou que o prefeito cometeu irregularidades na contratação de cooperativas de saúde para cidade, fazendo publicidade autopromocional, o que é proibido (TCM, 2011). Ainda no mesmo ano, João Filho colocou sua foto nos carnês do IPTU, procedimento proibido. A Justiça mandou recolher. O prefeito justificou que foi um "erro gráfico" (Jornal da Chapada, 2011). No ano de 2013, o Ministério Público acusou o prefeito João Filho de falsificar escrituras de imóveis públicos do município para benefício privado (Blog do Latinha, 2013). Ainda em junho de 2013, houve uma manifestação de parte da população de Itaberaba na frente da Câmara municipal, cobrando mais medidas contundentes em relação a corrupção, se referindo ao prefeito da cidade. Tendo maioria na casa legislativa a favor do prefeito, alguns vereadores fizeram um requerimento, que foi aprovado, no sentido de acelerar os julgamentos de corrupção dos gestores da cidade (BLOG DO ANDERSON, 2013). Em janeiro de 2015, o Tribunal Regional Eleitoral inocenta João filho no processo por abuso eleitoral (BNEW, 2015).



Foto: João Filho Mascarenhas no escritório da prefeitura

Uma audiência no MP em fevereiro de 2015 sobre estas escrituras falsificadas, recebeu o prefeito da cidade para relatar sua visão do caso, porém um dos seus empregados afirmou ter sido “laranja” no processo de aquisição de imóveis do município (SERTÃO BAIANO, 2015). Já em março deste ano, o programa semanal aos domingos, Fantástico, da Rede Globo de televisão, mostrou uma reportagem em que o prefeito tinha desviado dinheiro público do município. Essa reportagem teve grande repercussão na cidade (REDE GN, 2015). Já em 2017, o Tribunal de Contas dos Municípios julgou a denúncia contra o prefeito João Filho Mascarenhas por irregularidades referentes ao contrato com a Cooperativa de Profissionais do Transporte: a Transcoop. Nessa denuncia, a instância decretou que o prefeito devolvesse o valor de R\$3.528.761,27 para os cofres públicos e ainda pagar a multa de R\$50.708,00 reais (Se Liga Chapada, 2017). Dessa forma, é evidente que o prefeito se envolveu com diversos casos fraudulentos nos seus mandatos.

Entre esses processos do prefeito João Filho, a eleição presidencial e estadual de 2014 teve os candidatos Dilma Rousseff do PT tentando a reeleição contra Aécio Neves do PSDB. Na cidade de Itaberaba Dilma teve 17.390 votos, com 70,48% e Aécio teve 5.271 votos, com a porcentagem de 29,52%. No nível estadual, disputaram as eleições Rui Costa do PT enfrentando o candidato do DEM, Paulo Souto. Rui Costa ganha no primeiro turno com votação na cidade de 16.727 votos, cerca de 64,33%, enquanto Paulo Souto teve 7.878, e 30,30% de votos em Itaberaba (TSE). Uma vitória larga de Dilma e Rui Costa na cidade, mostrando um padrão de mais de 70% dos últimos períodos, e expressando a relação profunda do PT com a base social de Itaberaba, mesmo mediada por outras forças políticas de atuação municipal membro de sua base aliada do governo estadual e federal. Base aliada da qual o prefeito João Filho do PP fazia parte. A eleições municipais de 2016 na cidade de Itaberaba aconteceu através de muita disputa, com João Filho lançando seu candidato: seu sobrinho e filho do ex-prefeito Jadiel Mascarenhas, para prefeito, Ricardo Mascarenhas. Na foto abaixo, João Filho no meio, Ricardo do lado direito e a vice Maria José (JORNAL CHAPADA, 2016).



“O prefeito João Filho vai compor uma chapa de sucessão para este ano com Ricardo Mascarenhas e Maria José na vice” (Jornal da Chapada)

A eleição de 2016 foi bastante disputada no município, em relação a eleição passada, dado as “novas caras” dos candidatos, porém forças políticas antigas das elites locais. João Filho apostou em seu sobrinho Ricardo Mascarenhas pelo PSB e Delsuc Moscoso, patriarca de uma família elite da cidade, lançou seu filho Leonardo Moscoso pelo PSDB. Os números foram mais próximos em relação a última eleição, tendo o candidato Ricardo Mascarenhas eleito com 16.445 votos, sendo 55,44%. Já o candidato Leonardo Moscoso teve 11.777 votos, com 39,70%. A hegemonia dos Mascarenhas é mantida, com força política, mantendo maioria na casa legislativa do município. O novo prefeito é visto com otimismo pela população pela juventude e disposição (TSE)

Até o momento não se pode fazer uma avaliação mais cuidadosa do governo Ricardo Mascarenhas na cidade. Até agora não se anunciou medidas relevantes para a cidade e “feitos” concretos. No entanto, anunciou a reabertura do Hospital Regional junto com o governador, um hospital público fundamental para a cidade e região há anos; e que foi sucateado e fechado pelo prefeito Washington Neves. Se espera a concretização dessa medida. Na eleição presidencial de 2018, o prefeito Ricardo Mascarenhas não posicionou apoio a nenhum candidato. O PSB faz parte da base aliada do governo estadual e partido do prefeito. O que o PT da Bahia esperava, com certeza, era o apoio ao candidato Fernando Haddad do PT contra Jair Bolsonaro do PSL. Tendo em vista que a cidade tem partidários de Bolsonaro, muitos realizando eventos e fazendo carreatas desde 2017. Para o estudo que estou realizando sobre a essa base de apoio de Bolsonaro em Itaberaba, qual a quantidade

média de apoiadores bolsonaristas em Itaberaba? Quais as características da campanha e quais eventos bolsonaristas em Itaberaba? Qual as motivações para conceder seu apoio a Bolsonaro? Estas perguntas vou tentar responder pelo estudo que estou realizando na cidade.

## CAPÍTULO V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Introdução

O estudo realizado sobre a mobilização do bolsonarismo na cidade de Itaberaba demonstra fatos e fenômenos que podemos dizer que se trata de uma mobilização social e política através de uma guerra cultural. A formação das subjetividades conservadoras bolsonaristas se consistiu, como demonstram os estudos no Brasil, em um desenvolvimento paulatino, conjuntural e estrutural de um autoritarismo socioracial. As disputas políticas e as polarizações político-partidárias no Brasil na última década revelam os conflitos de raça, classe e gênero nas sociedades que atravessam a Colonialidade (QUIJANO, 2009).

Nesse contexto, a mobilização social bolsonarista no Brasil, mediante uma a uma nova tática tecnológica de multimídia de proliferação de *fake news*, colocou em prática uma guerra cultural no país como uma potencialização de aspectos da estrutura cultural do Brasil como tática política. As carreatas, eventos e entrevistas que realizei na cidade de Itaberaba demonstra. A compreensão dos dados do que ocorreu na cidade e, portanto, no país está associado a ideia de guerra cultural.

Eu defino conflito cultural muito simplesmente como hostilidade política e social enraizada em diferentes sistemas de compreensão moral. O fim para cada uma destas hostilidades tende a ser a dominação de um ethos moral e cultural sobre todos os outros. (HUNTER, 1991, p.42).

Os dados nacionais e locais da minha pesquisa demonstram a guerra cultural como uma das táticas centrais da política do bolsonarismo, estruturado por um aparato tecnológico de disparo em massa de *fake news*. Temas tabus sociais, questões raciais, sexuais, de gênero, religiosas, de segurança foram utilizadas associado a um revival ideológico do anticomunismo sendo cristalizado no antipetismo. Dessa maneira, o que foi encontrado nos dados da pesquisa aponta como uma mobilização social bolsonarista para as eleições de 2018 na cidade. Nesse sentido, a noção de mobilização social utilizada.

Esse propósito deverá estar expresso sob a forma de um horizonte atrativo, um imaginário 'convocante' que sintetize de uma forma atraente e válida os grandes objetivos que se busca alcançar. Deve expressar o sentido e a finalidade da mobilização, tocar a emoção das pessoas. Não deve ser só racional, mas ser capaz de despertar a paixão (WERNECK, 2004, p. 37).

A mobilização social no país e na cidade de Itaberaba possibilitou a constituição e subjetividades bolsonaristas. A mobilização bolsonarista pelas redes sociais e eventos constituíram sujeitos com uma "verdade paralela", através de processos de produção política da subjetividade. Como mostrou Quijano, "só os processos de subjectificação cujo sentido é o conflito em torno da exploração/dominação, constituem um processo de classificação social". Ou seja, as subjetividades são construídas no processo a partir da segunda metade da década de 2010, como mostra Solano, quando as escaladas do ódio ao progresso dos últimos anos foram construídas por forças liberais tradicionais do país (SOLANO, 2016, 2017, 2018).

Na cidade de Itaberaba, os eventos realizados pelos bolsonaristas aconteceram de forma precoce, no final de 2017, estranho à cultura política local. Surgiram inaugurações de outdoors, eventos, reuniões e carreatas no decorrer de 2018 que se constituiu em um processo de mobilização social na cidade. Um grupo que se autodenominou "Direita Chapada" realizou a coordenação destes eventos, através das redes sociais e nos próprios eventos, como de fato está em suas redes. Nos eventos, carreatas e entrevistas que realizei demonstra o caráter da Guerra Cultural como forma de mobilização social e política ter apoio político na eleição de

2018. Apareceram nas entrevistas e nos eventos as categorias: o antipetismo; a ideia de mudança\ outsider; racismo (não apareceu de forma explícita); a família nuclear cristã (família tradicional); o militarismo (como segurança pública). Dessa forma, a mobilização social por uma guerra cultural produziu subjetividades bolsonaristas que apoiaram politicamente Bolsonaro na cidade, apesar do candidato ter tido uma votação inexpressiva.

A vitória de Jair Bolsonaro nas eleições presidenciais em 2018 teve características importantes nas diversas regiões do país. Bolsonaro ganhou na maioria das regiões. Porém no Nordeste ele perdeu e teve muito menos votos diante dos números destas outras regiões onde foi vitorioso (TSE, 2018; G1, 2018). Enquanto Haddad recebeu 69,7% dos votos no Nordeste, algo equivalente a 20,3 milhões de votos; Bolsonaro teve cerca de 30,3% dos votos, que representa 8,8 milhões de votos. Em todas as outras regiões o bolsonarismo teve vitória: Norte com 51,9%, no Sudeste com 65,4%, Centro-oeste com 66,5%, e seu maior número no Sul com 68,3% dos eleitores (TSE, 2018; G1, 2018). Portanto, o Nordeste se manteve a região de hegemonia do PT e das esquerdas, onde Bolsonaro teve grandes dificuldades para ganhar força política: a Bahia configurou um exemplo dessa derrota do bolsonarismo.

A votação estadual e presidencial no estado da Bahia na eleição de 2018 expressou hegemonia do PT e de suas alianças e uma derrota significativa para o bolsonarismo. O governador Rui Costa da Bahia se reelegeu com 75,50% no primeiro turno, diante do seu principal rival, o carlista Zé Ronaldo, ex-prefeito de Feira de Santana e aliado de ACM Neto. Zé Ronaldo teve uma derrota avassaladora e teve com 22,26%. Em relação aos municípios da Bahia, Haddad teve uma vitória esmagadora em relação a Bolsonaro, vencendo 411 dos 417 municípios do estado (TSE, 2018; G1, 2018). Bolsonaro ganha em somente seis municípios, número que representa um não enraizamento do bolsonarismo no estado. Esse é o cenário que cidade de Itaberaba expressou nessas eleições.

Neste estudo que estou realizando na cidade de Itaberaba sobre os eleitores bolsonaristas, me trouxe surpresa diante da mobilização que teve uma certa expressão na cidade. Desde 2017 tiveram eventos e mobilizações destes eleitores, algo que é inédito pois não havia apoiadores na cidade e rapidamente ganhou adeptos orgânicos. Entre inauguração de outdoor e carreatas nas vésperas das eleições

mostraram o enraizamento em uma parte da sociedade itaberabense em pouco tempo, criando uma extrema direita local, que se mobiliza por uma certa organicidade dos membros e comunicação e divulgação de conteúdos pelas redes sociais. Na discussão das categorias logo mais falarei sobre os dados.

A derrota eleitoral bolsonarista foi contundente no que diz respeito a votação na cidade de Itaberaba. Expressa uma analogia com o que aconteceu no geral no estado da Bahia, mostrando a força do PT e suas alianças no interior do estado. Segundo o TSE e o site Gazeta do povo, no primeiro turno houve uma vitória expressiva de Haddad. O candidato do PT teve 61,38% de votos na cidade, o que significa 17.787 dos votos, já Bolsonaro obteve 22,11% dos votos, o que equivaleu a 6.408 dos votos. O candidato do PDT, Ciro Gomes teve 10,63%, cerca de 3.080 de votos e Geraldo Alckmin teve 2,49%, equivalente a 721 dos votos (TSE, 2018; GAZETA DO POVO, 2018).

No segundo turno da eleição presidencial, o resultado eleitoral itaberabense foi ainda mais expressivo para o candidato petista Fernando Haddad (TSE, 2018; GAZETA DO POVO, 2018). Neste turno os candidatos cresceram mais, porém, Bolsonaro não teve crescimento expressivo. O candidato do PSL teve em Itaberaba nesse turno cerca de 25,05%, com 7.473 dos votos, tendo uma média de 3% de crescimento. Haddad teve 74,95% na cidade, sendo 22.358 de votos validos, com crescimento de cerca de 12,5%. Portanto, a vitória petista nas eleições presidenciais de 2018 representou uma derrota política e social contundente e expressiva do bolsonarismo na Bahia e em Itaberaba, e demonstra o enraizamento e hegemonia do PT na região.

### **5.1. Descrição e aspectos da comunicação de massa dos eventos bolsonaristas**

Os fenômenos sociopolíticos do antipetismo e da defesa da família nuclear\patriarcal\cristã aparecem na cidade de Itaberaba com bastante incidência nos eventos realizados pelos bolsonaristas e nas entrevistas que realizei com os apoiadores de Bolsonaro. As redes sociais potencializaram a comunicação de suas representações através do grupo Movimento Direita Chapada. Este movimento teve um papel de coordenação da campanha bolsonarista na cidade, mobilizando e

difundindo as *fake news* pelas redes sociais. A pesquisa que realizei dos vídeos teve como fonte o *Facebook* “Direita Chapada”, onde estavam os vídeos dos eventos bolsonaristas da cidade registrados.

O primeiro evento dos apoiadores de Bolsonaro no município aconteceu ainda em 2017, através de uma concentração de apoiadores para inauguração de um outdoor no centro da cidade. Posteriormente, outro evento e inauguração de outro outdoor na zona rural foi realizado em julho de 2018. Eles fizeram um vídeo e divulgaram nas redes. Fizeram falas e apoiaram Bolsonaro. Em primeiro de setembro de 2018, foi realizado uma carreata na cidade, onde teve uma quantidade maior com carros de som, havendo falas de locutores. Em 30 de setembro aconteceu a maior carreata pró-Bolsonaro no município. Muitos carros de médio e alto padrão para a média do município, pessoas sem carros em pé olhando a carreata, e filmando; e carros de som e locutores entoando aspectos da plataforma bolsonarista. Portanto, houve uma coordenação de mobilizações a favor da campanha bolsonarista pelo Movimento Direita Chapada.

A primeira manifestação bolsonarista de apoio a Bolsonaro em Itaberaba, na pesquisa que realizei, talvez aconteceu em novembro de 2017. Uma manifestação incomum diante da política da cidade. Essa manifestação coletiva pró-Bolsonaro se deu por uma manifestação comum a política nos interiores: que foi a carreata. Esta manifestação ocorreu um ano antes do ano eleitoral, o que demonstra uma certa organização bolsonarista. Organização que se enraizou na cidade de forma precoce e conduziu uma série de manifestações bolsonaristas ao longo da campanha.



Fonte: Facebook Direita Chapada

Em 1 de dezembro de 2017 aconteceu uma manifestação política bolsonarista na cidade de Itaberaba, de forma muito incomum. Foi organizado pela Direita Chapada uma carreata seguida de uma inauguração de um *outdoor* numa das avenidas principais da cidade. A concentração da carreata aconteceu na AV. Flaviano Guimarães, outra avenida principal, reunindo poucos carros e pessoas (cerca de 50 pessoas, pelas fotos). Dali, seguiram com uma música ou canção de apoio a Bolsonaro, a maioria com camisa de Bolsonaro, com som alto, a caminho do lugar de inauguração do *outdoor*. Na Av. Brigadeiro Eduardo Gomes a carreata terminou e se reuniram no Clube do Sargento: clube recreativo da Polícia Militar da cidade. Ali inauguraram o *outdoor* com a foto de Bolsonaro, quase todos homens, ressaltando Bolsonaro como futuro Presidente da República.

Em 26 de julho de 2018 houve outra mobilização de um outro *outdoor* numa estrada da zona rural, zona de intersecção dos municípios de Itaberaba. No *Facebook* da Direita Chapada, os organizadores bolsonaristas divulgaram e publicaram o evento. Se reuniram, fizeram falas de apoio a Bolsonaro, colocaram uma música ou canção de apoio a Bolsonaro e fizeram um vídeo para publicar. Nesta data o canção ou música canta:

“Eu sou bolsonariano. O Nordeste se acordou e o povo está esperto, não se vende por migalha. Quem roubou tem que pagar, eu não tenho compromisso com quadrilha de petralhas” (27 segundos a 37 segundos do vídeo).

Dessa manifestação emergiram categorias para o estudo que mobilizaram o apoio a Bolsonaro nas eleições de 2018. Uma frase emblemática de um dos homens que falou no evento: “Bolsonaro representa o povo de direita, a ética, a honestidade” (53 segundos à 1 min e 12 segundos do vídeo). O canção ou a música da campanha falava “quem roubou tem que pagar”, dando o sentido da noção de corrupção generalizada pelo PT.

No mesmo evento os participantes e organizadores falavam: “campanha de graça” para Bolsonaro (27 segundos a 37 segundos do vídeo). Esta fala deu sentido de que o PT paga as pessoas para fazerem campanha, por isso são desonestos e corruptos. No momento reunidos um homem fala: “Itaberaba, Bahia e Brasil unida, por um Brasil que valorize: Deus, Pátria e família”. Dessa forma, mais

uma atividade foi realizada por esta coordenação do autodomínados “Movimento Direita Chapada” e fez parte da mobilização bolsonarista na cidade. Desse encontro o antipetismo e a defesa da família nuclear\patriarcal\cristã surgiram como categorias subjetivas.

No dia 1 de setembro de 2018, aconteceu uma carreata de primeiro turno a favor de Bolsonaro, organizado pelos bolsonaristas do Movimento Direita Chapada. Aconteceu uma mobilização da carreata a partir de um *flyer* ou *card* no *Facebook* do Direita Chapada. A carreata teve dezenas de pessoas, carros, pessoas, muito mais homens do que mulheres. Muitos apoiadores eram negros, apesar do racismo entoado por Bolsonaro. Ela se iniciou em frente da “antiga Vama” (antiga vendedora de veículos), um lugar tradicional de mobilizações bolsonaristas, em uma das avenidas principais da cidade. Na manifestação, os carros do percurso eram de médio alto valor para o nível médio dos carros da cidade. Percorreram até o centro da cidade, onde se reuniram para fazer vídeos e tirar fotos e fazer palavras de ordem. Ficaram lá por um tempo, dezenas de pessoas, entoando o nome de Bolsonaro como presidente. Acabou no final da noite.



Fonte: Facebook Direita Chapada (Carreata de 01 de setembro de 2018)

Nesta mesma data na carreata pró Bolsonaro, o *flyer* ou *card* de mobilização do evento realizado pelo Direita Chapada dizia: “Contra o Comunismo e Socialismo”. Durante a carreata os eleitores bolsonaristas falavam novamente sobre

a campanha: “campanha de graça” se referindo a desonestidade e, portando corrupção do PT diante da campanha. Numa outra parte do vídeo o primeiro homem fala: “Esse partido ‘trambiqueiro’, querem fazer do Brasil a Venezuela rapaz! ” O segundo homem responde: “Quadrilha” (em 11 min e 14 segundos até 11 min e 22 segundos). A questão da campanha era muito presente nas falas dos apoiadores bolsonaristas. Esta é uma referência e contraponto ao PT, tido no imaginário bolsonarista como partido corrupto em sua totalidade.

Neste mesmo dia, primeiro de setembro, que foi realizado a carreata em Itaberaba pró-Bolsonaro organizado pelo Movimento Direita Chapada: tinham como lemas “Em defesa da família tradicional” e “Contra o Comunismo e Socialismo” na arte do evento. No *flyer* do evento divulgado: “Em defesa da família tradicional. Na música no vídeo analisado no estudo, no refrão fala: “É 17, é 17, pela família voto 17. É 17, é 17, pela vida, é 17, é 17, contra o aborto voto 17”. As pessoas entoando o nome de Bolsonaro, enquanto a música tocava. Portanto, a referência e significado da defesa da família nuclear\patriarcal\cristã, que na subjetividade bolsonarista o PT e a esquerda querem desestabilizar, fizeram parte das falas nos vídeos.

No dia 30 de setembro ocorreu outra mobilização\carreata pró-Bolsonaro na cidade de Itaberaba. Nesse evento houve uma grande mobilização (para a cidade) construído pelo Movimento Direita Chapada, através das redes sociais, principalmente pelo Facebook. Talvez a maior carreata dos bolsonaristas na cidade. Muitos carros (como mostra o vídeo) de médio e alto padrão. Era dia, especificamente à tarde quando saíram. A mobilização da carreata teve um elemento curioso. O deputado e pastor conservador e fundamentalista Magno Malta fez um vídeo curto, chamando os apoiadores de Bolsonaro para a carreata. A carreata saiu novamente da “antiga Vama” (loja de veículos de uma das avenidas principais do município) rumo ao centro da cidade. No meio do caminho muitas pessoas paradas sem carros acompanhavam, filmavam, apoiando ou caladas.

<b>Antipetismo</b>	*No vídeo durante a carreata o locutor fala: “Não aceitaremos comunismo em nosso país” (em 1 min e 36 a 1 min e 40 do vídeo)
--------------------	--

	<p>*Logo depois no vídeo dois homens conversam. O primeiro homem que está do lado da pessoa que filma diz: “Aqui ninguém recebeu gasolina de ninguém não. Aqui foi de graça”, fazendo referência ao PT, que supostamente pagou gasolina para as pessoas na sua carreata (de 6 min e 48 até 7 min e 2 segundos).</p> <p>Fala em seguida: “Esse partido trambiqueiro, querem fazer do Brasil a Venezuela rapaz! ”</p> <p>O segundo homem responde: “Quadrilha” ( em 11 min e 14 segundos até 11 min e 22 segundos)</p>
<p><b>Família nuclear\patriarcal\cristã</b></p>	<p>*Magno Malta vídeo ele fala: “30 em Itaberaba Bahia, grande carreata pró-Jair Bolsonaro, pró Brasil, pró-bandeira, pró-hino, pró-família, pró-criança”.</p> <p>*Na carreata carro se som o locutor fala: “É 17, é 17 da família” “é a vitória de Bolsonaro, é a vitória da família”.</p> <p>*Num outro carro de som com o locutor falando: “Aqui é a família brasileira, meu irmão. Aqui é o povo que quer o melhor para nossa família. Queremos mudança sim, é uma mudança para família brasileira”; e continua: “Se apegue em Deus para votar, se apegue na família, respeita a sua família”.</p>

As categorias que emergiram dos vídeos foram principalmente o antipetismo e a defesa da família nuclear\patriarcal\cristã. O vídeo de 25 segundos do deputado conservador Magno reforçou a mobilização realizada pelo Movimento Direita Chapada. A carreata aconteceu, portanto, e surgiram as categorias nas falas de Magno Malta, nos locutores dos carros de som e as pessoas que estavam filmando. As citações acima dos comentários demonstram a representação construída pelos bolsonaristas, que associam a Venezuela e o PT ao comunismo, enquanto modelo ditadura corrupta (SOLANO, 2019). Os comentários sobre a gasolina também remontam a ideia do PT enquanto partido totalmente corrupto, pela ideia de supostamente pagar gasolina para as carreatas. E as falas sobre a defesa da família nuclear\patriarcal\cristã pressupõe que a oposição tem o propósito de desestabilizar ou destruir esse modelo de família bolsonarista.

## 5.2. Análise das entrevistas

A amostra do estudo proposto consiste em 5 entrevistados, homens, que apoiaram e votaram em Bolsonaro na cidade de Itaberaba. As idades correspondem acima dos vinte anos até um entrevistado que chega acima de cinquenta anos. O primeiro participante\entrevistado tem 51 anos, é negro, trabalha e é proprietário de uma oficina. Ele tem remuneração de três a sete salários mínimos e completou o ensino fundamental da educação básica. O segundo participante\entrevistados tem 20 anos, branco, trabalha como cabelereiro num salão com espaço alugado. Ele estudou até o ensino médio, porém não chegou a completar. Ele diz receber até dois salários mínimos.

O terceiro participante\entrevistado é garçom tem 35 anos, é branco e concluiu o ensino médio. Sua remuneração é de um a dois salários mínimos. O quarto participante\entrevistados é um vendedor\atendente de lojas de eletrodomésticos, e recebe até três salários mínimos. Ele concluiu o ensino médio e tem 26 anos. O quinto e último participante\entrevistado foi com um ex-militar e dono de uma pequena empresa de ar-condicionado. Ele é negro, tem 49 anos e hoje é proprietário de uma pequena empresa de conserto de ar-condicionado. Ele recebe até quatro salários mínimos e tem ensino médio incompleto. Dessa forma, os entrevistados que conseguimos para pesquisa foram homens de classes populares, trabalhadores da área de serviços, setor terciário da cidade.

	<b>Gênero</b>	<b>Ocupação</b>	<b>Raça\etnia</b>	<b>Idade</b>	<b>Salário</b>	<b>Escolaridade</b>
<b>Participante 1</b>	Masculino	Mecânico (dono)	Negro	51	3 à 7 salários	Ensino fundamental completo
<b>Participante 2</b>	Masculino	Cabelereiro	Branco	20	1 à 2 salários	

						Ensino médio incompleto
<b>Participante 3</b>	Masculino	Garçom	Branco	35	1 à 2 salários	Ensino médio completo
<b>Participante 4</b>	Masculino	Atendente de loja	Branco	26	2 à 3 salários	Ensino médio completo
<b>Participante 5</b>	Masculino	Ex-militar	Negro	49	3 à 4 salários	Ensino médio incompleto

O processo de escolha das amostras consistiu em uma complexidade e dificuldade em conseguir entrevistas de eleitores bolsonaristas “no calor” da eleição de 2018. Os bolsonaristas estavam receosos em dar entrevista gravada. Segundo o artigo do site “Gênero número”, as autoras fizeram a análise de gênero das eleições, mostraram que Bolsonaro conquistou eleitorado masculino, os dos mais ricos, os mais brancos mais do que o apoio que o PSDB recebeu contra o PT nas eleições de 2010 e 2014.

Nessas eleições nunca teve tanta disparidade entre mulheres e homens do que nas últimas eleições, o que mostra uma tendência diante da implicação da campanha e discursos do bolsonarismo durante o processo. Bolsonaro recebeu 59% dos votos masculinos no país, enquanto Haddad recebeu maioria dos votos das mulheres (52%) (FERRARI et al, 2018). Com essa conjuntura, os homens estavam mais suscetíveis a falar sobre o apoio, mesmo com desconfiança, diante de uma gravação produto de uma pesquisa.

O Brasil se constituiu como uma nação em que o Racismo é parte estrutural das suas relações sociais e políticas, o que condiciona de forma impactante as desigualdades no país (SOUZA, 2017; MUNANGA, 2003; ALMEIDA, 2018). Estando presente na campanha eleitoral de 2018, o racismo constitui em um dos conteúdos principais da “moralidade seletiva” principalmente das classes médias brancas, que se intensifica a partir de 2014 contra os governos petistas. Essa reação racial se construiu e se manifesta contra a ascensão dos pobres e dos negros na sociedade brasileira dos últimos 15 anos (SOUZA, 2017; SOLANO, 2019).

A campanha de Jair Bolsonaro teve o racismo como instrumento subjetivo e ideológico, indireto ou diretamente, para mobilização de apoio político dos setores conservadores e racistas da sociedade brasileira. Os eventos em que Bolsonaro critica os direitos humanos e falas abertamente racistas demonstra também o racismo imbricado em sua carreira política e na campanha de 2018.

Em toda sua carreira o deputado Bolsonaro externalizou o racismo contra indígenas e negros, como foi mostrado no capítulo sobre Jair Bolsonaro. Um evento que repercutiu e gerou processos judiciais a Bolsonaro, foi sua fala no evento num Clube Hebraico em abril de 2017, comparando uma pessoa negra com gado<sup>8</sup>. A questão sobre o racismo teve dentro das questões perguntadas aos participantes\entrevistados bolsonaristas. Suas respostas me pareceram paradoxal pelo fato de tais questões estarem escancaradas e, ao mesmo tempo, os entrevistados não terem dado importância ou não terem percebido tal fenômeno.

Com efeito, com base nas relações entre “raça” e “racismo”, o racismo seria teoricamente uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural (MUNANGA, 2003.p.7)

---

<sup>8</sup> Opera Mundi, **Afrodescendentes de quilombos 'não servem nem para procriar'**, diz Bolsonaro na Hebraica do Rio, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=lcXJNGhUQy8>>, publicado em 05/04/2017

O racismo é parte estrutural das relações sociais e políticas do Brasil como sabemos (SOUZA, 2017). Como afirmou Quijano, a América Latina se insere na lógica do poder moderno\colonial da Europa como território subordinado a estes interesses, a raça é a questão central do processo de dominação estrangeira (QUIJANO, 2005). Dessa forma, como mostra Munanga o racismo no Brasil se estruturou na escravidão e sobreviveu no capitalismo nos nossos moldes. Ao mesmo tempo, branquitude é um elemento central no desenvolvimento das condições de vida em termos raciais. Isso porque a branquitude é uma cultura e uma identidade cultural, que coloca como o branco fora dá dinâmica de racialização, reproduzindo o racismo como modus operandi de privilégio racial (CARDOSO, 2010).

A branquitude é um lugar de privilégios simbólicos, subjetivos, objetivo, isto é, materiais palpáveis que colaboram para construção social e reprodução do preconceito racial, discriminação racial “injusta” e racismo (Cardoso, 2010.p.6)

Segundo Solano, a classe média branca conservadora que saiu as ruas depois de 2014, na polarização PT e PSDB, tinha como parte das pautas acabar com o Bolsa Família e as Cotas Raciais e para escola pública. Tinham setores das classes populares nessa base social, porém a classe média branca que incidiu mais no processo. Nas pesquisas de Solano essa base social que apoiavam os movimentos de rua MBL, Vem pra Rua e o PSDB, passaram a apoiar Bolsonaro, percebendo-o como “político honesto”. Desse modo, segundo os dados, aconteceu uma transição da base do PSDB para o PSL de Bolsonaro, “os coxinhas viraram bolsomínions”.

Portanto, o bolsonarismo herdou e potencializou o racismo velado como um dos elementos importantes de mobilização base social branca conservadora, com adesão de setores populares e pessoas negras do país (SOLANO, 2015, 2016, 2017). Dentro deste movimento, essa pauta fez parte do apoio da base bolsonarista à Bolsonaro em 2018. Os entrevistados disseram não perceber ou interpretar alguma atitude racista de Bolsonaro. Desse modo, esse fenômeno que muito relevante na mobilização bolsonarista não apareceu. O que coloca aspectos do sobre a interiorização na sociedade e em seus apoiadores do “mito da democracia racial” e do “pacto da branquitude”.

**Racismo:**

<b>Participante 1</b>	“Contra os negros... eu não posso te informar nada porque eu não ouvi falar sobre isso contra os negros.”
<b>Participante 4</b>	“Agora assim, eu acho que isso aí que ele falou, ofendendo as minorias, certo? tipo os gays, é... os negros... agora isso aí... eu acho que não é coisa pra se levar adiante, certo? eu penso assim.”

Um dos efeitos centrais do mito da democracia racial consiste na crença dos sujeitos em que as raças convivem harmoniosamente, e que, portanto, não há racismo (MUNANGA, 2003). Ao mesmo tempo, Cardoso nos mostra que no seio da branquitude, mas diversas que possam ser, há uma solidariedade entre os brancos quando se sentem discriminados pelas políticas para a população negra (CARDOSO, 2010). E como mostrou Maria Aparecida Bento quando o branco opera com “pacto dos narcísico dos brancos” em relação as contradições raciais (BENTO, 2002). Assim, percebi que os entrevistados não acham relevantes o tema racial, sendo causa os fenômenos ideológicos e culturais que constroem a subjetividades políticas.

O antipetismo é um dos fenômenos sociais-chave para a compreensão da adesão de base social e vitória eleitoral de Bolsonaro (SOLANO, 2019). A aversão política e social ao Partido dos Trabalhadores implicou num processo de anos, mais ou menos de 2013 a 2018 (e ainda continua), e incorporou vários significados ao longo desse movimento (Solano, 2019). O antipetismo está associado a um antissistema, antiesquerdismo, um anticomunismo e a noção de corrupção (TATAGIBA, 2015; SOLANO 2019). Estes elementos foram se articulando na decorrência da disputa política na sociedade brasileira, onde a ofensiva conservadora, interna e externa, criou uma verdadeira guerra híbrida. Como mostra Tatagiba, o antipetismo tem duas dimensões fundamentais, que articulam um movimento sociocultural e outro político-eleitoral, com o significado de destruir a representação do PT, criando um ódio político do partido.

O antipetismo tem uma dupla face: por um lado, é um fenômeno político-eleitoral que integra o que se convencionou chamar de negative partisanship, a rejeição exclusiva a um partido; por outro lado, é um fenômeno sociopolítico que se expressa no ódio ao PT. (...). Esse envolvimento afetivo com a causa

conferiu contornos particulares ao protesto, com imagens de manifestantes mordendo ou queimando bandeiras do PT, ou levando cartazes com imagens dos ex-presidentes decapitados ou enforcados. (...) Essa disposição cognitiva e emocional teve importantes implicações para o recrutamento e para as características da mobilização social no contexto da campanha pelo impeachment, que assumiu a forma de uma cruzada moral, representada na luta do bem (o “nós”) contra o mal (“eles”)” (TATAJIBA, 2015.p.16)

Segundo Solano, o antipetismo passou a ser articulado ao longo do processo social e político, que tem início em 2013, aos problemas sociais e políticos do país. As insatisfações da população foram sendo canalizada para o “colo” do PT, através de duas instituições políticas fundamentais: Rede Globo de TV e Lava Jato (SOUZA, 2017). Esses dois setores da direita brasileira passaram a criar condições, a partir de perseguições seletivas, para a política, o PT e o sistema político. Discurso que Bolsonaro adotou em sua campanha. Dessa forma, um dos primeiros significados associados ao antipetismo foi a corrupção do sistema político, no qual o PT, na presidência da república, dirigia esse processo (TATAJIBA, 2015; SOLANO, 2019).

Essa conjuntura política de crise de representação e insatisfação social, que estourou nas jornadas de 2013 e avança até 2018, inicia uma articulação entre antipetismo e antipartidarismo e antissistema (TATAJIBA, 2015; SOLANO, 2019). Durante as mobilizações das jornadas de 2013, surgiram casos de reação violenta a militantes de partidos de esquerda, acontecendo a queima de bandeiras e expulsão destes membros dos partidos. Os neofascistas e neonazistas começaram a reaparecer em público nesse contexto.

A lógica antipartidária se aprofunda e se acopla ao antipetismo através das ações das mobilizações de rua e das redes em 2014, 2015 no governo de Dilma Rousseff. Diante da crise de representatividade da época, a direita neoliberal tradicional (PSDB, Globo) e a nova direita (Lava Jato, MLB, Vem pra Rua etc) construíram uma grande mobilização articulando a corrupção, o sistema político e partidário a uma fonte: o PT. Diante disso, segundo Solano, o anticomunismo também começa a ganhar força, se estruturando simbolicamente ao PT.

Além desses discursos, os grupos que organizaram as manifestações, principalmente Movimento Brasil Livre (MBL), Vem para a Rua, Revoltados On-Line, mobilizaram com uma potência enorme o discurso antipetista, que

em frequentes ocasiões derivava para um anticomunismo em moldes retóricos que remetiam aos tempos de Guerra Fria (TATAJIBA, 2015.)

Com os movimentos de rua da “nova direita”, nas figuras do MBL e outros, emerge o anticomunismo, tendo como referência a Venezuela e ao mesmo tempo, as *fake news* -modelo que o bolsonarismo adota (TATAJIBA, 2015; SOLANO, 2019). O antipetismo também assume um conteúdo anti-igualitarismo, com conotações de classe e, sobretudo, de raça. O repertório patriota ganha cada vez mais força, com camisetas da seleção brasileira de futebol e cores verdade amarelas. As mobilizações de rua tomam força a partir da contestação eleitoral de Aécio Neves e da força de Eduardo Cunha no congresso; das redes sociais e da rua antipetista a partir de 2015. Nas pesquisas de Solano em 2015, se constata que 56% de pessoas das mobilizações acreditavam que estavam tentando criar uma ditadura bolivariana em São Paulo; e 64% disseram que se queria implantar no Brasil uma ditadura comunista (SOLANO, 2015).

O anti-igualitarismo é um elemento importante para compreender a raiz da nova direita e do bolsonarismo (SOLANO, 2019). A classe média branca que estava na rua, segundo as pesquisas de Solano, criticavam as políticas de inclusão do PT nas ruas e nas redes sociais. Na pesquisa, 60% das pessoas nos atos achavam que o “Bolsa Família financia preguiçoso”, e 70% afirmavam que “as cotas raciais geram racismo”, numa compreensão de um racismo reverso. Portanto, os direitos garantidos pelas políticas públicas do PT e do Movimento Negro são atacadas, num país que 56% da população é negra e maioria pobre. Na concepção de Jesse Souza, se constata na mobilização seletiva dessa classe média branca contra corrupção à políticos, trazendo a meritocracia e superioridade racial para as ruas, somente contra partidos que tem plataformas de inclusão.

Os elementos antissistema, antipartidarismo, antipetismo e antiesquerdismo seriam, de acordo com minhas pesquisas, fatores essenciais para a vitória do próximo presidente brasileiro, elementos esses que já estavam germinando no contexto do impeachment (SOLANO, 2019.p14).

O candidato a presidente Bolsonaro “surfou na onda” antipetista, criando condições para o marketing de sua imagem, e ampliando o antipetismo a toda

esquerda: antiesquerdismo. Segundo Solano, desde 2015 e 2016, Bolsonaro já surgia como primeiro dos candidatos à presidência nas pesquisas, enquanto os candidatos do PSDB e do PMDB estavam com baixa popularidade (SOLANO, 2015; 2018).

Os “coxinhas” estavam se transformando em “bolsomínions”. Bolsonaro aparece como outsider e começa a associar a destruição do país para toda esquerda, além do PT. Dessa maneira, o antipetismo para a incorporar também o sentido de antiesquerda no país. Os bolsonaristas crescem no Brasil, levando seguidores fanáticos para todos os lugares do país. No estudo que realizei em Itaberaba, o antipetismo teve incidência, influenciando uma parte da população.

### Antipetismo:

<b>Participante 1</b>	“São 16 anos no poder, então tem que ter mudança”
<b>Participante 2</b>	“A questão da corrupção também né, que vem parte do PT e ele já se corrompeu. Então, essa investigação contra ele, então votar em candidato corrupto, comandado por candidato corrupto também, esses aí, corruptos”
<b>Participante 3</b>	“Esse povo deu oportunidade ao PT aí há 16 anos, tava com o Brasil parado não foi para lugar nenhum”. “Haddad eu discordo plenamente com as propostas dele. Porque tudo que... primeiramente ele é candidato pelo PT, que passou 13 anos no poder e não conseguiu resolver o problema do país”
<b>Participante 4</b>	“E roubou... e assim foi o partido dele que acabou com o Brasil, foi o PT!” “O PT pra mim é uma facção criminosa, cara. Os caras são criminosos.”.
<b>Participante 5</b>	“O PT foi um erro então? (pergunta) Eu acho que foi um erro” “Tirou a educação e começou a dar cesta básica... hoje você não encontra uma menina pra trabalhar em sua casa, tirou o menino de ir pra oficina”. “Eu queria uma mudança” e também “Hoje, hoje o Lula tirou o respeito do povo. Direitos humanos é a pior coisa que tem do meu ponto de vista.”

Nas entrevistas o antipetismo aparece de forma recorrente enquanto um motivo estrutural para adesão ao bolsonarismo na cidade. Os significados dados ao

PT pelos participantes\entrevistados como partido que provocou a “destruição do país”. Isso implica em elementos do antipetismo como “facção criminosa”, “partido corrupto” em sua totalidade e um anti-igualitarismo como lógica meritocrática, se contrapondo as políticas públicas instauradas pelo PT. Ao mesmo tempo, as entrevistas demonstramos aspectos ligados aos fenômenos antissistema e antiesquerda no significado dentro do antipetismo.

O antipetismo revela também um aspecto racial, que apareceu pouco nas entrevistas, mas como pilar estrutural da política brasileira como mostra Souza. A subjetividade política dos eleitores de Bolsonaro na cidade estabelece relações profundas com os elementos à nível nacional da mobilização bolsonarista. Portanto, outras falas se referindo dos participantes \entrevistados em relação ao PT, Haddad traduzem o sentido dado ao antipetismo: o participante 1 fala: “são 16 anos no poder, então tem que ter mudança”. O participante dois associa a corrupção ao PT, dando sentido também como antissistema.

Tanto o participante\entrevistado dois, participante três, quanto o participante quatro afirmaram que o PT “destruiu” o país ou não fez o que deveria fazer em termos políticos para o Brasil. O participante\entrevistado cinco afirma que o PT destruiu dimensões importantes da sociedade, como educação e trabalho. Esse entrevistado continua: “Não, eu votei em Bolsonaro porque eu queria mesmo tirar Lula. Ao mesmo tempo o participante \entrevistado quatro afirmou: “Porque assim, eu votei no PT, certo? Confiava no PT, e o PT acabou com o Brasil, entendeu? ”. Portanto percebe-se um significado antipetista dos eleitores em relação ao PT enquanto “partido da corrupção” em sua totalidade, que contribuiu para destruir o país. Fica evidente o antipetismo explícito tanto nos eventos bolsonaristas quanto nos entrevistados, evidenciando uma narrativa que, o ódio ao PT e a esquerda, está no centro do significado das manifestações políticas dos bolsonaristas da cidade.

Um outro fenômeno sociopolítico de extrema importância se deu na realidade brasileira nos últimos anos anterior as eleições de 2018: a *ideia de mudança* atrelado a ideia de *outsider* (SOLANO, 2019). A demonização da política que se constituiu no país teve como base uma crise de representação política que veio se intensificando desde o início da década de 2010. O marketing político “fora do sistema” ou o “político honesto” engendrado por Bolsonaro, com trinta anos de política, mobilizou a maioria da sociedade, refletindo em maioria nas eleições de 2018. Esse

processo veio acompanhado com a noção de “nova política” como uma palavra de ordem bolsonarista, no sentido de tentar demonstrar um antagonismo com o sistema político corrupto (SOLANO, 2019).

A “ideia de “mudança” como uma pessoa ou entidade fora do sistema, é presente nos discursos dos neoconservadores. O significado do *outsider* tem a ver com esse processo, de modo a dar sentido a um suposto salto de patamar na política partidária. Bolsonaro se colocou e foi percebido como síntese disso. Em Itaberaba, esse fenômeno apareceu nas pesquisas com os bolsonaristas.

Moralismo fundamentalista que se une a um discurso de negação e demonização da política tradicional. A política é vista e pensada de forma vergonhosa, desprezível, imoral. É a politização da antipolítica e o triunfo do —não sou político, sou técnico— como disse Sergio Moro, o juiz responsável pela operação Lava Jato, ao anunciar sua como Ministro de Justiça do governo Bolsonaro (SOLANO, 2019.p.8)

O bolsonarismo emergiu em uma conjuntura extremamente complexa e que nos mostra agora, apenas alguns elementos para análise. Bolsonaro e a ascensão neoconservadora e neofascista de caráter cibernético, emerge e explora com inteligência cirúrgica a crise de representatividade. A política se potencializou como antipolítica nos discursos do MBL, da Lava Jato, da Globo e de Bolsonaro (SOLANO, 2019). As forças conservadoras do país ampliaram ainda mais a criminalização do “fazer político”, remetendo o sistema político corrupto aos políticos e a esquerda. Dessa forma, Bolsonaro surge como um outsider a partir de sua propaganda e difusão de *fake news* com o “político honesto”: em pesquisas de Solano e Orellhano em 2016 e 2017, já se percebia pessoas que diziam que Bolsonaro era um político honesto.

[...] a utilização de narrativas antipolíticas e a estimulação do descrédito institucional e político e o sentimento de repúdio e vergonha (a política não serve, a política é corrupta, suja) e apresentação de si mesma como anti-mainstream, outsiders e anti-establishment (SOLANO, 2019.p.10)

O significado antissistema edificado pelo bolsonarismo da figura de Bolsonaro está associado com a ideia do “político honesto” e da ideia de “mudança”

(SOLANO, 2018,2019). Essas noções sociais foram criadas no processo de desenvolvimento da reestruturação do neoliberalismo e da hierpotencialização do antipetismo. O antipetismo enquanto um ódio ao partido que se expande para o que ele representa, como a esquerda, população negra, feministas, LGBTIs produziu um sentimento antissistema na base conservadora do país. Dessa maneira, o “político honesto” apresentado par o público desde 2015 se associou a uma “nova política” a se fazer. Um marketing que potente para conjuntura, dado os acontecimentos geopolíticos. Nessa narrativa, era preciso criar uma solução moralmente relevante para o suposto sistema totalmente corrompido (SOLANO, 2019).

A narrativa da “Nova política” foi sendo absorvida pela base bolsonarista e consistiu em uma base argumentativa dos seus eleitores para se opor a esquerda e a direita neoliberal tradicional. A ideia tem haver em fazer uma forma de política diferente do atual sistema político, uma “mudança” na forma de se fazer política. A ideia de “mudança” tem um significado de outsider na retórica bolsonarista (SOLANO, 2019) Dentro dessa narrativa, Bolsonaro prometia não fazer “politicagem” com o congresso corrompido do “toma lá, dá cá” (negociações e lobbys). Essa noção de “mudança” na política prometida por Bolsonaro aos seus eleitores teve impacto importante de mobilização. O projeto bolsonarista se estruturou e potencializa sua influência através da guerra cultural via difusão de fakes news (SOLANO, 2019)

#### **Ideia de mudança\ outsider:**

<b>Participante 1</b>	“eu prefiro renovar, porque quanto mais é alguém novo, há mudança”.
<b>Participante 2</b>	Falando que não votaria em Alkmin: “tá no meio da antiga política lá também, eu não vejo isso como uma mudança né, para mim, no Brasil tem que haver uma mudança”.
<b>Participante 3</b>	“botar um cara lá, novo! Pra vê o que que dá...”.
<b>Participante 4</b>	“eu acho que querendo ou não a gente precisa mudar muito”. Logo depois sobre Bolsonaro ele afirma: “confiei nele, entendeu? Pode chamar ele de louco e tal, tal, tal, mas o cara tem que ter alguma loucura pra mudar alguma coisa aqui no Brasil”.

<b>Participante 5</b>	“não, eu votei em Bolsonaro porque eu queria mesmo tirar Lula! Eu queria uma mudança.”
-----------------------	--

Em primeiro lugar, os participantes\entrevistados demonstraram uma crítica ao sistema político e aos partidos políticos, evidenciando o fenômeno da crise de representatividade e a antipolítica. O primeiro participante\entrevistado, afirma sobre os partidos políticos afirma que “os partidos não são solução dos problemas no Brasil” e logo depois fala: “mas os que estão, infelizmente, os que estão lá não tão contribuindo para o Brasil desenvolver”. O segundo participante\entrevistado fala sobre os partidos políticos: “eu não sei, acaba não representando a todos totalmente não né, nem um”. O terceiro participante\entrevistado coloca sua opinião sobre os partidos: “tudo interesseiro! Vários que tá alí é tudo num interesse em ganhar mas não fazer nada pela gente”; logo depois fala, “então, eu acho que devia acabar meio mundo de partido, por mim devia deixar só dois”

Na quarta entrevista, o participante demonstra sua aversão ao sistema e partidos políticos: “assim, de antemão nosso problema era o quê? Era os nossos governantes”. E fala depois: “eu acho que querendo ou não a gente precisa mudar muito, os partidos precisam mudar muito. A corrupção...”. O quinto participante\entrevistado afirma: “tem um negócio chamado câmara, tem um negócio chamado sindicato”; depois fala: “Bolsonaro não faz nada se eles não quiser, infelizmente... Bolsonaro não move nada. Você sabia... você sabe porque agora já estourou”. Essas falas descrevem e demonstram a grande insatisfação dos bolsonaristas com a política partidária e o sistema político. Uma visão que evidencia uma descrença na totalidade da política institucional brasileira.

Na cidade de Itaberaba a noção de *outsider*, “o fora do sistema”, aparece evidente nas entrevistas. Os bolsonaristas em seu discurso uma aversão ao sistema político e a os partidos políticos, tendo como referência política um candidato que não está “inserido na lógica” corrupta da política brasileira. A crise de representatividade e a “nova política” na figura do outsider representado por Bolsonaro são dois lados da mesma moeda. Nas entrevistas, os participantes criticam os partidos políticos que não os representam e insistem que é preciso uma “mudança” na política.

O fenômeno ideia de mudança e *outsider* é evidente nos participantes bolsonaristas das entrevistas que realizei, demonstrando que entre eles e maioria da cidade na “nova política” e nessa “mudança” prometida por Bolsonaro. Dessa forma, a ideia “mudança” no entendimento de uma “nova política”, frase retórica muito reproduzida por Bolsonaro, nessa narrativa, contrasta com a “velha política”. É a nova política em relação a velha política do sistema político corrompido, que está na base do discurso do outsider de Bolsonaro. Portanto, esse fenômeno sociopolítico estava presente na percepção dos bolsonaristas, tendo em vista que Bolsonaro tem trinta anos de política partidária na lógica fisiologista. Uma tamanha complexidade que é preciso estudar dado a veloz e potente emergência de uma figura política da velha política.

Outro fenômeno que permeia a subjetividade dos bolsonaristas no Brasil e na cidade de Itaberaba consiste na defesa da *família patriarcal/nuclear cristã* que condiciona a submissão da mulher em relação ao homem e a externalização da homofobia. Essas perspectivas evidentemente tem uma historicidade, remetendo a concepção de família ocidental europeia, sendo imposta como modelo para os países colonizados como o Brasil. Desde o período do Brasil colônia a família patriarca cristã impera nos valores morais da sociedade, não sendo uma exclusividade, porém como um imperialismo familiar branco (BERDELLI, 2018; VIEIRA, 2018).

Com a modernidade, a família nuclear burguesa se fundi a família patriarcal cristã e impõe um modelo da família brasileira, sendo as famílias fora desse molde: “desajustados” e “desestruturados”. No entanto, estudos mostram que a família brasileira é configurada pela liderança feminina negra na maioria do país (BERDELLI, 2018; VIEIRA, 2018).

Esta concepção e imposição da família patriarcal/nuclear cristã e branca tem como princípio a chefia da família o homem, tendo a mulher e filhos como subordinados. Ao mesmo tempo, a ditadura heterossexual deste modelo de família impõe uma violência e um culto a homofóbico à sociedade, no sentido de excluir pessoas homossexuais do ideal de família brasileira. Bolsonaro antes mesmo do bolsonarismo já era um defensor e difusor desse modelo de família, como já demonstrado no capítulo sobre Bolsonaro.

O bolsonarismo toma para si as opressões contra a mulher e contra o homossexual como agenda política, em contraposição aos avanços políticos dos movimentos feministas e LGBTIs das últimas décadas. Desse modo, a agenda do bolsonarismo consegue aglutinar setores sociais conservadores e ressentidos pelas vitórias destes movimentos sociais; os conduzindo para uma defesa aberta da subordinação da mulher ao homem em qualquer espaço, e para eliminação simbólica e material de pessoas homossexuais (BERDELLI, 2018; VIEIRA, 2018).

De acordo com esse autor, a partir da fragmentação política do Ocidente e do fortalecimento da Igreja, através da “reforma gregoriana” entre os séculos XI e XIII, ascendem os adeptos do matrimônio (“até que a morte os separe”) e da sua vinculação à ideia de sacramento. Significava, portanto, “tirar” o casamento do “mundo profano” para torná-lo essência do “mundo sagrado” e, nesse sentido, disposições canônicas foram criadas sobre a escolha do cônjuge, a cerimônia nupcial e a vida conjugal, normatizando a instituição matrimonial e o vínculo conjugal como monogâmico, indissolúvel e sagrado (VAINFAS, 1992). Entretanto, isso não significou a eliminação de modos de instituir os vínculos familiares e afetivo-conjugais para além dessas fronteiras jurídicas e/ou religiosas (BERDELLI, 2018.p.7)

Em 2017 em uma fala no Clube Hebraico, Bolsonaro disse: “Eu tenho cinco filhos. Foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”. Essa fala diz respeito a ideia de “família brasileira” e cristã entoada muitas vezes pelo candidato à presidência. A família cristã patriarcal é um construto estrutural do mundo europeu que se difundiu pelo mundo através dos processos de colonização e de colonialidade no Terceiro Mundo. Esse modelo de família cristã se acopla e se fundi com a concepção de família nuclear burguesa que ascende ao poder (BERDELLI, 2018).

No Brasil, esse padrão de matrimônio a mulher era na sociedade era construída como inferior em relação ao homem, sendo segregada do espaço público, tendo somente o espaço da vida privada como “domínio”. Essa dinâmica de organização familiar, apesar de sua ideologia dominante ser patriarcal, não era exclusiva e era minoria nas relações, tendo o casamento não sendo prática geral na sociedade brasileira. As famílias negras e indígenas, que eram maioria, e eram assimiladas pela ideologia dominante, não participavam em maioria desse modelo de arranjo familiar oficial (BERDELLI, 2018)

Ao passo que no pretérito a família brasileira foi comumente identificada como patriarcal, a contemporaneidade cristalizou-a na forma nuclear (burguesa). Em linhas gerais, esse ideal de família moderna caracterizou-se pela composição pai, mãe (casal) e filhos; pela hierarquia entre os sexos e gerações, cujo homem-pai é o chefe provedor da família, e a mulher-mãe, a responsável pela educação e socialização das crianças e pelos afazeres domésticos; para a constituição do vínculo afetivo-conjugal é fundamental a livre escolha dos cônjuges e o amor romântico como elemento do casamento feliz. (BERDELLI, 2018.p.8)

Na modernidade, a família nuclear emerge com ascensão da classe burguesa ao poder das grandes potências europeias. A família tida como pai, mãe e filhos como modelo ocidental se potencializa com ascensão burguesa, conformando uma simbiose com a família cristã tradicional. Essa fusão se constrói em novos traços, traços modernos da tradicional família patriarcal. O casamento, dessa forma, se configurou no civil e religioso, em que a mulher tem um propósito de procriação e do “amor materno” aos filhos no processo de educação destes.

Esse espaço privado, do “lar doce lar”, era tido como sagrado e visava a circunscrição desta mulher no espaço privado, eliminando qualquer participação no espaço público, da política, do trabalho e das relações cotidianas para além do “lar da família”. Portanto, a construção cultural e social da posição da mulher na família patriarcal cristã branca no ocidente e no Brasil acontece como subordinação incondicional em relação ao homem. As famílias populares e negras se constituíram de outra maneira no Brasil.

Para esses grupos populares, a família tende a comportar outros integrantes, em geral, da parentela. Há diferenças nas relações entre seus membros, especialmente aquelas estabelecidas pelos laços consanguíneos, que unem os pais a seus filhos, os irmãos entre si, os avós aos netos, os tios aos sobrinhos. Dito noutros termos, o foco das relações não se dá predominantemente na conjugalidade, mas, antes, na consanguinidade, que implica a distinção entre unidades domésticas e sistemas familiares e a construção de outros sentidos às famílias chefiadas por mulheres (BERNETTI, 2018.p.10)

As famílias populares de negras tiveram experiência diferente nos seus arranjos em relação a família patriarcal\nuclear branca da elite e das camadas médias na formação social do Brasil. No século XX e no decorrer século XXI, esse modelo

dominante de família ainda impera, porém com arranjos matriarcais em sua realidade concreta (BERDELLI, 2018; VIEIRA, 2018). Apesar de ser uma concepção dominante, estas famílias se organizaram com arranjos que priorizam laços consanguíneos em contraposição dos laços da conjugalidade da família nuclear. Se organizam com arranjos que têm os pais, os filhos, as tias, as avós, primos netos nas mais diversas possibilidades que foram possíveis diante da vida de opressões do sistema moderno\colonial\patriarcal e capitalista:

A família nuclear burguesa constitui-se como um fenômeno recente e não consolidado para a população negra, representando em maior medida um modelo a ser perseguido e em menor uma configuração possível diante dos obstáculos de integração social enfrentados por esse grupo social. Essa condição reflete-se na maneira com que vivenciam os papéis de gênero (VIEIRA, 2018.p.67)

A construção das famílias negras no Brasil desde a escravidão até nossos dias foi impossibilitada por diversas razões estruturais. Quando começa a escravidão no Brasil, as famílias negras foram desmembradas e vendidas para senhores de terra como mercadorias, inviabilizando seus laços. As tarefas domésticas das mulheres negras ajudaram a estruturar a família no pós-abolição quando o Estado não indenizou a população negra pela escravidão. No século XX e nos dias atuais as famílias negras são chefiadas e organizadas por mulheres negras. O ideal de família patriarcal é perseguido por toda sociedade, porém na prática as famílias negras e populares não se constroem nesses arranjos fixos e ilusórios para um país submetido a colonialidade como o Brasil (BERDELLI, 2018; VIEIRA, 2018) O bolsonarismo tenta de forma aberta, e como agenda política, reproduzir a noção da “família brasileira” ou seja: a família patriarcal\cristã\nuclear branca como modelo imposto para o país; colocando como inimigos as feministas, LGBTIs e as esquerdas por supostamente está destruindo a família sagrada dos “tempos passados”.

A íntima relação entre homofobia e normas de gênero tanto se traduz em noções, crenças, valores, expectativas, quanto em atitudes, edificação de hierarquias opressivas e mecanismos reguladores discriminatórios. Assim, pode comportar drásticas consequências às pessoas que ousam descumprir os preceitos socialmente impostos em relação ao que significa ser homem e ser mulher. Nesse sentido, a noção de homofobia pode ser estendida para se referir a situações de preconceito, discriminação e violência contra pessoas

(homossexuais ou não) cujas performances e ou expressões de gênero (gostos, estilos, comportamentos etc.) não se enquadram nos modelos hegemônicos postos por tais normas (DINIZ, 2018.p.8)

A caracterização hegemônica da família nuclear\patriarcal cristã e branca tem como um de seus elementos fundamentais a repulsa a homossexualidade. Em 2013 Bolsonaro fala: “Não existe homofobia no Brasil. A maioria dos que morrem, 90% dos homossexuais que morrem, morre em locais de consumo de drogas, em local de prostituição, ou executado pelo próprio parceiro”. Frases e representações como essa se intensificaram no decorrer da campanha de Bolsonaro a presidência da república. O culto a homofobia fez parte da ascensão bolsonarista ao poder em 2018, como agenda política, reunindo uma base social conservadora e ressentida em relação aos avanços civilizatórios por direitos mobilizados pelos movimentos LGBTIs no país. Porém, o Brasil continua sendo um dos países mais conservadores e mais violentos do mundo em relação as pessoas LGBTIs (DINIZ, 2018).

A meu ver, a expressão “ideologia de gênero” merece ser entendida a partir do deslocamento do próprio significado de gênero. Trata-se de um mecanismo simples, embora bastante engenhoso, que consiste em reduzir a categoria (gênero) a uma ideologia, parcializando sua legitimidade e neutralizando seus efeitos. É característico desse tipo de disputa a multiplicação de políticos e candidatos que adotam a “ideologia de gênero”, como um mal a ser combatido (BULGARELLI, 2018.p.102)

A homofobia pelo bolsonarismo enquanto agenda política teve como catalizador a noção de “ideologia de gênero”. Seu conteúdo insinua um suposto processo de “homossexualização” de crianças e jovens por uma educação ruim nas escolas, inventado pelas esquerdas. Um mito. Essa narrativa ganha força durante a década nas mobilizações contra o governo Dilma e possivelmente tem origem no fundamentalismo religioso da maioria das igrejas neopentecostais.

A ascensão e poder da bancada evangélica, que desde 1988 vem crescendo muito, conseguiu potencializar a noção de “ideologia de gênero” para campanha bolsonarista. Essa noção se estruturou como um pilar de mobilização na eleição de 2018; canalizada e potencializada por Bolsonaro através das lideranças evangélicas fundamentalistas. A acusação de que professores vinham ensinando sexualidade em sala de aula e “transformando as crianças em homossexuais”, se

expandiu com a narrativa bolsonarista. Com isso, essa noção se materializou na proposta institucional da “escola sem partido”, que além de outros conteúdos, tem um elemento sexual do debate.

A apresentação de uma *fake news* na campanha foi apresentado em rede nacional por Bolsonaro: o “kit gay” e a “mamadeira de piroca”. A narrativa veio ganhando força e mobilizou justificativas dos discursos bolsonaristas durante a campanha, e potencializou a subjetividade de eleitores radicais e moderados da base de Bolsonaro.

### Família nuclear\patriarcal\cristã\branca

<b>Participante 1</b>	a gente quer mais um Brasil justo, um Brasil correto. Um Brasil onde nossas crianças sabe o que é homem, sabe o que é mulher” “eu não sou contra os gays, mas eu sou contra os que os gay faz, mas eu não sou contra o gay, porque a própria bíblia, na própria bíblia Jesus abomina.”
<b>Participante 2</b>	“Mas ele (Bolsonaro)... não é que ele vai tentar acabar com, com a questão do homossexualismo, ele é contra a ideologia de gênero. Que eu acho que é uma coisa que não é correto também.”
<b>Participante 3</b>	Na questão sobre Bolsonaro ser contra os gays: “Tem que ter os respeito entre eles mesmo, porque, não é porque você .. é gay que você tem que ir pra rua, dizendo que é democracia é você ficar pelado na rua, com os peitos do lado de fora”
<b>Participante 4</b>	“eu mesmo achava uma falta de respeito crianças aprender sobre sexo, certo? no colégio.” E continua: “Eu acho que não cabe a escola, certo? Os nossos... as pessoas que vão nos orientar, certo? a passar isso pra gente”. Sobre o kit gay ele disse: “Ele apresentou e aí não deixaram ele mostrar, porque não podia, certo? Assim, se teve... se ele tava com esse livro, eu acho que foi verdade. Pra mim não é FakeNews, entendeu?”
<b>Participante 5</b>	“Faculdade pra mulher ficar nua, homem ficar nu e falar que aquilo ali é cultura?” E continua: Hoje em dia é aceitável... quer ser ‘viado’ porra? Dê sua bunda, mas você falar “ah, que eu sou gay”... e ainda desrespeitar o professor?”.

O estudo que realizei a partir das entrevistas dos bolsonaristas apontam a defesa da família nuclear\patriarcal\cristã e branca, que configura a subordinação da mulher ao homem e o culto a homofobia aberta como violência e supressão de direitos, em defesa da suposta “família brasileira”. Esses fenômenos têm raízes históricas no Brasil, porém foi retomado como oposição as conquistas de direitos dos movimentos feministas e LGBTIs. A “ideologia de gênero” aparece como categoria fundamental das entrevistas. A defesa de “família brasileira” aparece também como uma síntese da dominação da família nuclear\patriarcal\cristã e branca no país. A rejeição dos entrevistados pelas mulheres empoderadas é um marcado importante nessa pesquisa. Da mesma forma, a aversão a qualquer forma de homossexualidade na sociedade e na política fez parte das falas dos entrevistados.

O bolsonarismo se apropriou, dessa maneira, das pautas conservadoras contrárias ao avanço dos movimentos LGBTQIs e movimento feminista; através dos apoios políticos das forças do fundamentalismo evangélico brasileiro, os quais foram decisivos para a eleição de Bolsonaro. Dessa forma, a partir do estudo, essa categoria da defesa da família nuclear\patriarcal\cristã\branca se constitui como um elemento estrutural da dinâmica bolsonarista de mobilização social a nível nacional e local, como no caso da cidade de Itaberaba.

Um outro elemento importante da pesquisa que encontrei consiste na cultura do militarismo sendo incorporada e alimentada pelo bolsonarismo. Não é de hoje que sabemos por estudos sobre o golpe militar de 1964 que as forças armadas têm um caráter neocolonial, associado ao imperialismo estadunidense (PINTO, 2019). O militarismo fez parte do processo de mobilização da extrema direita nas eleições de 2018, o que trouxe os militares para o centro da política nacional: para além das forças armadas, a polícia militar e outras frentes.

A permanência das forças armadas nos bastidores da política nacional na década de 1990 até os dias atuais e impunidade sobre seus crimes na ditadura implantada, permitiu sua ascensão em 2018 com Bolsonaro. Sua popularidade nacional permitiu também esse processo. A concepção e formação das forças armadas contemporâneas incorpora ideias da extrema direita estadunidense. O marxismo cultural é um pilar de análise sobre a política nacional dessa concepção. Portanto, desde sua paulatina intervenção política no país desde o golpe de 2016 até os dias atuais revela o movimento de “militarização da política” diante de um

militarismo associado aos interesses das potências estrangeiras (SILVA, 2016; PINTO, 2019)

Com a maior expressão pública dos oficiais da ativa, especialmente o Comandante das Forças, é da reserva, desde 2017, e com a formação do núcleo militar do governo Jair Bolsonaro vem ocorrendo uma militarização da política (PINTO, 2019.p25)

A militarização da política no Brasil se deu de forma progressiva, através de aproximações sucessivas, falas e discursos ameaçadores do alto comando das forças armadas como mostra Eduardo Costa Pinto, em seu texto “Bolsonaro e os Quartéis: a loucura como método”. As falas dos generais Vilas Boas e Mourão em tom de ameaça, em relação a HC de Lula para disputar a eleição de 2018, mostrou que estávamos cercados por uma junta militar política na “democracia”; e estavam assentados numa legitimidade na sociedade brasileira (65%).

No Governo Temer os militares já ocupavam cargo importantes. A Intervenção no Rio de Janeiro expressou essa dinâmica. Essa legitimidade, ao meu ver, tem relação com a cultura do militarismo que a sociedade brasileira aderiu, que engloba tanto as forças armadas, a política militar e outras instâncias. As forças armadas, segundo Eduardo Pinto, tinham 65% de popularidade em 2018 na sociedade brasileira, perdendo somente para a Polícia Federal. Esse processo indica que o militarismo como cultura política consistiu em uma das armas do bolsonarismo para ascender ao poder.

O cerne da questão, portanto, reside na diferenciação entre os sentidos de "militar" e "militarismo", ou seja, entre os peculiares modos de ser e agir de um indivíduo ou grupo, como explica Castro (2004) ao aludir à distinção entre o que se costumou chamar de "espírito militar", inerente aos valores cultuados pelos integrantes do estamento castrense - a ética, a disciplina, a integridade moral -, e "militarismo", visto como a ausência desses valores ou a deturpação dos mesmos. Ou, como afirma Boer (1980) em Militarismo e clericalismo em mudança, trata-se do desrespeito, pelos militares, dos limites de sua função. Restará saber, porém, em que ponto exatamente se situariam esses limites (SILVA, 2016)

Como afirma Silva, o “*militarismo*” se diferencia do “espírito militar” pela deturpação das funções militares constitucionais diante da democracia já limitada.

Silva desenvolve o argumento afirmando que “se poderiam identificar cinco características principais da "ideologia militar": o autoritarismo, o pessimismo a respeito da natureza humana, o alarmismo, o nacionalismo e o conservadorismo político” (SILVA, 2016). Dessa forma, percebe-se que as forças armadas e as PMs, por decorrência, têm como cultura o militarismo e operacionaliza essa concepção na política e na sociedade. Esse militarismo tem uma característica específica na geopolítica mundial, tendo as forças armadas um papel neocolonial de defesa dos interesses imperialistas. Silva chama essa dinâmica de “militarismo doméstico” em relação ao “militarismo imperial”, representado hoje pelos Estados Unidos.

Outro ponto importante a respeito do militarismo refere-se à forma como o fenômeno costuma manifestar-se. Pode se referir tanto à sua manifestação nos limites territoriais de determinado Estado, caso dos recentes regimes militares de países sul-americanos e africanos (o que se poderia chamar de "militarismo doméstico"), quanto na relação de um Estado poderoso com os demais, caso dos Estados Unidos, que poderíamos chamar de "militarismo imperial"; ou combinar as duas formas de militarismo, caso do Império Prussiano e da Alemanha nazista (SILVA, 2016)

Os militares das forças armadas e PMs também se inserem numa lógica neocolonial em relação aos países imperialistas, no caso do Brasil os EUA, como mostra Silva. As influências, portanto, são inúmeras, dada a relação de década entre estes países. Segundo Pinto, as Forças armadas brasileiras e as PMs incorporaram as concepções políticas e ideológicas da extrema direita estadunidense. O apoio de Trump a Bolsonaro não tem coincidência alguma. Para Pinto, o General Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, ideólogo das forças armadas brasileiras, incorpora a visão da extrema direita estadunidense. O “marxismo cultural”, “a teoria da guerra revolucionária”, “a ameaça do socialismo” e o perigo do “politicamente correto” fazem parte dessa “teoria”.

As ideias do Gal. Sérgio Augusto de Avellar Coutinho desenvolvidas em seus livros têm sido repetidas de forma sistemáticas por oficiais da reversa e pelo Comandante das Forças Armadas (Gal. Villas Boas) nos últimos anos. Nas Forças quando uma ideia passa a ser repetidas por muitos oficiais, dada sua estrutura hierárquica, ele provavelmente decorreu de uma doutrina, ensinada nos bancos de formação (AMAM, ESG, ECEME, etc.). Vejamos as ideias do Gal. Coutinho e como elas foram influenciadas pela ideologia da extrema direita (conspiratória) norte-americana e pela “teoria da guerra

revolucionária”; bem como essas ideias tem sido dita por oficiais do alto escalão das Forças (PINTO, 2019.p.10)

Portanto, o *militarismo* enquanto cultura de mobilização social do bolsonarismo, forças armadas e polícia militar, incorpora o armamentismo da extrema direita estadunidense para combater o “inimigo interno”. O inimigo interno expresso na campanha bolsonarista consistiu no “bandido”, expresso na figura da pessoa negra, o homem negro a ser combatido com o acesso a arma pelo “cidadão de bem”. O homem negro é construído como estereótipo do “criminoso” na sociedade brasileira (SOUZA, 2017). O mantra ultraconservador “Bandido bom é bandido morto” foi entoado como culto da morte população negra (SOUZA, 2017).

Ao mesmo tempo, ao meu ver, o militarismo bolsonarista e, por decorrência o armamentismo, tem um significado de combate a o outro inimigo: a esquerda. A cena de Bolsonaro no Acre durante a campanha, dizendo e interpretando que “vai metralhar a petralhada” com um suporte de filmagem, expressa essa ideia. Assim, o militarismo é parte estrutural do bolsonarismo, tendo o armamentismo como símbolo mais evidente. O estudo que realizei em Itaberaba, o Militarismo aparece com muita força nos bolsonaristas.

### **Militarismo:**

<b>Participante 1</b>	“Porque tendo concurso vão haver vagas, e vai mais, mais... vai ter mais polícia, vai ter mais... é... porque segurança vem polícia civil, polícia militar, rodoviária
<b>Participante 2</b>	(Na questão da posse de armas) “Sim, é uma proposta boa sim. Cidadão honesto, ficha limpa ele tem que ter o direito de se defender”
<b>Participante 3</b>	“Rapaz, foi como ele falou “que bandido comigo não tem vez. (Na questão sobre as armas) “Bom, eu acho que pode ser bom também. Porque, fizeram o quê, desarmou os brasileiros, os cidadão de bem, mas os bandido ficou com arma véi”
	“Particularmente eu gostei Porque assim cara, ele não deu o porte de arma, ele deu o posse de arma, o cidadão de bem andar com a arma dentro

<b>Participante 4</b>	de casa, entendeu?” “Porque assim, o vagabundo quando ele vai lhe assaltar, vai sabendo que você não tem nada de lá pra cá, o cara desarmado.”
<b>Participante 5</b>	“O brasileiro do jeito que é burro e ignorante... me desculpa, são todos não... não sabe nem ler, nem escrever, imagine com uma pistola na mão? Com um fuzil na mão... na hora que você estiver com raiva...”

As entrevistas que realizei em Itaberaba aparece a categoria do Militarismo ou da militarização da vida social. A influência de Bolsonaro e do bolsonarismo sobre a questão do armamentismo e da exaltação do extermínio dos “bandidos” e “criminosos” pela polícia foi dito pelos entrevistados. Em todos os casos a arma se mostrou um elemento de conduta de proteção contra “criminosos”. Com exceção de um entrevistado. Isso sem dúvida remete a cultura do militarismo como um dos pilares do bolsonarismo exaltado na campanha de 2018.

A adesão a esta plataforma armamentista e ao militarismo como forma de conduzir a política e a sociedade ganharam força na sociedade brasileira com o surgimento de Bolsonaro como candidato a presidência da República. Esse processo envolveu tanto os militares quanto as PMs (SILVA, 2016). Porém, as autoras Tetagiba e Solano mostram que esse comportamento já estava presente desde 2015 com os pedidos de intervenção militar pelos manifestantes de direita contra o governo Dilma. Dessa forma, a subjetividade dos entrevistados estava condicionada a resolver os problemas da criminalidade do país com as armas, polícia, extermínio e autoritarismo.

## CONCLUSÕES

A questão do bolsonarismo é um problema não somente nacional como internacional. A ascensão de uma força de extrema-direita com novas facetas, tecnologias e táticas políticas que tem paralelo com os EUA de Trump, são de extrema relevância para a debate internacional. Bolsonaro com 30 anos na política como deputado ascende ao poder presidencial “como um cometa” a partir de uma Guerra Cultural, atrelada a tecnologias da Big Data. A mobilização social e política na formação de identidades e subjetividades políticas demonstrou, de forma inédita, o poder de potencializar mentiras políticas e sociais para criação de processos de

dominação e hegemonia política. Esse processo se estrutura a partir das novas formas e tecnologias da Colonialidade e do neoliberalismo na atuação para desestabilizar sociedades, com propósito se apoderar ainda mais de seus recursos naturais, dos direitos sociais e políticos e da soberania dos povos.

O primeiro ano do governo Bolsonaro é trágico do ponto de vista social. A ascensão do bolsonarismo ao Estado se edificou a partir de uma plataforma neoliberal, nitidamente afirmada em sua campanha, associada ao poder de mobilização pela Guerra Cultural. O bolsonarismo é uma força social e política neofascista e neoliberal de massas. Segundo a uma matéria bem interessante da Folha de São Paulo, os índices deste primeiro ano do bolsonarismo ao poder é ruim. Porém, na realidade, muito danoso para as classes populares, população negra e indígena e mulheres. O Jornal considerou uma leve piora, mas quem olha criticamente sem as lentes do mercado se dá conta da gravidade destes dados. Nas áreas da saúde, educação, emprego seguro, reforma agrária e letalidade de uma forma geral é expresso nos dados.

Por esses indicadores sociais principais que demonstram o real avanço ou o retrocesso social do nosso país. É um retrocesso muito rápido vendo criticamente os dados: letalidade negra e de mulheres, cortes no Bolsa Família, cortes na educação superior e básica, desinvestimentos na saúde, aumento das queimadas, não demarcações de terras indígenas, aumento de empregos sem carteira assinada, e outros. São muitas áreas muito afetadas nesse primeiro ano do bolsonarismo no poder. Pelos indícios, há em curso um projeto de restauração autoritária dos avanços que o país teve na última década; com acréscimo de que o caos, a miséria, as opressões de raça, gênero e sexualidade, que são estruturais em nossa sociedade, são edificadas como normalidade e abertamente estes modelos dominantes da cultura e da economia ocidental

Os dados da pesquisa que realizei na cidade de Itaberaba na Bahia foram importantes para compreender, mesmo em um estudo de caso, como opera o bolsonarismo. É evidente que priorizei na pesquisa uma face do bolsonarismo: a cultura como poder social. A cultura como elemento político tem sido deixada de lado pela maioria das análises de conjuntura rápida e pelas construções analíticas marxistas e institucionalistas da ciência política. Há outros aspectos, evidentemente, que não falei, como o papel da ideologia na ascensão de Bolsonaro ao poder. Não

era prioritário no que me propus a fazer. O que me pareceu muito importante e percebi que quase não tinha literatura: era os argumentos dos bolsonaristas que enfatizavam aspectos morais, da sexualidade, aspectos raciais nas entrelinhas. Os costumes e os aspectos morais foram os mais nítidos nas ações bolsonaristas na cidade de Itaberaba. Não se falava nos aspectos econômicos, não se sabia da proposta bolsonarista. Então, aprofundei no caminho de compreender essa dinâmica na pesquisa.

Em relação aos objetivos específicos, surgiram categorias socioculturais pelos dados das entrevistas e nos eventos de rua, e a partir da análise da comunicação de massa: *o antipetismo; o racismo como moralidade; ideia de mudança\outsider; defesa da família nuclear\tradicional\cristã\branca; e o militarismo*. O outro objetivo específico consistiu nas estatísticas do Nordeste, Bahia, e Itaberaba em relação as eleições de 2018. O resultado está na primeira parte dos “Resultados”, demonstrando a vitória contundente do candidato do PT nestes lugares. Itaberaba teve um resultado muito expressivo nos números estatísticos, em decorrência dos dinâmicas políticas das últimas décadas, que se percebe um evidente enraizamento petista no nível estadual e nacional na cidade.

Em relação ao objetivo geral me propus a investigar, que foi compreender as motivações dos bolsonaristas em relação ao apoio a Bolsonaro, ficou muito evidente os aspectos estruturais a partir da saturação dos dados. As entrevistas e os eventos realizados pelos bolsonaristas na cidade de Itaberaba representaram, em minha conclusão, uma mobilização social de fora e de dentro a partir da Guerra Cultural. Os elementos utilizados para mobilizar socialmente os bolsonaristas da cidade, via redes sociais, se constituía pelos temas ligados a moral, aos costumes, a sexualidade, racismo, modo de vida. O que estava em disputa pelo bolsonarismo na construção de poder, era também uma reação que reafirmava um modo de vida baseado nos modelos tradicionais da vida ocidental: a cultura do branco, rico, hétero, do homem e do cristão. Portanto, esse fenômeno sociopolítico que me propus a pesquisar teve o resultado geral uma mobilização social através de uma Guerra Cultural, formando identidades e subjetividades que passaram a apoiar o Bolsonaro na eleição de 2018.

Com essa conclusão, me parece significativo a reflexão sobre os impactos da Guerra Cultural vindo de fora do país e de dentro, para desestabilizar o que ainda

existe da democracia dos países pós-coloniais e do capitalismo periférico. A busca da regulamentação da mídia e da Big data são centrais nesse processo. Já existem estudos há tempos demonstrando como a grande mídia constrói subjetividades e identidades para interesses do mercado nas relações sociais e políticas. Assim, a regulamentação da mídia no Brasil é central. Outra questão é o controle pelos grandes conglomerados da internet. Já existe também estudos mostrando que o Facebook, Google, YouTube Whatss App e outros tem total liberdade para adquirir e vender dados de pessoas do mundo todo. As eleições de Trump e Bolsonaro tiveram essas tecnologias de controle para Guerra Cultural. É preciso que as análises da ciências sociais se debrucem ainda mais na relação cultural da dominação que se estrutura pela Big Data.

## REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS

ABREU, Jonas. **Comportamento político violento e o avanço global da direita: uma análise do caso brasileiro**. REVISTA CRÍTICA E SOCIEDADE. 11 de maio 2017

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural**. Belo Horizonte. 2018. Ed. Letramento.

ALVES, Raquel; Souza Raquel. A grande Mídia e o ódio ao PT. **Observatório da Imprensa**. 28 de jun. 2015

AMIN, Samir. **O Imperialismo, Passado e Presente**. Tempo, Rio de Janeiro, nº 18, pp. 77-123

ARAGÃO, Eugênio. Ministério Público. **In: Enciclopédia do golpe** vol.1. 2017

BALLESTRIN, Luciana. **O Debate Pós-democrático no Século XXI**. Revista Sul-Americana de Ciência Política, v. 4, n. 2, 149-164. 2018.

BOBBIO, Nobert. **Direita e Esquerda: Razões e significados para uma distinção política**. São Paulo. Ed. Unesp. 1994

BARDIN, Laurence. Análise de comunicação de massas: o horóscopo de revista. **Análise de Conteúdo**. Edições 70. São Paulo. 1977

BENTO, Maria Aparecida. **Pacto Narcísicos do Racismo**. Tese de Doutorado. 2002

BERDELLI, Edilane. **Que família é esta? Mosaico de diferenças, contradições, discriminações**. 2018. Revista em PAUTA, Rio de Janeiro \_ 2º Semestre de 2018 -

n. 42, v. 16, p. 17 – 33 Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

BOITO, Armando. **Reforma e crise política no Brasil**. São Paulo. Ed. Fundação Editora UNESP. 2018

BOITO, Armando. **Por que caracterizar o bolsonarismo como neofascismo**. Miolo\_Rev\_Critica\_Marxista-50. 26/03/202

BORGES, André; Vidgal, Robert. **Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras**. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, vol. 24, nº 1, jan.-abr., 2018. CALMON, Ana. Fragmentos do Passado. 1997. Itaberaba-BA

CARDOSO, Lourenço. **Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista**. Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud (Vol. 8 no. 1 ene-jun 2010)

CARVALHO, João. **Partidos de extrema-direita e a gestão da crise do asilo na Europa: o caso francês**. 2016

CASARA, Rubens. Precisamos falar da direita Jurídica: a judicialização da política. Maria Luiza Quaresma Tonelli. **In: Enciclopédia do golpe** vol.1. 2017

CASEMIRO, Flávio. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. (orgs) Esther Solano. **In: Ódio como Política**. São Paulo. Ed. Boitempo. 2018

CALIXTO, Larissa. Dez fatos que ligam a família Bolsonaro a milicianos – **Congresso em Foco**. 23 de dez. 2019.

<https://congressoemfoco.uol.com.br/congresso-em-foco/dez-fatos-que-ligam-a-familia-bolsonaro-a-milicianos/>

COSTA, Diogo. Jornadas de 2013. **In: Enciclopedia do Golpe** vol.2 2017

CUNHA, Cristina. Mudança de estratégia de candidatos evangélicos ajudou a eleger Bolsonaro. **Revista|jornal Exame**, 2019. <https://exame.abril.com.br/brasil/mudanca-de-estrategia-de-candidatos-evangelicas-ajudou-a-eleger-bolsonaro/>

CUNHA, Magali. Evangélicos crescem no Brasil, mas a fé cristã diminui – **Revista Carta Capital**, 26 de março, 2020. <https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/evangelicos-crescem-no-brasil-mas-a-fe-crista-diminui/>

DATAFOLHA. Normas técnicas. São Paulo. 26 de out. 2018

DANTAS, Paulo Fabio. **“SURF” NAS ONDAS DO TEMPO: do carlismo histórico ao carlismo pós-carlista**. 2006

DE campeã de popularidade a 62% de rejeição: Seis momentos-chave no governo Dilma. **BBC News Brasil**. 18 de março 2015.

DIAS DE SOUZA, Marco Aurélio. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. 2014. 318 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara/SP, 2014.

DIBAI, Priscilla. **A direita radical no Brasil no pós-redemocratização: o caso de Jair Bolsonaro**. 2018. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2018.

ENTENDA a Operação Lava Jato, da Polícia Federal. **Folha de São Paulo**. 14 de novembro de 2014. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/11/1548049-entenda-a-operacao-lava-jato-da-policia-federal.shtml>

FAERMANN, Patrícia. Assange diz que Temer passou informações estratégicas do Brasil para EUA. **O jornal de todos os BrasisGGN**. <https://jornalgggn.com.br/relacoes-exteriores/assange-diz-que-temer-passou-informacoes-estrategicas-do-brasil-para-eua/> Patricia Faermann -09/01/2017

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil**. Editora Record. São Paulo. 1974.

GROULX, Lionel. Contribuição da Pesquisa Qualitativa. **In: Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2009

HUNTER, J.D. **Culture Wars**. The Struggle to Define America. New York: BasicBooks, 1991.

GONZALES, Julian, et al. **Guerra cultural em el capitalismo tadio: apuntes desde el libro negro del la nueva izquierda. Uma analisis a partir del a obra del pensador slavo Zizek**. 2019

JEFFREY, Alexander. **Vociferando contra o iluminismo: a ideologia de Steve Banon**. Yale University, Sociology Department, New Haven. CT, Estados Unidos

LISI, Marcos. **O começo de um novo ciclo? Eleições na Europa pós-crise**. 2018.

LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo**. São Paulo. Ed. Boitempo. 2016.

LOWI, Michel. **Conservadorismo e extrema-direita na Europa e no Brasil**. Serv. Soc., São Paulo, n. 124, p. 652-664, out./dez. 2015

LOPES, Eduardo. Os evangélicos e a política. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política** da UFSC Vol. 2 nº 2 (4), agosto-dezembro/2006, p. 91-112

LOWI, Michel. A extrema-direita: Um fenômeno global. **Combate Racismo ambiental**. 2019. <https://racismoambiental.net.br/2019/01/21/a-extrema-direita-um-fenomeno-global-por-michael-lowy/>

KYNSEL, André. Regressando ao Regresso: elementos para uma genealogia das direitas brasileiras. **In: Direita Volver**. 2015

KORYBRO, Andrey. **Guerra Híbrida**. São Paulo. Ed. Expressão Popular. 2015

MELLO, Patrícia Campos. **A Máquina do Ódio**. Ed. Companhia das Letras, São Paulo. 2020

MUNANGA, Kabengele. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RACA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03

- FESTA, Marcos. **O PROJETO ORVIL E A INTRODUÇÃO DA GUERRA CULTURAL NO CONTEXTO BRASILEIRO**. Fundação Universidade de Passo Fundo (FUPF). 2020
- MOURA, Clóvis. **Dialética Radical do Brasil Negro**. São Paulo. 1994
- MYNAYO, Maria. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes. Petrópolis. 2009.
- NETO, João Mascarenhas. **A vida de João Mascarenhas**. 2014. Itaberaba -BA
- NORRIS, Pippa. **A tese da “nova clivagem” e a base social do apoio à direita radical**. OPINIÃO PÚBLICA, Campinas, Vol. XI, nº 1, Março, 2005, p.1-32.
- NONNENBERG, Marcelo. China: Estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, vol. 30, nº 2 (118), pp. 201-218, abril-junho/2010
- PINHO, Eduardo. **Bolsonaro e os Quartéis: a loucura com método**.2020
- PASQUARELLI, Bruno. **Redemocratização e partidos políticos no Brasil e no Chile: incentivos institucionais, sistema partidário e processo decisório**. 2016.
- POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: **Pesquisa Qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Editora Vozes. Rio de Janeiro. 2009
- ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? (orgs.) Esther Solano In: **Ódio como Política**. São Paulo. Ed. Boitempo. 2018.
- QUIJANO, Aníbal. **Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina**. Dossiê da América Latina. 2005
- SINGER, André. A (falta de) base política para o ensaio desenvolvimentista. In: SINGER, André e LOUREIRO, Isabel (orgs.).In: **As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?** São Paulo: Boitempo, 2016
- SOLANO, Esther. **A Bolsonarização de Brasil**. Documentos de Trabajo IELAT, Nº 121, Abril 2019.
- SOLANO, Esther. Populismo de Direita. (Orgs.). Barbara Caramuru Teles. In: **Enciclopédia do Golpe vol.1**. 2017
- SOUZA, Jesse. **A Elite do Atraso: da escravidão a lava jato**. São Paulo. Ed. Leya. 2017
- SOUZA, Maria Capello. **Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964)**. São Paulo, Alfa-Omega, 1976.
- TATAGIBA, Luciana. Protestos à direita no Brasil(2007-2015). (Orgs.)Sebastião Velasco e Cruz André Kaysel Gustavo Codas. In: **Direita Volver**. 2015
- TEIXEIRA, Fernanda. **Política mandonista no Estado da Bahia: o fenômeno político do Carlismo e as sucessivas estratégias de adaptação da elite baiana**. Dissertação de Mestrado. 2010
- TORO, Jose Bernardo A.; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

TOSI, Alberto. **Ciclo de mobilização política e mudança institucional no Brasil**. Rodrigues. Revista de Sociologia e Política Print version ISSN 0104-4478 Online version ISSN 1678-9873 Reportagens jornalísticas:

TONELLI, Maria. Judicialização da política. In: **Enciclopédia do golpe vol.1. 2017**

VIEIRA, Bianca. **Mulheres negras no Brasil: trabalho, família e lugares sociais** CAMPINAS – SP. 2018. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Educação, na área de concentração Educação

VIEIRA, Henrique. **Fundamentalismo e extremismo não se esgotam-na experiência do sagrado nas religiões**. (orgs.) Esther Solano In: **Ódio como Política**. São Paulo. Ed. Boitempo. 2018.

ZAVERUCHA, Jorge. **Militares e participação política no Brasil do final do séc. XX e início do séc. XXI** REVISTA USP, São Paulo, n.49, p. 30-39, março/maio 2001

ZIMMERMANN, Clóvis. **PROGRAMAS SOCIAIS NO BRASIL: um estudo sobre o Programa Bolsa Família no interior do Nordeste brasileiro**. Caderno CRH, Salvador, v. 28, n. 73, p. 147-164, Jan./Abr. 2015.

#### REPORTAGENS DE SITES:

**A Tarde Online**. Decretada a prisão do prefeito de Itaberaba. 18 de agosto de 2009. Disponível em: <https://atarde.uol.com.br/bahia/salvador/noticias/1254959-decretada-a-prisao-do-prefeito-de-itaberaba>

AUGUSTO, Carlos. Familiares e amigos se despedem do ex-prefeito de Itaberaba Jadiel Almeida Mascarenhas. **Jornal Grande Bahia**. 21 de maio de 2016. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2016/05/familiares-e-amigos-se-despedem-do-ex-prefeito-de-itaberaba-jadiel-almeida-mascarenhas/>.

AUGUSTO, Carlos. Ex-prefeito de Itaberaba é condenado por aplicar quase nada em saúde. **Jornal Grande Bahia**. 25 de novembro de 2009. Disponível em: <https://www.jornalgrandebahia.com.br/2009/11/ex-prefeito-de-itaberaba-e-condenado-por-aplicar-quase-nada-em-saude/>

**BLOG do Latinha**. MP denuncia prefeito de Itaberaba por falsificar escrituras de imóveis. 11 de março de 2013. Disponível em: <http://blogdolatinha.blogspot.com/2013/03/mp-denuncia-prefeito-de-itaberaba-por.html>

**Bnews**. TRE inocenta o prefeito de Itaberaba em processo de abuso eleitoral. 23 de Janeiro de 2015. Disponível em: <https://www.bnews.com.br/noticias/politica/politica/105070,tre-inocenta-o-prefeito-de-itaberaba-em-processo-de-abuso-eleitoral.html>

BOLSONARO conquistou eleitorado mais masculino, mais branco e mais rico do que adversários do PT em 2010 e 2014 1 DE NOVEMBRO DE 2018. **Gênero Mídia** <http://www.generonumero.media/bolsonaro-conquistou-eleitorado-mais-masculino->

mais-branco-e-mais-rico-do-que-adversarios-do-pt-em-2010-e-2014/ (1º de novembro de 2018)

BRITO, Carlos. Bahia pode ser contemplada com mais uma universidade federal **Blog Carlos Britto**. 6 de novembro de 2014. Disponível em:

<https://www.carlosbritto.com/bahia-pode-ser-contemplada-com-mais-uma-universidade-federal/>

CHAPADA: Prefeito de Itaberaba não recolhe os carnês do IPTU com suas fotos. 15 de fevereiro de 2011. **Jornal da Chapada**. Disponível em:

<https://jornaldachapada.wordpress.com/2011/02/15/chapada-prefeito-de-itaberaba-nao-recolhe-os-carnes-do-iptu-com-suas-fotos/>

CHAPADA: Prefeito de Itaberaba escolhe Ricardo Mascarenhas para disputar a sucessão em 2016. 13 de junho de 2016. **Jornal da Chapada**. Disponível em:

<https://jornaldachapada.com.br/2016/06/13/chapada-prefeito-de-itaberaba-escolhe-ricardo-mascarenhas-para-disputar-a-sucessao-em-2016/>

**GAZETA do Povo**. Resultados para Presidente na Bahia em Itaberaba (BA)

<https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/resultados/municipios-bahia/itaberaba-ba/presidente/>

HADDAD ganha no Nordeste; e Bolsonaro, nas demais regiões do país. Por Gabriela Caesar, **G1**. 29/10/2018 <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/29/haddad-ganha-no-nordeste-e-bolsonaro-nas-demais-regioes-do-pais.ghtml>

**ITABERABA Notícias**. Prefeito paga fiança e escapa da prisão. 20 de agosto de 2006. Disponível em: <https://www.itaberabanoticias.com.br/brasil/prefeito-paga-fianca-e-escapa-da-prisao>

**ITABERABA notícias**. Eleições De Itaberaba 2008 – Mudanças Que Permanecem Até Hoje. 24 de setembro de 2016. Disponível em:

<https://www.itaberaba.net/eleicoes-de-itaberaba-2008-mudancas-que-permanecem-ate-hoje/>

**ITABERABA Notícias**. O Açude, Barragem Juracy Magalhães. Disponível em:

<https://www.itaberabanoticias.com.br/sobre-itaberaba/o-acude>

MAIORIA de bolsonaristas moderados está arrependida do voto. **Jornal de Brasília**.

11 de março. 2020. <https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/maioria-de-bolsonaristas-moderados-esta-arrependida-do-voto/>

‘NOVA política’ é esconderijo de Bolsonaro para autoritarismo. **Carta Capital**.

<https://www.cartacapital.com.br/politica/nova-politica-e-esconderijo-de-bolsonaro-para-autoritarismo/>

NO 1º ano de Bolsonaro, educação, saúde e social pioram, criminalidade recua e economia vê equilíbrio. **Folha de São Paulo**.

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/02/no-1o-ano-de-bolsonaro-educacao-saude-e-social-pioram-criminalidade-recua-e-economia-ve-equilibrio.shtml>

PEIXOTO, André. Reflexões sobre o bolsonarismo. **La Diplomatie**. 25 de out.

2018. <https://www.google.com/search?q=Reflex%C3%B5es+sobre+o+bolsonarismo.>

+2018+%E2%80%93+La+Diplomatique&oq=r&aqs=chrome.0.69i59j69i57j0l3j69i60l3.2134j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8

**REDE GN.** Chapada: Jornalistas da Rede Globo são hostilizados no gabinete do prefeito de Itaberaba. 9 de março de 2015. Disponível em: [https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod\\_noticia=60886](https://www.redegn.com.br/?sessao=noticia&cod_noticia=60886)

SOUZA, André. **La Diplomatie.** Reflexões sobre o Bolsonarismo. [https://diplomatie.org.br/reflexoes-sobre-o-bolsonarismo/..](https://diplomatie.org.br/reflexoes-sobre-o-bolsonarismo/)

SOUZA, Jesse. Os 100 dias de um idiota.. **Poder Vermelho.** 2019. <https://vermelho.org.br/2019/04/09/jesse-de-souza-os-100-dias-de-um-idiota-no-poder/>

**SERTÃO Baiano.** Testemunha confirma à justiça que foi 'laranja' do prefeito de Itaberaba. 27 de fevereiro 2015. Disponível em: <http://sertaobaiano.com.br/noticia/testemunha-confirma-a-justica-que-foi-laranja-do-prefeito-de-itaberaba>

**SE Liga Chapada.** Ex-prefeito de Itaberaba terá que devolver R\$3,5 milhões. 24 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.seligachapada.com.br/ex-prefeito-de-itaberaba-tera-que-devolver-r35-milhoes/>

TAVARES, Jaomir. Facada que quase matou Bolsonaro completa 1 ano e vira trunfo político **Folha de São Paulo.** 31. ago.2019

VIDA e ascensão do capitão Bolsonaro – **El País.** São Paulo 01 de abril. 2018

**TSE.** Disponível em: <https://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-anteriores/eleicoes-1998/candidaturas-votacao-e-resultados/votacao-no-municipio-eleicoes-1998>

MONTEIRO, Raul. Itaberaba: Irmão de atual prefeito declara apoio à candidatura do opositor Delsuc Moscoso. **Política Livre** - 02 de outubro de 2012. Disponível em: <https://politicalivre.com.br/2012/10/itaberaba-irmao-de-atual-prefeito-declara-apoio-a-candidatura-opositor-delsuc-moscoso/#gsc.tab=0>

**TSE,** 2018.

**TRIBUNAL de Contas da Bahia.** João Almeida Mascarenhas cometeu irregularidades na contramão da cooperativa de saúde e fez publicidade autopromocional. 28 de julho de 2011. Disponível em: <https://www.tcm.ba.gov.br/prefeito-de-itaberaba-e-multado-em-r-5-mil/>

**APÊNCIDE 1: ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA**

1ª Pergunta	Apresentação: nome, idade, trabalho, salário
2ª Pergunta	Na sua opinião, quais os problemas do Brasil?
3ª Pergunta	O que você acha dos partidos políticos?
4ª Pergunta	O que você acha da imprensa (TV principalmente)?
5ª Pergunta	O que você acha do Judiciário?
6ª Pergunta	Em quem você votou? E porquê?
7ª Pergunta	O que você acha da proposta econômica do seu candidato?
8ª Pergunta	Diante da violência no Brasil, o que você acha que seu candidato poderia mudar?
9ª Pergunta	O que você acha dos outros candidatos?
10ª Pergunta	O que você acha quando outros candidatos, pessoas de modo geral, falam que seu candidato é contra os negros, gays, contra as mulheres, nordestinos e contra os índios?

## APENDICE 2: FACEBOOK DO GRUPO DIREITA CHAPADA

The screenshot shows the mobile interface of the Facebook page for 'Direita Chapada'. At the top, the browser address bar displays 'Direita Chapada...' and 'm.facebook.com'. Below this is the Facebook logo and a blue banner with the text 'Direita Chapada está no Facebook. Para se conectar com Direita Chapada, entre ou crie uma conta.' To the left of the text is the 'Direita Chapada' logo, which features a green circle with a white arrow pointing right and the words 'DIREITA' and 'CHAPADA' around it. Below the banner are two buttons: a blue 'Entrar' button and a green 'Criar nova conta' button, separated by the word 'ou'. Below the banner is a photograph of a group of people at night, many holding Brazilian flags, in front of a large billboard. The billboard features a portrait of Jair Bolsonaro and the text 'Eu apoio Político Honesto. E você?' and '#BOLSONARO'. Below the photo is the profile header for 'Direita Chapada', which includes the logo, the name 'Direita Chapada', the word 'Comunidade', and a 'Cur tir' button with a thumbs-up icon. Below the header is a blue 'Mensagem' button and a grey button with three dots. At the bottom, there is a navigation bar with five options: 'Página inicial', 'Eventos', 'Avaliações', 'Sobre', and 'Vídeos'.

Direita Chapada...  
m.facebook.com

facebook

**Direita Chapada está no Facebook.** Para se conectar com Direita Chapada, entre ou crie uma conta.

Entrar

ou

Criar nova conta

**Eu apoio Político Honesto. E você?**  
"Brasil acima de tudo, Deus acima de todos."  
- Jair M. Bolsonaro  
#BOLSONARO

**DIREITA CHAPADA**

**Direita Chapada**  
Comunidade

Cur tir

Mensagem

Página inicial   Eventos   Avaliações   Sobre   Vídeos